



ESCOLA SUPERIOR  
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**Arte e informação: os contributos do jornalismo-arte para a  
conceção de conteúdo jornalístico inovador.**

MARIA LEONOR SARMENTO WICKE

Projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em jornalismo

**Orientadora:**

Professora Doutora Anabela de Sousa Lopes

Escola Superior de Comunicação Social

JULHO, 2022

## DECLARAÇÃO ANTI PLÁGIO

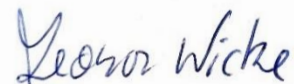
Declaro que o presente trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, é exclusivamente da minha autoria. Mais informo que todas as citações e referências a outros autores estão devidamente identificadas, segundo a 7ª edição das Normas APA.

Este trabalho é original e integralmente inédito, nunca tendo sido submetido (no seu todo ou em qualquer das suas partes) a outra instituição de ensino superior para a obtenção de um grau académico ou de qualquer outra habilitação.

Acrescento que tenho plena consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 15 de julho de 2022

A candidata,



---

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, a Professora Anabela de Sousa Lopes, que me guiou desde o início e foi incansável com as suas observações, sugestões e reparos. Fez questão de equiparar o seu entusiasmo ao meu e apoiar-me sempre com uma diligência e boa disposição admiráveis. Não teria sido possível completar este projeto sem o seu inestimável empenho.

À Professora Cátia Nabais Mendonça, que se mostrou sempre disponível nas ideias para o meu projeto, dando-me incontáveis conselhos, inspirações e motivação.

À Professora Vera Moutinho, que também foi sempre acessível e partilhou comigo a sua experiência jornalística e conselhos valiosos.

A todos os artistas com quem falei, que me inspiraram com os seus trabalhos e se mostraram sempre disponíveis para colaborar neste projeto, em especial ao Mário Belém, que permitiu que incorporasse uma das suas brilhantes obras neste trabalho.

À Mariana Martins que, com a sua visão e criatividade inigualáveis, me ajudou com o *design* e edição dos elementos visuais da reportagem.

Ao Marcelo e à Rafaela, os meus companheiros de mestrado (e estimados amigos) que sempre fizeram tempo para ler e redigir trabalhos académicos e jornalísticos, mesmo quando o tempo escasseava.

A todos os que, de uma forma ou outra, contribuíram para a redação deste documento com pequenos ou grandes detalhes.

Obrigada.

## RESUMO

O jornalismo contemporâneo está assente numa era de imagem, onde a vertente visual tem tomado conta das plataformas e conteúdos jornalísticos. O presente projeto descreve o processo desenvolvido na criação de uma reportagem à luz do jornalismo-arte, tendo como principal objetivo a compreensão da importância deste tipo de abordagens artísticas para o jornalismo da atualidade. São descritos todos os procedimentos e investigação envolvidos na conceção de uma reportagem cujo tema é o apoio psicológico telefónico em Portugal. Apresentada numa plataforma multimédia, esta peça envolve arte urbana, fotografia, iconografia e vídeo. A par do projeto, é apresentado um estado da arte do jornalismo estético e análise das suas características e limitações, assim como um levantamento e escrutínio de projetos com base nesta vertente. Realiza-se uma reflexão sobre o papel que o jornalismo-arte pode ter no meio informativo da atualidade e quais as lacunas que a criatividade e a arte podem colmatar. Esta investigação pretende convidar o jornalismo a reinventar-se e a expandir as suas fronteiras, ao incorporar abordagens jornalísticas menos canónicas que desafiem uma estética e valores cristalizados.

**Palavras-chave:** jornalismo-arte; jornalismo estético; arte urbana; criatividade; apoio psicológico telefónico

## ABSTRACT

Enveloped by an era of image, the visual component of contemporary journalism has taken over its journalistic platforms and contents. The present project describes the developing process underlying a reportage based in art-journalism, having as its main objective the comprehension of the cardinal role that such artistic approaches have in journalism today. The psychological telephone support in Portugal will be the theme of the reportage, and all the procedures and investigation involved in its conception will be described. Displayed in a multimedia platform, this piece involves urban art, photography, iconography and video. Throughout the project, a state of art regarding aesthetic journalism as well as an analysis of its characteristics and limitations will be presented, in addition to a gathering and scrutiny of projects based in this dimension. A reflection about the role that art-journalism can have in the present informative environment is offered, taking into particular consideration its ability to bridge creativity and art. This investigation has as its main aim an invitation for journalism to reinvent itself and expand its borders, whilst incorporating less canonical journalistic approaches that challenge a crystallized aesthetic and values.

**Keywords:** art-journalism; aesthetic journalism; urban art; creativity; psychological telephone support

*“Aquilo que não cabe num jornal pode ser precisamente a matéria mais poética”*

*Afonso Cruz, Jalan Jalan – Uma Leitura do Mundo*

## CARTA DE INTENÇÕES

Caro leitor,

Serve o presente prelúdio para explicar as motivações que me levaram a enveredar por este projeto focado no jornalismo-arte. As artes sempre me cativaram e, ao longo dos anos, pude explorar várias vertentes artísticas. Algumas sempre fizeram parte do meu percurso e formação, como a música e a escrita e outras foram surgindo, como a fotografia, a pintura ou o cinema. Tentei, de alguma forma, manter sempre viva esta faceta artística, que se foi sempre manifestando no meu percurso pessoal e profissional. Embalada por esta curiosidade e fascínio pelas artes, procurei encaminhar os meus trabalhos e unidades curriculares consoante o meu gosto pela vertente artística e subjetiva do jornalismo. Ao longo dos anos tenho observado os meios de comunicação com olhar crítico e denotado uma certa monotonia e semelhança estética entre os meios de comunicação da atualidade. Com a eclosão das plataformas multimédia, têm surgido cada vez mais projetos com conteúdos e formatos mais artísticos, que têm captado a minha atenção e despertado ainda mais interesse por estas abordagens, ainda escassas.

Enquanto futura jornalista, encaro o jornalismo como um meio inclusivo e recetivo a transformações. Creio que no jornalismo pode caber um mundo de possibilidades e que a arte e a criatividade podem ser a chave para tornar este meio mais apelativo e interessante. Gostaria de assistir a uma hibridização entre a arte e a informação, algo que creio não ser demasiado ambicioso, apenas desafiante. Num mundo cada vez mais pautado pela objetividade, onde conceitos como *factchecking* ou *fake news* povoam um jornalismo contemporâneo muito descredibilizado pelo público, considero que a veia artística pode fluir como forma de contrariar a normatividade estética a que tenho assistido. Foi assente nestes pensamentos que o jornalismo-arte se transformou no tema deste trabalho, dando azo ao projeto que aqui apresento, numa ode às artes e à sua inclusão no jornalismo, que materializei através da reportagem “As vozes anónimas que ajudam quem precisa, à distância de um telefonema”. Porque se a democracia necessita do jornalismo para vingar, o mesmo sucede com as artes para alimentar a mente humana. É preciso reinventar e renovar o jornalismo como o conhecemos e toda a criatividade é bem-vinda neste processo. Espero que o projeto que em seguida apresento seja esclarecedor sobre o jornalismo-arte e que demonstre

como esta abordagem pode inovar o meio informativo. Desejo também que este trabalho possa abrir portas a uma investigação mais aprofundada sobre esta vertente jornalística, assim como outras abordagens menos ortodoxas, de forma a estimular o pensamento criativo e inovador, fulcrais na prática jornalística.

Obrigada,

M<sup>a</sup> Leonor Wicke

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>3</b>
<b>1. O jornalismo perante novos desafios</b> .....	<b>3</b>
<b>2. O jornalismo-arte</b> .....	<b>10</b>
2.1 A conjugação do jornalismo e da arte ao longo da história no Ocidente .....	10
2.2 Definição e características do jornalismo-arte .....	19
2.3 Limitações e problemáticas do jornalismo estético .....	29
2.3.1 A colaboração artista-jornalista .....	29
2.3.2 Imediatismo, sensacionalismo e esbatimento de fronteiras .....	33
<b>3. Materialização e presença do jornalismo estético na atualidade</b> .....	<b>38</b>
3.1 O jornalismo-arte no mundo .....	40
3.2 O jornalismo estético em Portugal .....	49
<b>PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....	<b>55</b>
<b>1. Método</b> .....	<b>55</b>
<b>2. Técnicas de Investigação</b> .....	<b>56</b>
<b>3. Conceção da reportagem “As vozes anónimas que ajudam quem precisa, à distância de um telefonema”</b> .....	<b>57</b>
3.1 Pesquisa de informação e recolha de testemunhos .....	58
3.2 Redação da notícia e construção do website .....	62
<b>PARTE III - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>65</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>68</b>
<b>Plataformas e bibliografia utilizada na reportagem</b> .....	<b>72</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>74</b>
<b>Anexo 1 – Imagens e fotogramas de reportagens, documentários e projetos de jornalismo estético</b> .....	<b>74</b>
<b>Anexo 2 – Entrevistas</b> .....	<b>79</b>

2.1 - Entrevista a Mário Belém, artista da obra “Às vezes dói (mas eu escondo)”. Realizada no dia 24 de maio de 2022. ....	79
2.2 - Entrevista a Vera Moutinho, jornalista multimédia do jornal Público). Realizada no dia 25 de maio de 2022. ....	85
<b>Anexo 3 – Entrevistas para a realização da reportagem .....</b>	<b>93</b>
3.1 - Entrevista a Manuela Borges, 73 anos, Vice-Presidente e coordenadora da associação SOS Voz Amiga. Realizada a 27 de maio de 2022. ....	93
3.2 - Entrevista a Eliana Cruz, 41 anos, psicóloga do Centro de Apoio Psicológico e de Intervenção em Crise (CAPIC) do INEM. Realizada no dia 31 de maio de 2022. ....	99
3.3 - Entrevista a Sofia Santos Nunes, 28 anos, Presidente da Associação Sobreviver. Realizada no dia 31 de maio de 2022.....	101
3.3 – Entrevista a Inês (nome fictício), de 22 anos, jovem com crises de ansiedade depois do confinamento. Realizada no dia 8 de junho de 2022. ....	103
3.4 – Entrevista a Lúcia Amado, 51 anos, psicóloga clínica que já trabalhou na linha de apoio SOS Voz Amiga. Realizada no dia 9 de junho de 2022. ....	107
3.5 - Entrevista a Marco (nome fictício), 30 anos, jornalista que utilizou a linha de apoio “Conversa Amiga”. Realizada no dia 28 de junho de 2022. ....	111
<b>Anexo 4 – Reportagem “As vozes anónimas que ajudam quem precisa, à distância de um telefonema” .....</b>	<b>113</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Arco da dimensão estética na prática jornalística. Fonte: Morales, F.L. (2021) p. 11 .....	25
<b>Figura 2</b> - Grelha de análise das características do jornalismo-arte. Fonte: Elaboração própria .....	39
<b>Figura 3</b> - Suplemento "Ilustríssima" do jornal Folha de S. Paulo do dia 2 de agosto de 2015. Fonte: Maria Eugenia Longo Cabello Campos .....	40
<b>Figura 4</b> - Instalação do projeto "The Eyes of Gutete Emerita", reproduzida por Alfredo Jaar. Fonte: Musée Vanguard of Photography Culture .....	41
<b>Figura 5</b> - Imagem aérea da instalação, que recria o ponto de vista dos drones quando se preparam para bombardear uma localidade. Fonte: Not a Bug Splat .....	43
<b>Figura 6</b> - No prólogo da reportagem é possível ouvir um ex-prisioneiro cantar, enquanto uma animação acompanha o áudio. Fonte: The New Yorker .....	44
<b>Figura 7</b> - Fotograma do episódio 2 da reportagem "The Zo", minuto 2:40. Fonte: The Marshall Project	45
<b>Figura 8</b> - Fotograma do episódio 2 da reportagem "The Zo", minuto 2:33. Fonte: The Marshall Project	45
<b>Figura 9</b> - Fotograma do episódio 2 da reportagem "The Zo", minuto 2:24. Fonte: The Marshall Project	45
<b>Figura 10</b> - Conjunto dos sete espaços que compõem a instalação Seat at the Table. Fonte: Communication Arts.....	46
<b>Figura 11</b> - Conjunto dos sete espaços que compõem a instalação Seat at the Table. Fonte: Communication Arts.....	46
<b>Figura 12</b> - Conjunto dos sete espaços que compõem a instalação Seat at the Table. Fonte: Communication Arts.....	46
<b>Figura 13</b> - Conjunto dos sete espaços que compõem a instalação Seat at the Table. Fonte: Communication Arts.....	46
<b>Figura 14</b> - Conjunto dos sete espaços que compõem a instalação Seat at the Table. Fonte: Communication Arts.....	46
<b>Figura 15</b> - Conjunto dos sete espaços que compõem a instalação Seat at the Table. Fonte: Communication Arts.....	46
<b>Figura 16</b> - Conjunto dos sete espaços que compõem a instalação Seat at the Table. Fonte: Communication Arts.....	46
<b>Figura 17</b> - Conjunto dos sete espaços que compõem a instalação Seat at the Table. Fonte: Communication Arts.....	46
<b>Figura 18</b> - Mural Forgotten Fishermen feito pelo artista irlandês Decoy. Fonte: The Outlaw Ocean Mural Project .....	47

<b>Figura 19</b> - Página inicial do projeto, onde se podem encontrar todos os álbuns e músicas. Fonte: The Outlaw Ocean Music Project .....	48
<b>Figura 20</b> - Página inicial do projeto "Um dia normal" do jornal Público. Fonte: Jornal Público.....	50
<b>Figura 21</b> - Transição entre imagens consoante o percorrer da página até ao momento em que o leitor pode escolher o rumo da reportagem. Fonte: Jornal Divergente .....	52
<b>Figura 22</b> - Página inicial do segmento Fisga da Revista E. Fonte: Elaboração Própria .....	53
<b>Figura 23</b> - Capa da edição a Revista Gerador de maio de 2021. Fonte: Elaboração Própria .....	53
<b>Figura 24</b> - Mapa do bairro da Mouraria, onde o leitor pode clicar em cada uma das personagens para ler mais sobre a sua história. Fonte: Mundo Mouraria.....	54
<b>Figura 25</b> - Peça "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém .....	58
<b>Figura 26</b> - Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém.....	59
<b>Figura 27</b> - Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém .....	59
<b>Figura 28</b> - Detalhe do Qr code.....	60
<b>Figura 29</b> - Idealização da obra como arte urbana .....	60
<b>Figura 30</b> - Iconografia com as percentagens de prevalência de alguns distúrbios mentais, parte integrante da reportagem. Fonte: Elaboração própria.....	62
<b>Figura 31</b> - Iconografia com as percentagens de prevalência de alguns distúrbios mentais, parte integrante da reportagem. Fonte: Elaboração própria.....	62
<b>Figura 32</b> - Segmento da reportagem com iconografia que sumariza a quantidade de psiquiatras por 100 00 habitantes e a distribuição de consultas de psicologia do SNS. Fonte: Elaboração própria .....	63
<b>Figura 33</b> - Ilustração de um fio telefónico, alusivo ao tema, incluído no segmento inicial da reportagem. Fonte: Elaboração própria.....	64
<b>Figura 34</b> - Contador do número de chamadas registadas pela associação "SOS Voz Amiga", em formato GIF. Fonte: Elaboração própria .....	64
<b>Figura 35</b> - Instalação do projeto "The Eyes of Gutete Emerita" que representa o um milhão de vítimas do genocídio de 1994 do Ruanda. Fonte: Alfredojaar.net .....	74
<b>Figura 36</b> - Crianças fogem após um ataque aéreo com napalm no Sul do Vietname em 1972. Fotografia de Nick Ut. Fonte: The New York Times .....	75
<b>Figura 37</b> - Fotograma de uma animação em realidade virtual da situação vivida nas localidades habitadas pelas minorias, agora controladas pelas autoridades chinesas. Fonte: The New Yorker.....	75
<b>Figura 38</b> - Título do terceiro capítulo da reportagem. Fonte: The New Yorker.....	76
<b>Figura 39</b> - Página final da edição da Revista E de dia 7 de janeiro de 2022. Fonte: Elaboração Própria	76
<b>Figura 40</b> - Capa da Revista E que acompanhou a edição impressa do Jornal Expresso do dia 7 de janeiro de 2022. Fonte: Elaboração Própria.....	76

<b>Figura 41</b> - Página inicial da edição especial do 25º aniversário do jornal Público. Fonte: Jornal Público .....	77
<b>Figura 42</b> - Detalhes visuais que ilustram a reportagem "Conhecer as cidades através da cultura e da criatividade", disponível na revista Gerador. Fonte: Elaboração Própria .....	77
<b>Figura 43</b> - Detalhes visuais de um resumo sobre o jornalista Pedro Coelho, disponível na revista Gerador. Fonte: Elaboração Própria.....	77
<b>Figura 44</b> - Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo) Fonte: Mário Belém .....	78
<b>Figura 45</b> - Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém.....	78
<b>Figura 46</b> - Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo) Fonte: Mário Belém .....	78
<b>Figura 47</b> - Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo) Fonte: Mário Belém .....	78
<b>Figura 48</b> - Segmento final da reportagem, onde consta a obra de arte e algumas informações. Fonte: Elaboração própria.....	79

## INTRODUÇÃO

A arte desperta, indiscutivelmente, emoções no observador. O jornalismo-arte, tema central deste projeto, exulta a conjugação entre arte e jornalismo, cujo objetivo é estimular a atenção do espetador através das emoções e convidá-lo a envolver-se ainda mais com o conteúdo e informação transmitidos, criando uma intimidade emocional entre o autor e o leitor. “Enquanto o jornalismo reporta, e a ficção revela, o jornalismo artístico faz ambos”<sup>1</sup> (Cramerotti, 2009, p. 103), apresentando-se como uma fusão sublime entre a subjetividade e a factualidade da informação. Este tema revela-se tão importante como revolucionário para o jornalismo, na medida em que existe pouca investigação e literatura sobre o assunto. Conceitos como criatividade e artes são pouco incluídos no léxico da prática jornalística atual, o que culmina numa estagnação estética do meio. Ainda assim, alguns projetos e meios de comunicação têm sido pioneiros nesta apropriação das artes no jornalismo, ainda que sejam uma minoria.

O valor adicional que era outrora atribuído ao jornalismo foi-se perdendo devido à urgência da publicação de conteúdo, ao baixo custo de produção e à enorme variedade de órgãos e fontes de informação. É necessário redefinir o valor do trabalho jornalístico, de forma a reinventar o ofício dos jornalistas (Picard, 2019), numa atualidade onde o jornalismo tem vindo a ser cada vez mais descredibilizado. A criatividade surge, assim, como uma oportunidade para revigorar este meio estagnado ao impregnar o jornalismo de novas ferramentas, plataformas e modos de transmitir informação.

O projeto que aqui apresento consiste na criação de uma reportagem sobre o apoio psicológico telefónico em Portugal, realizada à luz das características do jornalismo estético. A abordagem deste projeto vai incorporar elementos estéticos e artísticos como uma renovação criativa do panorama mediático, demonstrando como a sua utilização pode ser benéfica para o jornalismo. A reportagem “As vozes anónimas que ajudam quem precisa, à distância de um telefonema” comporta elementos fotográficos, iconográficos e ilustrativos na sua página, tendo como ponto de partida um mural alusivo ao tema realizado pelo artista urbano Mário Belém. Irei excluir a faceta da receção da informação, ou seja, o estudo da adesão do público a estas propostas,

---

<sup>1</sup> Traduzido do original “While journalism reports, and fiction reveals, aesthetic journalism does both”

uma vez que tornaria o trabalho demasiado extenso, tendo em conta os limites de páginas e prazos de entrega.

Desta forma, a pergunta de partida delineada para guiar este projeto é: “Como pode o jornalismo incorporar componentes artísticas e visuais, de forma a renovar a estética jornalística?”. A fim de responder à questão colocada, foram estipulados os seguintes objetivos: i) explorar e identificar as características e conceitos do jornalismo-arte; ii) compreender quais os benefícios que a valorização da estética e arte pode trazer para o jornalismo; iii) evidenciar como se materializa o jornalismo estético numa reportagem.

No presente trabalho apresento, na primeira parte, o estado da arte sobre o jornalismo-arte, assim como uma operacionalização dos seus conceitos. Este enquadramento teórico subdivide-se em três capítulos e tem como objetivo explorar os princípios do jornalismo-arte, a sua história, características, representações no jornalismo da atualidade e limitações. Seguem-se as opções metodológicas, onde consta a pergunta de partida e respetivos objetivos, assim como uma descrição do método e técnicas aplicadas no trabalho. No mesmo capítulo são descritos todos os procedimentos e ferramentas utilizadas para conceber a reportagem. Este trabalho culmina na materialização da reportagem “As vozes anónimas que ajudam quem precisa, à distância de um telefonema”, realizada segundo o jornalismo-arte.

Para uma melhor compreensão deste trabalho, muitos dos conteúdos visuais são parte integrante do corpo do texto. São apresentados em anexo alguns materiais que são considerados menos fundamentais ao que já resultava suficientemente claro pela leitura do texto e análise das imagens já apresentadas.

# PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 1. O JORNALISMO PERANTE NOVOS DESAFIOS

*A forma como o jornalismo é ensinado, deveria ser banhada pela luz da imaginação e pela ideia de que o jornalismo pode ser e amiúde é uma das nossas principais artes<sup>2</sup> (Adam, 2006, p.367).*

As mudanças impostas ao longo dos séculos, mais recentemente pelos desenvolvimentos tecnológicos, têm deixado um rasto de transformações que exige dos jornalistas uma adaptação constante. O mundo assistiu a uma globalização imparável nas últimas décadas, sustentada pela internacionalização da economia e evolução contígua dos meios de comunicação. Potenciado pela explosão da *internet*, observamos na atualidade um jornalismo em esteroides, onde grandes volumes de informação são produzidos cada vez mais rápido e instantaneamente, ao sabor de um modelo de negócios assente no imediatismo. Não é novidade que estas evoluções têm “remodelado as relações entre e dentro das organizações mediáticas, jornalistas e os seus muitos públicos”<sup>3</sup> (Pavlik, 2010, p.7), moldando o jornalismo à imagem da era digital. Segundo um relatório realizado pela ERC<sup>4</sup> sobre públicos e consumos de *media*, o conteúdo multimédia é apreciado pelos consumidores de notícias, com 61% dos inquiridos a preferir vídeos como formato de consulta de notícias. A consulta de galerias de fotografias é escolhida como formato preferido por 31% da amostra e as infografias por 15%. A maioria dos consumidores de notícias continua a preferir os elementos escritos (42%) e 65% mostra-se predisposto a ler histórias longas ou artigos. Estes resultados demonstram a preponderância da escrita no consumo de notícias, reconhecendo a relevância dos códigos visuais nas notícias, a par da tendência crescente do consumo de conteúdo multimédia (Gonçalves, 2015). Confrontado com estas mudanças, o jornalismo deve almejar a reinventar-se, procurando abordagens diferentes, mas também criativas, de forma a renovar o panorama mediático.

---

<sup>2</sup> Traduzido do original “As journalism is taught, it should be bathed in the light of the imagination and the idea that journalism can be and often is one of our highest arts”

<sup>3</sup> Traduzido do original “reshaping the relationships between and among news organizations, journalists and their many publics”

<sup>4</sup> Entidade Reguladora para a Comunicação Social

As mudanças tecnológicas coagiram o meio a modernizar-se, permitindo que uma variedade de plataformas e características multimídia se conjugassem com a transmissão de informação. A *internet* veio potencializar a faceta estética do jornalismo através de várias técnicas que se lhe foram agregando, como a imagem e vídeo (Cramerotti, 2009) originando um panorama onde “finalmente, a hibridização caracteriza a estética transversal, diversa e rica, própria das artes digitais”<sup>5</sup> (Couchot, 2002, p.9). Nesta era digital, o jornalista é compelido a incluir atributos multimídia na produção de conteúdo, o que se tem tornado no valor de troca atual da indústria informativa, uma vez que “somos (in)corporados numa sociedade imagocêntrica, que nos coloca um problema de dupla face, ou seja, de uma imagem colonizadora e de uma imagem solidária” (Alves, 2005, p. 193). Uma das linguagens essenciais na atualidade, segundo Peltzer (1991), é precisamente esta linguagem das imagens e do visual, que permite perceber através delas uma variedade de características que o texto limita.

Muitas das vezes, as organizações mediáticas tendem a duplicar conteúdo disponibilizado por outras agências, de forma a responder à corrida do imediatismo e baixo orçamento (Cramerotti, 2009). Acaba por acontecer uma canibalização de conteúdos entre os vários meios de comunicação, originando uma homogeneização da informação e das formas de a veicular. Quase todos os meios de comunicação *mainstream* acabam por ter uma apresentação e estética muito semelhantes entre si, convergindo num estereótipo visual que todos associamos ao jornalismo contemporâneo. “A diferença entre o falso e o verdadeiro, entre a realidade e a irrealidade, deixou de ser obrigatória e pertinente. Aquilo que hoje é objeto de socialização é o imaginário. Por isso, a nossa época é a de uma estetização generalizada e difusa” (Alves, 2005, p. 190). Esta uniformização e a centralização da informação estão, consecutivamente, a matar o jornalismo (Picard, 2019), ao imporem um modelo cristalizado, escravizado pelo imediatismo.

Esta modernização tecnológica originou um jornalismo instantâneo, rápido e ágil. Alves (2005) considera que esta intricada panorâmica, consequente da amálgama originada pelo surgimento da *internet*, não pode fazer esquecer a história e o poder da comunicação, assente na intersubjetividade e compreensão entre áreas distintas. Atualmente, encontramos-nos numa

---

<sup>5</sup> Traduzido do original “Finally, hybridisation characterises a transversal aesthetic, diverse and rich, proper to the digital arts.”

encruzilhada onde, apesar das convicções primordiais do jornalismo se manterem inalteradas, o meio que o envolve tem-se modificado, mudando, conseqüentemente, a forma como se pratica o jornalismo (Deuze, 2019, p.2). É nesta constante metamorfose do meio que se alicerça o jornalismo-arte, com o objetivo de se adaptar e reestruturar o jornalismo, ao conjugar informação e arte.

Dawn Garcia, jornalista e diretora das bolsas John S. Knight da Universidade de Stanford, refere numa entrevista ao Diário de Notícias que os velhos modelos do jornalismo estão simplesmente falidos e redundantes, sublinhando que “precisamos de gente criativa e não vai haver apenas um modelo, há vários que podem funcionar e é excitante ver o que podemos fazer” (Santos, 2018). Também Shazna Nessa, editora de imagem do Wall Street Journal, afirma, na mesma entrevista, que o principal desafio do jornalismo é mudar e ajustar-se à mudança, reforçando que ainda se usa demasiado texto nos seus conteúdos. Na opinião da editora, é crucial usar mais infografias, imagens e gráficos, não apenas com o objetivo de melhorar a apresentação, mas porque há informação que se comunica melhor desta forma. O jornalismo já se tem refratado nos mais diversos géneros e abordagens criativas, desde filmes documentários, fotojornalismo, *design* gráfico, *storytelling*, entre outros, todos eles conectados com géneros artísticos (Postema & Deuze, 2020, p.5). O jornalismo estético propõe-se a resgatar estas abordagens e a priorizá-las no processo de construção e disseminação de informação.

O jornalista é, por si só, uma espécie de artista, ainda que com um enquadramento de tempo mais exigente (Cramerotti, 2009). Esta época exacerbada de estímulos torna difícil escolher e hierarquizar a informação, de acordo com as necessidades individuais e coletivas. Destaca-se a responsabilidade do jornalista neste aspeto, adicionando a questão de que não há tempo suficiente para o leitor consumir todas as notícias produzidas (Sousa, 2008), o que exige uma curadoria e escolha detalhadas. Jonsson (2003) clarifica esta premissa: a forma como comunicamos é (cada vez mais) rápida, mas a tarefa de nos compreendermos mutuamente é algo árduo e que exige tempo. As características que considera essenciais convergem com as ideias de Cramerotti (2009), na medida em que o *slow journalism* requer da audiência um grau de compromisso, pensamento, imaginação e emoção. Ainda assim, o tempo não é diretamente proporcional à profundidade de significado percebido por cada um. O cerne da questão é precisamente dar o tempo necessário

às necessidades de cada espectador, para lá das inferências imediatas a que o jornalismo massificado nos habituou.

A comunicação tornou-se tão banal e acessível no nosso dia-a-dia que já não vivemos com os *media*, mas sim nos *media* (Ball, 2016). O paradoxo do jornalismo da atualidade encontra-se, em grande parte, no tempo dedicado à informação. Apresenta-se um volume de informação cada vez maior num espaço de tempo inversamente proporcional. A arte tem o poder de tornar o tempo num termo negociável e o jornalismo estético pretende devolver esse tempo ao meio e ao observador. Tempo para pensar, refletir, reformular, tempo que não existe na maior parte dos meios *mainstream* da atualidade. O objetivo desta abordagem é permitir ao espectador uma distância crítica, que permita uma reflexão e criação de significados advinda, precisamente, do facto de conceder tempo para processar a informação (Cramerotti, 2009). O jornalismo-arte suspende o cúmulo indefinido dos conhecimentos jornalísticos na sua maturação lenta e fá-los entrar num tempo novo, afastados da carga empírica que os restringe (Morales, 2021). Encetar este caminho implica uma imersão num território quase esquecido pelo jornalismo, assente na carga de emocionalidades e significados polissémicos que constituem um acontecimento. A obra de arte propõe-se como uma mensagem cuja descodificação implica uma aventura, ao impressionar-nos através de um modo de organizar os signos fora do comum.

O mérito atribuído às notícias tem-se vindo a perder, culminando num jornalismo onde falta valor (Santiago, 2013). Ainda assim, a definição de valor pode ser algo subjetivo. Os filósofos morais diferenciam valor intrínseco de valor instrumental, na medida em que “o valor intrínseco envolve coisas que são boas em e delas próprias, tais como beleza, verdade e harmonia. O valor instrumental vem de coisas que facilitam a ação e conquistas, incluindo consciencialização, sentido de pertença e compreensão”<sup>6</sup> (Picard, 2019). Na opinião do autor, o jornalismo de hoje inclui apenas valor instrumental, excluindo todas as conotações emotivas, de autoexpressão e identificação que outrora existiram. Os benefícios funcionais da informação mantêm-se ao providenciar factos relevantes e novas ideias, mas vão pouco além disso. Esses valores em falta conseguem produzir um conjunto de motivações e envolvimento singulares no observador e o

---

<sup>6</sup> Traduzido do original “Intrinsic value involves things that are good in and of themselves, such as beauty, truth, and harmony. Instrumental value comes from things that facilitate action and achievement, including awareness, belonging, and understanding”

jornalismo artístico pode conceber-se como um vetor para resgatar tais valores. A procura pela adesão dos indivíduos é fundamental para o sucesso e renovação do jornalismo e do seu estatuto institucional (Leal, 2011), pelo que é vital que o jornalismo se foque em cativar o público e não apenas em números de visualizações “vazios”. O leitor de hoje é “um errante, em muitos casos um trota mundos cibernético, um nómada que está muito perto de um mega ecrã que lhe oferece outros vetores de leitura”<sup>7</sup> (Morales, 2021, p.20), tornando-se numa figura fugaz e difícil de satisfazer. O jornalismo deve almejar a reconquistar esta audiência fugidia e saturada de informação exacerbada, em meios cada vez mais análogos.

As plataformas *online* podem, desta forma, funcionar como catalisadores da arte ao se transformarem numa experiência sensorial e imaginativa, permitindo uma “abertura à complexidade e à imaginação, de que a racionalidade estético-expressiva constitui uma parte poderosa” (Correia, 2016, p.11). O mesmo autor preconiza que este *locus* privilegiado pode potenciar um jornalismo aberto à experiência estética, apelando a que os jornalistas sejam mais multifacetados do que nunca, mantendo um contacto sistemático com vários géneros narrativos e artísticos. Com o surgimento de desafios derivados do digital, exige-se aos jornalistas especial zelo sobre o poder das plataformas *online* e esta nova relação com a verdade (Correia, 2016). Outro dos maiores obstáculos do jornalismo do século XXI é conjugar esta integração de tecnologias digitais com a reconfiguração da relação produtor – consumidor de notícias (Deuze, 2004), após o esbatimento das fronteiras entre o jornalismo e outros tipos de comunicação digital.

A crescente povoação da imagem em todos os meios de comunicação tem originado uma progressiva valorização do visual e adequação às necessidades jornalísticas. Consequentemente, o jornalismo tem-se tornado numa profissão cada vez mais líquida e em constante transformação. O caminho para criar um jornalismo interessante e revigorado começa, precisamente, por aceitar esta “desordem inerente ao nosso objeto de estudo, apenas amplificado e acelerado pelas mudanças das condições de trabalho, tecnologias de informação e comunicação e modelos de negócio”<sup>8</sup> (Deuze, 2019, p.3). Passa também por reconhecer a hibridização e multiculturalidade inerentes ao

---

<sup>7</sup> Traduzido do original “un errante, en muchos casos es un trotamundos cibernético, un nómada que está muy cercano a una megapantalla que le ofrece otros vectores de lectura”

<sup>8</sup> Traduzido do original “(...) messiness intrinsic to our object of study, only amplified and accelerated by changes in working conditions, information and communication technologies, and business models.”

jornalismo, aceitando todas as suas variantes. É essencial manter uma visão aberta e moldável, cimentada nos valores base do jornalismo, mas que não tolde a reflexão e inquirição. Legitimar algo como uma ideologia pré-concebida retira espaço para criticar e refletir sobre as questões da sua génese, contribuindo para a sua estagnação. “A reflexão sobre o estado das coisas ultrapassará todos os hábitos, e ele (o homem) deve conceder à reflexão a totalidade do seu peso” (Peirce, 1877, p.13).

Encontramo-nos numa era de pós-verdade e avaliações fluidas, onde a verosimilhança ganhou mais peso do que a compreensão. Este fenómeno aparenta ser positivo (e em muitos aspetos é) ao eliminar as dicotomias clássicas num mundo cada vez mais diverso. Conceitos tradicionais como a verdade, mentira, credibilidade e factos foram transformados, numa adaptação à evolução do meio informativo. Os factos são representações de visões e existem cada vez mais versões do mesmo acontecimento, segundo quem o observa. Com o desenvolvimento das tecnologias de informação, cada uma dessas visões é facilmente disseminada, existindo cada vez mais versões da mesma história disponíveis para quem as quiser ler (Castilho, 2016). Consequentemente, os meios de comunicação tornaram-se protagonistas desta economia digital movida pela inovação permanente e informação infinita, culminando num desafio para os jornalistas, que devem repensar a credibilidade e os parâmetros da profissão, uma vez que também a relação com o leitor foi alterada.

Precisamente, a dimensão estética do jornalismo raramente é priorizada, apesar de autoras como Morales (2021) defenderem que vivemos numa época construída à base de sentidos e sentimentos. Esta realidade estética transcende o campo cognitivo e prático, propondo uma imersão por caminhos de investigação e propostas jornalísticas menos canónicas. O estudo do jornalismo comporta uma infinidade de ângulos baseados em processos de interpretação complexos e diversos que, normalmente, sugerem posturas conservadoras ou radicais. O mais importante, para além de questionar tais posições, é examinar as diversas lentes que ajudam a que a prática vá de encontro aos leitores, cada dia mais fugidios. Witschge, Deuze e Willemsen (2019) exultam o papel da criatividade na compreensão das necessidades do meio, como forma de materializar emoções, experiências e motivações no jornalismo. O jornalismo estético não se resume apenas ao recurso às artes, mas também à compreensão do sentir como uma linguagem que flui ao longo do percurso da informação, o que pode ser essencial nos estudos sobre jornalismo

(Morales, 2021). A estética converte-se, assim, numa “vacina que protege o jornalismo da conformidade e que o impede de degenerar numa representação superficial, quiçá divertida, dos gestos de poder superficial”<sup>9</sup> (Jonsson, 2003, p. 70). A proliferação desta vacina é importante não para o jornalismo e artes especificamente, mas para a sociedade e uma democracia que precisa, cada vez mais, de um jornalismo que represente a realidade de uma forma simultaneamente apelativa e credível.

O estudo desta vertente no jornalismo é extremamente relevante tendo em conta a dicotomia aparência – realidade que é tão presente neste meio, derivado da hegemonia da imagem e audiovisual (Serrano, 2017). O jornalismo estético propõe a análise de outras interpretações do jornalismo e compreensão de outro tipo de leitor, recetor, usuário e audiência, permitindo “escrutinar um trajeto onde a estética acompanha a prática jornalística, e com ela se tenta abstrair e compreender a sua condição de sentidos”<sup>10</sup> (Morales, 2021, p. 16).

Mais do que nunca, o jornalismo está presente uma miríade de desafios que se prendem com a própria definição do que é o jornalismo e ser jornalista (Sousa, 2008). O mesmo autor, Jorge Pedro Sousa, considera que o jornalismo se está a reencontrar com as suas origens, na medida em que, depois de tantos avanços tecnológicos, começa a olhar em retrospectiva para o que se foi perdendo e pode ser reapropriado. Com as constantes mudanças do meio, cobra-se ao jornalismo e aos próprios jornalistas que se adaptem e multipliquem as suas competências, como forma de responder a esta permanente progressão. Em última instância, o busílis dos desafios do jornalismo moderno é complexo, mas soluções criativas e ousadas são cada vez mais necessárias. Como tal, a investigação e pesquisa de abordagens inovadoras deve ser levada a cabo, se queremos renovar o jornalismo como o conhecemos, tal como corrobora Mesquita (2003):

“Neste novo ambiente, o jornalista deve continuar a preferir a atitude distanciada, isenta, desapaixonada, à semelhança do cientista social ou do historiador? Ou deve tomar como referência a conduta intuitiva, emocional, artística do escritor ou do artista plástico? O balanceamento entre o paradigma da literatura e das artes e o modelo das ciências sociais,

---

<sup>9</sup> Traduzido do original “a vaccine that protects journalism from conformity and keeps it from degenerating into shallow, if perhaps entertaining, reproduction of the gestures of power”

<sup>10</sup> “(...) escudriñar un recorrido donde la estética acompaña a la práctica periodística, y con ella se intenta abstraer y comprender su condición de sentidos”

enquanto longínquas referências legitimadoras, caracteriza o jornalismo” (Mesquita, 2003, p.60).

## 2. O JORNALISMO-ARTE

*Os artistas lutam por tornar as coisas mais reais do que a realidade, mais influentes que a política, mais relevantes do que a economia<sup>11</sup> (Cramerotti, 2009, p.32).*

### 2.1 A conjugação do jornalismo e da arte ao longo da história no Ocidente

O que diferencia o homem das outras espécies é a sua capacidade de interpretação dos estímulos que o rodeiam, de ver além de inferências puramente objetivas e construir significados a partir daí (Cramerotti, 2009). Ao longo dos séculos, tem sido possível verificar as criações feitas pelo homem que representam as suas visões, histórias e história. A interligação entre os vários campos da arte (literatura, ciência, matemática, entre outros) foi-se desenvolvendo e tornando mais clara em todas as áreas. Mais especificamente, a arte e o jornalismo têm estado interligados e mantido uma relação simbiótica ao longo dos séculos. A história do jornalismo no Ocidente é baseada numa afirmação de liberdade individual e liberdade de expressão (Sousa, 2008; Alves, 2005), pautada pelo constante envolvimento das artes, como demonstram os vários indícios históricos:

“Há inúmeros exemplos interessantes de como os géneros jornalísticos têm retirado da literatura, arte e cinema: o realismo e naturalismo do século XIX na literatura previram a reportagem em documentário na imprensa diária; o cinema *avant garde* desenvolveu técnicas de edição que se tornaram subsequentemente a norma na televisão; padrões dialógicos desenvolveram-se em novelas dramáticas e filosóficas que enriqueceram a entrevista jornalística; o foto jornalista foi retirado da iconografia da pintura; a reportagem investigativa

---

<sup>11</sup> Traduzido do original “Artists strive to get things more real than reality, more influential than politics, more relevant than economics”

nos *media* impressos e de transmissão televisiva aplica a perspectiva da narrativa fluida das novelas modernistas”<sup>12</sup> (Jonsson, 2003, p. 69).

A mediação da vida humana através da imagem remonta às origens da humanidade. Na verdade, a linguagem visual é anterior à linguística, tendo sido encontradas formas de comunicação rudimentares nas paredes de cavernas desde a Idade da Pedra (Peltzer, 1991). Desde o século XV que, pelo menos na Europa, houve um grande impulso para estudar e explorar “o tangível” para além das conexões hierárquicas existentes. Foi precisamente no início da Idade Moderna que se verificou a emergência dos processos de informação estética (Cramerotti, 2009) e os séculos que se seguiram foram essenciais para a secularização e libertação da arte. Foi também neste século que a técnica de impressão por caracteres móveis passou a ser utilizada na Europa, assim como a ilustração de livros, que apelava a uma população maioritariamente iletrada (Alves, 2005). Outrossim, nos séculos que se anteviram, a arte e jornalismo foram-se desenvolvendo muitas vezes de mãos dadas.

O Renascimento foi marcado pelo abrandamento do dogmatismo religioso e do seu peso na sociedade, tão pungente até então. As artes transpuseram-se dos murais e paredes das igrejas para as telas e foram assimilando outras linguagens, fundindo-se com outras áreas. Consequentemente, a atitude sociocultural que promovia o cultivo das artes e apego ao conhecimento expandiu-se. O desenvolvimento da indústria do papel potenciou a já crescente difusão de livros e outro tipo de publicações, manuscritas ou impressas (Sousa, 2008), que correspondeu a um alargamento do público leitor e cimentou a cultura escrita, anteriormente apenas oral (Alves, 2005). O desenvolvimento de práticas como a escultura e pintura originou um “notável sobressalto na linguagem visual, com o artista a interessar-se não já só com o *quê*, mas também com o *como*” (Peltzer, 1991, p. 99).

No século XVII deu-se o aparecimento das gazetas para saciar a necessidade de informação de uma sociedade cada vez mais alfabetizada. Eram uma versão resumida, concisa e menos

---

<sup>12</sup> Traduzido do original “There are numerous interesting examples of how journalistic genres have borrowed from literature, art and film: nineteenth-century realism and naturalism in literature presage documentary reportage in the daily press; avant garde film developed editing techniques that subsequently became the norm in television; dialogic patterns developed in drama and philosophical novels have enriched the journalistic interview; photo journalism has borrowed from the iconography of painting; investigative reporting in both print and broadcast media applies the fluid narrative perspective developed in modernist novels.”

volumosa dos livros e publicações noticiosas que existiam até então, caracterizadas por, muitas vezes, reproduzirem a informação através de poesias ou canções. Foi também neste século que surgiram as primeiras publicações especializadas, que se podiam considerar um misto de jornais e revistas, dedicadas a temas como ciência, filosofia ou literatura (Sousa, 2008). Estas gazetas desenvolviam características típicas do jornalismo de hoje, tinham periodicidade definida e frequente, continham textos simples, escorregios, data específica e estavam geograficamente localizados. Todos estes factos permitem afirmar que “o jornalismo noticioso é uma invenção europeia dos séculos XVI e XVII, com raízes remotas na antiguidade clássica e antecedentes imediatos na Idade Média e no Renascimento” (Sousa, 2008, p.80). Desde o aparecimento dos primeiros jornais que a informação gráfica está presente no jornalismo, sendo considerada mais como uma arte decorativa ou um complemento da informação textual (Peltzer, 1991).

Os séculos que se seguiram permitiram a secularização da arte, o que a libertou dos seus constrangimentos sociais, aliando-se à expansão marítima, colonização e imperialismo. Viajantes, historiadores, cientistas e geógrafos muniram-se de processos artísticos diversos para documentar paisagens ou acontecimentos. Esta função descritiva da arte permitiu ampliar a ideia da criatividade como uma fonte de conhecimento fidedigno.

Se, desde o início do Renascimento, “havia uma divisão rígida entre cultura erudita e popular, o advento da cultura de massas proporcionou novas apropriações e inserções” (Costa, 2012, p.3) que originaram formas de comunicação mais híbridas. A abertura do jornalismo europeu permitiu, durante o Iluminismo, a coexistência de jornais com linhas editoriais bastante diferentes e públicos-alvo variados, ainda que na Europa continental o jornalismo absolutista ou de propaganda fosse ainda predominante (Sousa, 2008).

Foi no século XVIII, denominado Século das Luzes, em homenagem ao Iluminismo, que o sistema jornalístico se ampliou e consolidou, cimentando o poder da comunicação, dos seus institutos e da informação (Alves, 2005). Foi então que a imprensa se tornou na “primeira grande instância mediadora na configuração do espaço público moderno, um espaço público mais “imaterial” e “simbólico” (Sousa, 2008, p. 90). Neste século, multiplicou-se o número e variedade de jornais, um pouco por toda a Europa e a ilustração tomou notas mais galantes, documentais e técnicas. Os textos eram marcados por conteúdos com temas entrelaçados entre si, sendo frequente textos criativos, literários e eruditos, com alterações a favor da ciência e belas-artes (Alves, 2005).

No final dos anos 1800, a arte e literatura foram fortemente politizadas, de forma e receber e distribuir informação e ideias. Esta politização manteve-se ao longo de vários períodos históricos que se seguiram, “no sentido em que se torna uma das suas funções principais canalizar informações, ideias e experiências que seriam de outra forma excluídas do debate público cultural e político”<sup>13</sup> (Jonsson, 2003, p. 63). Esta movimentação derivou da censura que existiu em vários contextos geograficamente distintos, onde as artes permitiam uma maior liberdade de expressão.

As artes visuais, o teatro e a literatura tornaram-se mais acessíveis, criando-se uma nova classe social composta por quem podia agora usufruir deste tipo de conteúdos: a classe burguesa. É aqui que se considera o nascimento de um jornalismo moderno assente na estética (Cramerotti, 2009). A caricatura surge também como forma de criticar, cobrindo-se do cómico para mostrar uma nova maneira de informar e transmitir opinião. Foi a primeira vez que se uniram qualidades visuais à retórica e à simbólica, numa fusão da arte e informação, permitindo falar de temas da atualidade com a ajuda de uma via que não as palavras (Alves, 2005).

A função descritiva da arte aliada à ciência permitiu que surgisse um misto de investigação factual com a criatividade. Esta evolução em direção a uma representação mais natural da realidade através da arte (derivada do Iluminismo Europeu) provavelmente marcou o ponto de viragem da abordagem jornalística (Cramerotti, 2009; Alves, 2005). A crítica social e política tomou forma, onde Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Mark Twain ou Émile Zola representavam esta fase caracterizada pela exigência de testemunho público perante a realidade. Simultaneamente, folhetins e *fait-divers* marcados pelo realismo social e drama proliferavam. Foi só quando o Realismo tardiamente gerado na Europa se extinguiu que o jornalismo absorveu essas características, constituindo uma renovação estilística da narrativa em profundidade. Escritores como José Saramago, Fernando Assis Pacheco ou Inês Pedrosa desempenhavam recorrentemente práticas jornalísticas, da mesma forma que jornalistas como Truman Capote ou Tom Wolfe escreviam peças jornalísticas recorrendo a técnicas próprias da arte ou ficção (Correia, 2016).

Foi no início do século XIX que a afirmação e especificidade dos géneros jornalísticos se desenrolou. Numa segunda fase, o jornalismo foi surgindo associado a um regime de verdade e

---

<sup>13</sup> Traduzido do original “in the sense that it becomes one of their main functions to channel information, ideas and experiences that are otherwise excluded from public cultural and political debate”

objetividade como conjunto de técnicas mais adequadas à descrição de factos (Alves, 2005). Num mundo cada vez mais caracterizado pelo imediato, o “ambiente positivista do século XIX e a invenção e divulgação da fotografia reforçavam a ideia de reflexão dos factos pelas notícias como de espelhos se tratasse” (Correia, 2016, p.5). Esta nova fase denominada de Novo Jornalismo introduziu novos ritmos e padrões na imprensa, potenciada pelo crescimento dos fluxos de informação em todo o mundo. Os jornais e revistas deste período caracterizavam-se por terem um preço mais baixo, linguagem acessível, estilo jornalístico emotivo e darem importância aos títulos, fotografias e *design* do texto. Os elementos gráficos e visuais tornaram-se essenciais na imprensa, que adquiriu um visual mais sensorial, apelativo e emotivo. Utilizavam-se tipos de letra, tamanhos e até cores diferentes, de forma a tornar o texto mais apelativo e de fácil leitura. Foi também neste século que se começou a investir em jornalismo de investigação e denúncia, conhecido como *muckraking*, e também em géneros como a entrevista e reportagem (Sousa, 2008).

Neste século, com o progresso da fotografia, o fotojornalismo desenvolveu-se com o objetivo de documentar a realidade de forma precisa, surgindo também ilustrações elaboradas com base em fotografias. Com início no jornalismo de guerra, a fotografia revelou-se uma arma poderosa na informação e para instaurar uma nova relação com o mundo, alargando-se a todas as áreas. Pretendia-se vincar uma objetividade inquestionável ao capturar imagens sem censura, o que demonstrou a força da imagem informativa. Esta primazia teve como base a noção de que a imagem “penetra fundo o núcleo compreensivo em que se movem a oralidade e a escrituralidade e adquire, no quadro da conjuntura aqui em apreço, uma significação deliberada” (Alves, 2005, p.125). Neste século, o *design* dos jornais e revistas mudou por completo, tornando-se mais arejado e fortemente visual (Sousa, 2008).

Foi principalmente no século XX que a imprensa adquiriu novas perspetivas económicas, entre as quais o valor de troca (venda de espaço para publicidade), que se tornou prioritário em relação ao valor de uso. Apesar das revistas ilustradas terem surgido no século XIX, foi no século XX que surgiu a primeira revista que se pode considerar como uma *newsmagazine*, a Time. Caracterizava-se por ter um formato manejável, capa apelativa e cuidada, recurso à análise explicativa e analítica nos textos, delineando um meio caminho entre o informativo e o opinativo. O grafismo era aprimorado e destacava-se pelo recurso comedido a ilustrações e fotografias. Como concorrência à Time surgiu a Newsweek, com um modelo genericamente semelhante ao da revista

pioneira, ainda que oferecendo mais espaço para fotografias e ilustrações. Consequentemente, a Time passou também a priorizar a informação visual, criando uma evolução conjunta das duas revistas, que acabaram por fixar o modelo em que se baseariam todas as *newsmagazines* futuras, como a alemã Der Spiegel ou as portuguesas Visão e Sábado (Sousa, 2008). A possibilidade de impressão de fotografias juntamente com o texto transformou o jornalismo num meio mais visual, verificando-se a ascensão das revistas. O *design* e a estética eram favorecidos nas revistas comparativamente aos jornais, o que proporcionou uma deriva entre os dois (Sousa, 2008).

Já o cinema era encarado no final do século XIX e início do século XX como um espetáculo. Só em 1906 surgiram os primórdios do cinejornal, com a criação do primeiro jornal visual com base em vídeo, o *Pathé Journal*, que permitiu a difusão massiva deste novo tipo de mensagem informativa. Ganhando cada vez mais terreno, o cinejornal possibilitava aos franceses verem algo que tinha acontecido no mundo diariamente. Os noticiários de *Pathé* já apresentavam um aproveitamento de linguagem e narrativa de imagens articuladas em planos fixos e móveis, o que tornava as reportagens e cinejornais atraentes, apelativos e com mais ritmo. O sucesso deste cinejornal fez com que o modelo se difundisse um pouco por todo o mundo, evoluindo posteriormente para o documentário. Com duração semelhante à de um filme, os documentários apresentavam-se como uma espécie de reportagem alargada (Sousa, 2008).

No século XX, a imprensa europeia multiplicou-se, assente na sua tradição e culturas específicas, mas também em elementos importados dos Estados Unidos da América, como o *design*, conteúdos e modo de disseminação. Será incorreto afirmar que existiu uma americanização da imprensa europeia, mas verificou-se seguramente uma interação entre os diferentes modelos jornalísticos ocidentais, que se tornaram cada vez mais convergentes ao longo do século nos países democráticos (Sousa, 2008). A partir dos anos vinte, os progressos técnicos facilitaram a inserção de fotografias nos jornais ao invés de ilustrações. O desenvolvimento de equipamento fotográfico potenciou também a evolução da qualidade das imagens apresentadas e revistas como a *National Geographic* tornaram-se pioneiras no uso de cor na fotorreportagem. As notícias tornaram-se visuais, num panorama em que o texto, pela primeira vez, foi tornado secundário, potenciando-se a colaboração entre fotojornalistas, artistas e jornalistas (Sousa, 2008). A convergência de meios, plataformas e técnicas foi amplificada, originando variados exemplos deste “combo-jornalismo”

ao longo do século XX (Deuze, 2004). A reflexão artística sobre o jornalismo e meios de comunicação foi predominante ao longo de todo este século (Serrano, 2017).

O segundo Novo Jornalismo surgiu nos anos 60 nos Estados Unidos, permitindo uma renovação estilística e funcional do jornalismo. Estas novas correntes trouxeram à luz ideias construtivistas e colocaram a objetividade jornalística em causa, até então um dogma inabalável. O processo de hibridização entre arte e jornalismo começou nos anos 60 e acompanhou esta institucionalização, que culminou nos anos 90. Desde então, a arte tomou a função de sistema de contrarrepresentação para questões políticas, sociais, humanitárias e ambientais, ganhando um peso crítico na sociedade (Cramerotti, 2009). Começou a existir um maior foco no processo, contexto e resultados subjetivos que poderiam advir da informação exposta. Desenvolveu-se também o jornalismo literário e de investigação e os jornais começaram a disciplinar os conteúdos em função do *design*, de forma a tentar equilibrar a influência da televisão, que ganhava cada vez mais terreno. As páginas tornaram-se mais apelativas ao olhar, mais visuais, mais coloridas e com um *design* articulado com base em boas fotografias e infográficos (Sousa, 2008). A intensificação de misturas entre meios e artes culminou nos anos 80, após a proliferação de vários meios que se encontravam tradicionalmente distantes dos *mass media*. Este processo ajudou a ver as várias áreas como fronteiriças e fluidas, convidando a que estas se interligassem entre si (Costa, 2012). Este (novo) Novo Jornalismo surgiu com a tentativa de retomar o jornalismo aprofundado e de investigação, onde o jornalista se assume como um intérprete ativo da realidade, transformando a prática num fenómeno da mente e da linguagem. Os factos tornam-se não apenas a realidade percebida pelo jornalista, mas também um argumento para a subjetividade, que ganha terreno no meio jornalístico (Sousa, 2008).

Nos anos 90 começou a surgir uma crise na imprensa, com a expansão da rádio televisão e, posteriormente, a *internet*. Os meios de comunicação e revistas começam a reinventar os seus conteúdos e modelos de negócios. A imprensa especializada começou a conquistar leitores, especialmente no mundo das revistas (Sousa, 2008). A televisão foi, indiscutivelmente, o meio de difusão mais poderoso da segunda metade do século XX. A linguagem do telejornalismo foi buscar a maior parte das suas referências ao documentário cinematográfico, notícias e reportagens radiofónicas. A partir dos anos 60, o vídeo trouxe maior liberdade, mobilidade e rapidez à informação televisiva. A necessidade de garantir variedade temática a um ritmo que não

aborrecesse o espectador entrou em conflito com a contextualização e profundidade da informação, gerando peças mais resumidas e simples. Essencialmente, a grande promessa do telejornalismo era mostrar em direto o que se estava a passar em vários locais do mundo e as reações mundiais a tais acontecimentos. A partir dos anos 80 o desenvolvimento tecnológico permitiu a renovação do telejornalismo, incluindo infografias ou outras animações, aumentando o seu potencial explicativo. A primeira menção a esta questão remonta aos anos 90, onde a arte como forma emergente do jornalismo ganhou forma e se dispersou em diversas formas (Sousa, 2008). O desenvolvimento do jornalismo visual caminhou paralelamente ao da tecnologia com o passar dos anos, podendo considerar-se quatro grandes avanços relacionados com este género: a gravura, a fotomecânica, o cabo e a digitalização (Peltzer, 1991).

Com o surgimento da *internet* na primeira década do século XXI, os *mass media* comprovaram uma crescente estetização da informação (Correia, 2016). O aparecimento da *internet* trouxe possibilidades infinitas à difusão de conteúdos em massa, possibilitando o aparecimento do ciberjornalismo. Potenciou-se a interatividade, mas surge o perigo de que qualquer um pode roubar ao jornalista e às organizações noticiosas o exclusivo papel que possuíam até então, originando uma convergência entre produtores e recetores. As potencialidades visuais foram exacerbadas, surgindo o conceito de multimédia, onde se possibilitou a conjugação de som, imagens fixas e animadas, texto e ilustrações. A informação tornou-se instantânea e adquiriu características como a ubiquidade e contemporaneidade, tornando o jornalismo elástico no espaço e no tempo (Alves, 2005). Foi aqui que os jornais *online* cunharam o seu aspeto e *design*, que se mantiveram mais ou menos semelhantes até aos dias de hoje, ainda que com mais imagens e cores (Sousa, 2008).

Com o desenvolvimento da *internet*, produções artísticas e jornalísticas tomaram proporções nunca vistas. Porém, também o jornalismo cidadão começou a proliferar, com fotografias ou vídeos amadores a surgir em noticiários como a versão mais real do acontecimento. Esta ascensão de conteúdo com pouca qualidade como sendo o mais verídico ou real tem tomado lugar no nosso coletivo imaginário (Cramerotti, 2009) o que se revela um perigo. Esta ideia veio retirar importância e credibilidade a conteúdo artístico de qualidade, que demora, inevitavelmente, mais tempo a ser produzido. É, assim, exigido ao jornalista que explore cada história mais a fundo e com ângulos diferentes, de forma a criar uma versão sólida, que represente a sua visão da

realidade sobre um dado acontecimento e que se destaque no meio de todas as versões já existentes na *internet*. Torna-se necessário que também os meios de comunicação deem primazia a este tipo de conteúdos e permitam que sejam elaborados.

A história tem demonstrado que a evolução do jornalismo é cumulativa, pelo que é correto afirmar que não existem fronteiras rígidas nas mudanças que foram surgindo ao longo da história. Os desenvolvimentos tecnológicos dos meios foram alterando o jornalismo e formas de difusão de informação, mas pode afirmar-se que “o ecossistema jornalístico se formou por fenómenos de acumulação, interação e adaptação” (Sousa, 2008, p.258). Houve sempre uma fluidez entre as diversas formas de encarar o jornalismo (Cramerotti, 2009) e é nessa mesma naturalidade que o jornalismo-arte se centra. Esta hibridização do jornalismo com outras áreas, verificada ao longo dos séculos, permitiu uma fusão gradual da linguagem objetiva com uma narrativa poética. O processo de hibridização resulta de um encontro entre elementos culturais distintos no mesmo espaço, derivado do esbatimento ou desaparecimento das fronteiras que os separavam. O jornalismo estético surge, assim, como um terceiro elemento que mantém atributos jornalísticos e artísticos, mas com uma nova estrutura (Costa, 2012).

A arte como forma de informação estética tem-se expandido e ganhou lugar nos meios de comunicação massificados, que normalmente não deixam grande margem para a originalidade ou criatividade (Witschge, Deuze, Willemsen, 2019). O jornalismo estético extrapola as convenções jornalísticas, dotando a informação de toda a vertente visual, artística e estética que se desenvolveu com o passar dos séculos, numa evolução gradual que tem ampliado o jornalismo como o conhecemos:

“Fomos desde uma conceção da arte como objeto e produção para a arte como algo subjetivo e contextual, onde o artista investiga, a instituição produz, o observador interage, tudo isto interligado a um processo informativo que em parte substitui, em parte expande o processo mediático e noticioso”<sup>14</sup> (Cramerotti, 2009, p.83).

---

<sup>14</sup> Traduzido do original “We went from a conception of art as object and production to art as subject and context, with the artist researching, the institution producing, the viewer engaging, and all this linked within an information process that partly replaces, partly extends the media news process”

## 2.2 Definição e características do jornalismo-arte

Com base nos acontecimentos históricos, é possível verificar que a arte e o jornalismo não estão polarizados um do outro. O conceito de jornalismo estético surgiu devido à reciprocidade entre as várias áreas artísticas já que, como indica Morales (2021):

“(...) os rumos da prática jornalística não só estavam assinalados pelos rearranjos que a tecnologia estava a marcar nos seus novos protocolos de comunicação, como a sua incidência estava a orientar uma transformação do texto na sua escrita, o que significava colocar um leque de possibilidades que brindavam as melhores alternativas para capturar um leitor que dia após dia se escapa” (Morales, 2021, p. 4).

A premissa basilar do jornalismo-arte, jornalismo artístico ou jornalismo estético é, como o nome sugere, o esbatimento das fronteiras entre a informação e a arte, consistindo na conjugação do jornalismo com aspetos artísticos, visuais e estéticos. A estética (*aesthetics*) é o processo através do qual abrimos a nossa sensibilidade para a diversidade de formas da natureza (e criações do homem), e as convertemos em interpretações ou experiências tangíveis (Cramerotti, 2009). A palavra estética remonta à palavra grega *aesthesis*, derivada do verbo *aesthanomae*, que significa “perceber através dos sentidos” que, por sua vez, deriva da palavra grega *aesthomaie* que se traduz em “percecionar” (Askitopolou, Ramoutsaki e Konsolaki, 2000, p. 4). A sua etimologia sugere que a estética está intimamente ligada aos sentidos, interpretações e todas as perceções advindas de estímulos.

A arte pode ser entendida como uma atividade humana ligada às manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada por meio de uma variedade de linguagens (Gaut e Lopes, 2013). A arte e a estética complementam-se na medida em que procedem de conceitos subjetivos e apelam a sensações e emoções, quer do criador quer do observador. A estética propõe-se a analisar essas interações, segundo a “capacidade de uma forma de arte colocar a nossa sensibilidade em movimento, e converter o que sentimos sobre a natureza e raça humana numa experiência (visual, oral, corporal) concreta”<sup>15</sup> (Cramerotti, 2009, p.21). O conceito de arte é algo vasto e subjetivo, mas Gaut e Lopes (2013) sumarizam treze artes individuais: poesia, literatura,

---

<sup>15</sup> Traduzido do original “capacity of an art form to put our sensibility in motion, and convert what we feel about nature and the human race into a concrete (visual oral, bodily) experience”

teatro, cinema, videogames, *comics*, fotografia, pintura, escultura, *design*, arquitetura, música e dança.

A estética revela-se na filosofia como uma disciplina interna com o objetivo de esclarecer fenômenos como a arte, beleza e emoções. Procura aprofundar o sentido filosófico destas questões de uma forma que não seja frívola ou superficial (Serrano, 2017). A estética pode também ser entendida como a filosofia da arte, o estudo da beleza existente nas manifestações artísticas e na natureza (Cramerotti, 2009). O jornalismo é comparável à filosofia por se adentrar na perspectiva e reflexão da sua prática, como um modo de entender algo. A relação entre arte e jornalismo torna-se, desta forma, clara, uma vez que “no jornalismo, como na arte, o homem não é, mas sim *duplica-se* transformando-se num *para si*” (Serrano, 2017). Neste paralelo, o jornalismo transcende a sua função social, tornando-se antropológica e filosoficamente relevante.

O jornalismo e as artes convergem no jornalismo-arte, que pretende articular o objetivo de procurar a verdade com as motivações afetivas da audiência. A sua génese consiste em envolver “práticas artísticas na forma de investigação de circunstâncias sociais, culturais ou políticas. Os resultados das investigações tomam forma no contexto de arte, ao invés de canais mediáticos”<sup>16</sup> (Cramerotti, 2009, p.21). Desta forma, permite-se a inclusão do documentário, *storytelling*, reportagem, entrevistas, fotografia e vídeo, literatura, pintura, entre outras formas de arte no processo informativo. Abre-se também espaço para transportar as realidades das galerias, museus, bienais e outras manifestações artísticas para o jornalismo. A palavra de ordem é a criatividade.

A forma estética do jornalismo consiste em algo mais do que apenas um estado de contemplação. Transforma-se na capacidade de uma forma de arte mover a sensibilidade do espectador e converter o que sentimos sobre o que nos rodeia numa experiência concreta. O jornalismo estético é visto por Cramerotti (2009) como um instrumento que alimenta uma curiosidade constante no observador, de forma a fazê-lo compreender o que está a ver e a inquirir o que não está. O propósito desta abordagem é que o observador esteja mais envolvido na análise, elevando a sua capacidade interpretativa ao expoente máximo e que não seja apenas o jornalista a apresentar uma realidade potencialmente inquestionável. Existem duas considerações

---

<sup>16</sup> Traduzido do original “involves artistic practices in the form of investigation of social, cultural or political circumstances. Its research outcomes take shape in the art context, rather than through media channels”

fundamentais sobre o potencial da estética no jornalismo, segundo o mesmo autor. A primeira consiste no desenvolvimento da tradição estética universal do jornalismo, que é influenciada pela objetividade. A segunda traduz-se numa implementação de um visual jornalístico diferente, como forma de questionar a hegemonia do *status quo*. Desta forma, “o jornalismo estético torna possível contribuir para construir conhecimento (crítico) com o mero uso de um novo ‘regime’ estético, que tem o efeito de aumentar as dúvidas sobre o valor-verdade do regime tradicional”<sup>17</sup> (Cramerotti, 2009, p.22). A utilização destas características representa um caminho alternativo às abordagens sobejamente conhecidas do jornalismo, trazendo aspetos novos e vanguardistas ao meio informativo.

Segundo Postema e Deuze (2020), as características do jornalismo aquando da transmissão de informação podem dividir-se ao longo de um espectro que comporta atributos objetivos e subjetivos. Num extremo encontra-se a transmissão simples da informação, incluindo as respostas às clássicas perguntas “quem, quando, onde e o quê”. Já no outro limiar surgem as questões interpretativas, onde o estilo característico do jornalista transparece, permitindo uma experiência multissensorial e invocando vários graus de respostas emocionais face aos factos apresentados. Consiste, acima de tudo, em ver os valores artísticos e jornalísticos não como dicotómicos, mas como dois extremos do mesmo espectro, abrindo espaço para todas as variantes que se encaixem no seu interior. No jornalismo-arte, o foco direciona-se para o que nos rodeia e para as condições da existência humana. Os factos descritos são objetivos, mas a forma de os apresentar deixa margem para suscitar questões e interpretações subjetivas no observador. O axioma é este: não descartar a criatividade em favor da neutralidade sobejamente preconizada no jornalismo. O desafio está em saber conjugar ambas num resultado que favoreça simultaneamente os factos e a originalidade (Cramerotti, 2009). O jornalismo artístico acaba por criar um novo sistema de referências que permite interpretar a realidade, como o jornalismo moderno já faz, essencialmente.

O jornalismo estético procura demonstrar os factos através de meios alternativos, numa suspensão do óbvio. É sempre relevante abrir-se a possibilidade de apresentar algo de uma forma diferente do convencional. Este processo consiste numa interação entre o processo criativo do

---

<sup>17</sup> Traduzido do original “Aesthetic journalism makes it possible to contribute to building (critical) knowledge with the mere use of a new aesthetic ‘regime’, which has the effect of raising doubts about the truth-value of the traditional regime”

artista e o processo recetivo da audiência, estabelecendo-se uma relação simbiótica que origina um resultado polissémico. Pretende-se que, através desta conjugação entre apresentação de factos e representação estética, se atinja uma edificação pública do jornalismo e uma ressonância emocional no observador (Postema & Deuze, 2020, p. 13). Uma peça jornalística é equiparável a uma criação artística e é preciso promover a compreensão da arte e jornalismo, especialmente através do desenvolvimento de literacia mediática e artística, em simultâneo. O jornalismo e a arte almejam a ascensão de histórias a um quase património cultural, ainda que de formas e contextos diferentes. Uma das conclusões a contemplar prende-se na seguinte premissa:

“Talvez a grande diferença do jornalismo em relação à arte seja a de que, embora os dois partam da realidade, o jornalismo tenha um compromisso para com os factos, a verdade e a proximidade possível da objetividade. São valores que não podem mudar independentemente dos formatos mais ou menos artísticos que se usem para contar as histórias” (Silva, 2020).

Correia (2016) preconiza que o jornalismo perpetua narrativas quase mitológicas sobre o que se passa no mundo, consistindo num ponto de segurança para o observador conhecer e interpretar o que o rodeia. “As notícias são ‘estórias’ que estão associadas à busca de um sentido de comunidade de pertença e que refletem a sua contaminação por outras formas simbólicas” (Correia, 2016, p.6). O autor defende que todas as notícias devem ter uma componente narrativa inerente à sua estória, posicionando o jornalismo entre a ambição científica (objetividade) e a narrativa (subjetividade). A fluidez característica da realidade e sociedade em que vivemos origina narrativas diversas e fragmentadas, sendo, por isso, essencial aceitar o confronto plural entre todas essas vertentes e realidades simultâneas (Correia, 2016; Serrano, 2017). A prosa jornalística contemporânea é revisitada como uma fonte de emoções e sentidos e “a forma como se tece o enredo é composta por alegorias emocionais que revivem o momento”<sup>18</sup> (Morales, 2021, p.18).

Deve existir uma combinação perfeita entre as características das artes, onde se mantém a investigação dos factos, consulta de materiais e discussão das temáticas, evitando conceções *a priori*. A realidade da vida quotidiana não passa de um mundo no qual partilhamos com os outros

---

<sup>18</sup> Traduzido do original “La forma en que se hilvana la trama está compuesta de alegorías emocionales que reviven el momento”

não apenas factos, mas também subjetividades. Morales (2021) apresenta uma hermenêutica que descreve como sendo uma lente que atravessa o processo jornalístico, não como forma de libertar o processo do seu rigor, mas sim de proporcionar diversos caminhos de interpretação ao investigador – escritor. O jornalista é designado pela autora como investigador – escritor, pois a sua capacidade de mediação é centrada na investigação, eliminando os limites do território imaginativo e de construção de ideias.

O debate sobre a objetividade jornalística não deve ser polarizado, segundo Serrano (2017), na medida em que é impossível apresentar um reflexo inquestionável da realidade. “É uma exigência da conceção realista da verdade chamar realidade às coisas que nos rodeiam, aos factos, aos acontecimentos. E a verdade é a adequação entre o intelecto e a realidade (...)” (Peltzer, 1991, p. 161). A realidade é algo que não pode ser representado inequivocamente, mas sim através de aproximações (Moraes & Dos Anjos, 2020; Leal, 2011; Serrano, 2017) e o jornalismo estético pretende ser essa mesma ponte entre a criatividade e a realidade.

Moraes e Dos Anjos (2020) reconhecem que existe a obrigação jornalística de trazer a verdade ao de cima, por mais difícil que seja definir o que é, de facto, a verdade. A arte deve ser crítica e interrogar o mundo, em vez de o explicar objetivamente, de forma a estimular uma discussão em profundidade e ação consequente (Ball, 2016; Witschge, Deuze e Willemsen, 2019). Esta reinvenção artística potenciada pelo jornalismo estético permitirá uma série de corolários favoráveis, destacando-se os seguintes:

“(...) A necessidade de contar outras histórias onde a memória cultural e social têm uma diáspora de emoções que faz a sua própria dialética com o leitor; Compreender a ideia de uma transferência de sentidos, que é portadora de cargas emocionais; Repensar o sentimento do acontecimento jornalístico como emocionalidades ou afetividades; A análise de um trajeto em que cada nível fornece um edifício de significações próprias; A reconstrução da vida quotidiana na sua condição sensível, frente ao autor e leitor de textos”<sup>19</sup> (Morales, 2021, p. 22 e 23).

---

<sup>19</sup> Traduzido do original “La necesidad de contar otras historias donde el recuerdo cultural y social tienen una diáspora de emociones que hace su propia dialéctica con el lector.; Comprender la idea de una transferencia de sentidos, que es portadora de cargas emocionales; Repensar el sentir del acontecimiento periodístico como emocionalidades o afectividades; El análisis de un recorrido en el que cada nivel provee un edificio de significaciones propias; La reconstrucción de la vida cotidiana en su condición sensible, frente al autor y el lector de textos.”

A criatividade é a característica essencial para originar produtos distintos e invulgares, sem abusar do valor artístico de uma forma que descaracterize a informação (Peltzer, 1991), que deve ser organizada com o objetivo derradeiro da compreensão por parte do observador. Desta forma, apesar de o jornalismo estético recair no lado mais artístico do espetro, mantém as características e deontologia do jornalismo. A multiplicidade de conteúdos e experiências exige dos jornalistas uma capacidade de decomposição e imaginação, para intuir realidades possíveis para além dos factos relatados. É importante compreender de que forma esta comunicação mediada pela arte representa uma modalidade específica do jornalismo e em que medida essa hibridização se afigura potencialmente útil.

Cramerotti (2009), exulta a autonomia e responsabilidade do jornalista em se diferenciar e apresentar algo que demonstre a sua interpretação sobre determinado assunto, denunciando a falibilidade da procura eterna pela verdade. Segundo o autor, não existem verdades absolutas no jornalismo, apenas diferentes graus de aproximação tendo em conta vários fatores e visões, pelo que a parcialidade e humildade do jornalista no seu ofício são reforçadas, como forma de destronar a ideia da hegemonia da objetividade jornalística. Neste contexto, a arte torna-se numa maneira de representar as várias realidades que nos envolvem e como as experienciamos. Desta forma, a estética transforma-se no ponto de vista do ponto de vista, numa forma de modelar o significado do mundo, uma vez que ir além dos métodos do jornalismo profissional é um passo para compreender realidade em que vivemos (Cramerotti, 2009). Transforma-se numa arma diferenciadora que permitirá uma distinção e renovação de um jornalismo esteticamente estagnado, onde os conteúdos entre meios de comunicação convergem cada vez mais.

A inclusão de formas de arte em nome da comunicação torna-se numa “forma mais generosa de observar o jornalismo para além de plataformas canónicas” (Moraes & Dos Anjos, 2020, p.15). Não existe uma representação objetiva e indiscutível da realidade, segundo as autoras, existindo apenas uma realidade construída por dentro de outras realidades. O espaço mediático abre-se no campo da produção simbólica e da imaginação, onde se permite que existam várias interpretações sobre um determinado acontecimento, acontecimento esse baseado em informações factuais. Esta realidade multifacetada exige um desafio deontológico e uma lógica de abertura que coloca o jornalista como organizador de uma teia de significados divergentes (Correia, 2016).

Uma categorização artística do jornalismo permite uma exploração mais vasta sobre como os estilos artísticos e a estética influenciam elementos retóricos, pragmáticos e semânticos do trabalho jornalístico (Postema & Deuze, 2020, p.8). Desta forma, o jornalismo conseguirá transcender a profissão e potenciar uma conceptualização do mesmo, não como uma regra, mas enquanto algo sentido, praticado e pensado (Deuze, 2019, p.3). A chave para revigorar o jornalismo não passa por rotular e delimitar os seus conceitos, fechando a profissão cada vez mais em si mesma. Centra-se na aceitação da diversidade e constante evolução do meio, sem esquecer os alicerces do jornalismo. Existem várias iniciativas com o objetivo de identificar as ferramentas e projetos empreendedores que visam romper com as conceptualizações antiquadas e imutáveis do jornalismo. O objetivo da utilização da criatividade como ferramenta é criar algo que reflita sobre si mesmo (Witschge, Deuze e Willemsen, 2019). O método inerente ao jornalismo estético revela ser um processo gradual, reflexivo e interpretativo.

O modelo de um arco estético proposto por Morales (2021) consiste numa representação da relação entre um acontecimento, o texto jornalístico e a poética percecionada pelo leitor através da observação. Este modelo simplifica a relação entre o discurso jornalístico, a sua semântica e subjetividade, traduzida num arco que representa o trajeto deste processo.



Figura 1 Arco da dimensão estética na prática jornalística. Fonte: Morales, F.L. (2021) p. 11

Neste arco destacam-se três pontos essenciais e que articulam a complexidade estética desta proposta: a dimensão da prosa do discurso social, a semiótica do texto jornalístico e a poética do discurso jornalístico. A prosa do discurso social cinge-se à afirmação de que são as fontes que arquitetam toda a informação, ditando uma entropia no meio. Cabe ao jornalista distinguir as sensibilidades entre fontes e utilizar estratégias de construção de texto para criar o produto final.

Neste estado do arco, o potencial enunciativo está no seu auge, abrindo-se um leque de possibilidades e caminhos a tomar para a construção da informação por parte do jornalista, designado como investigador – escritor (Morales, 2021).

O cume do arco, a semiótica do texto jornalístico, traduz-se num universo poético, no qual os níveis de realidade do acontecimento e a perspetiva do autor se encontram subjacentes. Criam-se narrativas retóricas em cujo tecido se acumulam características que aludem a um acervo de técnicas, através das quais o autor traduz a sua própria visão da realidade jornalística (Morales, 2021). Esta visão poética do jornalismo exulta a capacidade exegética do observador:

“Pode ocorrer que os elementos de indeterminação, ambigüidade, casualidade, que certas obras de arte refletem na sua estrutura, não tenham nada a ver com possíveis “estruturas metafísicas” da realidade, supondo que estas possam objetivar-se e descrever-se de modo irrefutável; o que não impede que estas noções se infiltrem no nosso modo de ver o mundo”<sup>20</sup> (Eco, 1992, p. 24).

Por fim, o nível da poética do discurso jornalístico corresponde unicamente ao leitor. Representa a miríade de significados e sentidos que emergem desde o autor, através do texto que se apresenta, mediado pela interpretação do leitor. O objetivo final de qualquer informação construída pelo autor deve ser a compreensão do leitor, através de uma poética que catalise os sentidos do evento jornalístico, que flui como uma flecha desde o discurso social até ao consumidor (Morales, 2021). Este arco é um exemplo de como o consumo de notícias é um transcurso do qual a prosa, semiótica e poesia fazem parte. O seu trajeto representa fidedignamente o jornalismo estético, uma vez que este deve ser apreciado com os contrapontos da arte, que seduzem os sentidos e não se limitam a intrigar a inteligência, precipitando-a à análise.

A infinidade de significados e realidades são traduzidas pelo jornalista numa representação de signos que são portadores da narrativa que caracteriza a sua estética, uma vez que “o texto não é mais do que uma postura hermenêutica do escritor – investigador, onde as suas possibilidades

---

<sup>20</sup> Traduzido do original “Puede ocurrir que los elementos de indeterminación, ambigüedad, casualidad, que ciertas obras de arte reflejan en su estructura, no tengan nada que ver con posibles "estructuras metafísicas" de la realidad, supuesto que éstas puedan objetivarse y describirse de modo irrefutable; lo que no quita que estas nociones se infiltren en nuestro modo de ver el mundo”

criativas se veem concretizadas num tecido de signos que aludem às suas sensibilidades”<sup>21</sup> (Morales, 2021, p. 13).

A eficácia na transmissão de mensagens é absolutamente fundamental, mas nem todo o tipo de linguagem visual ou iconográfica é válido para a comunicação no jornalismo. A linguagem jornalística trata-se de um sistema de signos que se adequam à função informativa e à transmissão de mensagens da atualidade, através dos meios de comunicação social (Peltzer, 1991). O mesmo autor sumariza os seguintes atributos essenciais, que caracterizam uma mensagem jornalística: 1. Transmissibilidade, que implica a possibilidade de reduzir as mensagens a dados transmissíveis, qualquer que seja o canal; 2. Editabilidade, ou capacidade de mudar, melhorar e formatar a mensagem o melhor possível; 3. Difusão, que se traduz na capacidade de uma linguagem chegar ao público e 4. Armazenamento, que consiste na possibilidade de arquivo e poder consultá-lo com eficiência. O jornalismo-arte circunscreve-se a estes requisitos para comportar uma linguagem jornalística, ainda que artística. É importante definir estas conceções inerentes ao jornalismo artístico para que se estratifique a sua posição e relevância no meio jornalístico. A arte no jornalismo propõe ao leitor que jogue livremente com a sua imaginação e entendimento, não no sentido em que não responde às perguntas, mas sim na forma em como as esclarece, mantendo o marco geral informativo, que deve ser sempre inviolável (Serrano, 2017).

Também Baskette, Sissors e Brooks (1992) apontam algumas características que consideram essenciais para a estética típica de uma notícia. Apesar de antiga e focada na imprensa, esta obra mantém-se atual por abordar conceitos que são transversais ao jornalismo dos dias de hoje, ainda que as plataformas se tenham alterado. Os autores referem vários atributos essenciais a ter em conta na estética jornalística, dos quais destaco os seguintes, por se adequarem ao jornalismo dos dias de hoje:

1. *Layout / Design*: a disposição da informação e outros elementos deve sempre facilitar a leitura e não a tornar mais confusa. Deve clarificar onde cada secção começa e acaba, delimitar as várias componentes e tornar a leitura mais cativante e interessante;

---

<sup>21</sup> Traduzido do original “El texto no es más que una postura hermenéutica del escritor-investigador, donde sus posibilidades creativas se ven concretadas en un tejido de signos que aluden a sus sensibilidades.”

2. Equilíbrio: é essencial na habilidade de conjugar os elementos, de forma a que não se sobreponham ou se ofusquem. Deve haver harmonia e consenso entre os vários componentes e secções que compõem a notícia, de forma a que transpareça uma certa serenidade;

3. Contraste: deve existir entre vários elementos, como imagens pequenas e grandes, tamanhos e tipos de letra diferentes, tonalidades diversas, entre outras. Os autores afirmam que esta característica permite evitar que o conteúdo fique maçador, mas não deve suplantar o equilíbrio necessário numa peça;

4. Unidade: referente à apresentação da página, esta característica é essencial de forma a transmitir uma consonância entre todos os elementos ao observador. Deve suportar uma identidade visual da peça ou jornal;

5. Tipografia: devem existir tipos de letra diferentes, de forma a criar o contraste falado no ponto três, mas não tão distintos que façam com que a identidade visual se perca;

6. Imagens, Ilustrações e Gráficos: devem sempre contribuir para a facilidade de leitura e compreensão de informação e não apenas para embelezar o conteúdo;

7. Cores: contribuem ainda mais para o valor estético, trazendo luminosidade e fulgor ao conteúdo. A utilização de determinadas cores e a sua conjugação pode complementar e realçar a informação.

Conclui-se que conceitos como jornalismo e estética, ainda que independentes, se intersejam nos mais diversos aspetos, criando uma relação simbiótica. Ainda assim, a maior parte dos estudos existentes envolvem o jornalismo especializado nas artes ou na cultura, mas falham em estudar o jornalismo como uma diligência artística por si só (Morales, 2021). O campo investigativo do jornalismo-arte é parco, sendo necessária mais investigação nesta área. Contudo, apesar de recente, o jornalismo-arte pode ser observado em vários meios da atualidade, ainda que nem sempre identificado como tal, como será exemplificado no capítulo que se segue.

## 2.3 Limitações e problemáticas do jornalismo estético

### 2.3.1 A colaboração artista-jornalista

Apesar da relação simbiótica entre o jornalismo e as artes, o jornalismo estético suscita celeuma, derivada de algumas das suas características. Se, por um lado, a vertente visual e estética se tem afirmado no jornalismo como uma linguagem autónoma, por outro a sua subjetividade causa algumas dúvidas. A subjetividade origina interpretações polissémicas e corre o risco de afastar o foco informativo do jornalismo, aparentando transparecer uma opinião ao invés de informação. As fronteiras entre arte e jornalismo podem esbater-se em demasia fazendo com que os objetivos principais do jornalismo não se cumpram. Tendo em conta estas problemáticas, é crucial refletir sobre elas, de forma a questionar o lugar que o jornalismo estético deve ocupar no meio. A objetividade jornalística não existe realmente, mas é sempre um ideal a perseguir “como o método profissional que permite ao jornalista superar o medo de os factos noticiados estarem errados e fazer com que as notícias interessem transversalmente a toda a sociedade, independentemente das convicções de cada um” (Sousa, 2008, p. 263). O culto desta objetividade venceu as características do jornalismo e permitiu a criação de *standards* profissionais e de qualidade sobre o que o jornalismo deve ser. A neutralidade contribuiu para a construção do efeito de objetividade e os jornalistas cunharam assim a sua função de observadores imparciais e “paladinos da verdade” (Sousa, 2008, p. 263). A autonomia e responsabilidade social e de “vigia”, desenvolvidas durante o século XIX, dotaram o jornalismo de valores que se mantêm intrínsecos à sua prática, até aos dias de hoje.

A subjetividade característica do jornalismo-arte pode interferir demasiado nas identificações e interpretações, originando uma cultura que permite que uma mensagem seja traduzida a partir de diferentes pontos de vista, recorrendo a diferentes sistemas e convenções (Peltzer, 1991). As expressões de linguagem visual acabam por incluir uma variedade de códigos visuais que podem posteriormente ser apreendidos de formas completamente diferentes. Esta polissemia é simultaneamente o ponto forte e a debilidade do jornalismo-arte, por permitir uma miríade de resultados finais. Ao adicionar novos códigos visuais, abrem-se novas portas interpretativas, que permitem possibilidades infinitas. “As linguagens são codificáveis e catalogáveis enquanto as maneiras de desenhar um cão são imprevisíveis” (Peltzer, 1991, p. 55).

Por outro lado, estas questões acerca da subjetividade convidam a formular afirmações que, na opinião de Serrano (2017), não passam de falácias, tais como a ideia de que é impossível relatar acontecimentos sem que neles se iniba a opinião pessoal do comunicador. Observemos um dos princípios teóricos do jornalismo: o jornalista aprofunda os factos para construir aquela que acredita ser uma conceção da verdade, com base na investigação que melhor conseguiu fazer, sem que a subjetividade presente neste processo tolde a sua capacidade de contar um acontecimento (Serrano, 2017). No fundo, a subjetividade acabará por estar sempre inerente ao jornalismo, na medida em que não existe uma verdade absoluta sobre os factos, mas sim uma aproximação segundo um ponto de vista. É crucial compreender esta versatilidade que pode existir no jornalismo, de forma a encará-lo com espírito crítico. “Aproximamo-nos do real não porque usamos um par de binóculos que não distorçam a imagem, mas porque nos tornamos conscientes de que estamos a ver o mundo através de um par de binóculos de distorção”<sup>22</sup> (Cramerotti, 2009, p.33).

Um jornalista deve ser, na opinião de Serrano (2017), alguém que não se limita a contemplar e vivenciar os feitos, copiando, transcrevendo ou duplicando a informação. “Só seria jornalista aquele que, a partir de esse contacto inicial e imediato, construísse precisamente uma aparência desses feitos, elevando-os ao *status* de conteúdo “espiritualizado” e, com isso, proporcionando-lhes a verdade” (Serrano, 2017, p.43). É a forma com que se escolhe comunicar e a aparência que se outorga a um acontecimento jornalístico que influencia o seu valor. Também Santiago (2013) censura esta ideia de uma objetividade hegemónica no jornalismo, defendendo a seguinte premissa:

“Confiar no bom trabalho de um jornalista não exige que este seja um autómato, uma máquina que transmite, exatamente, o que vê, o que ouve, sem sentimentos, coração, alma... ou discernimento do que está certo ou errado. Não se querem desvios ou interferências, mas também não se deseja hipocrisia, superioridade e arrogância despojada de qualquer sentimento humano (...)” (p.35).

---

<sup>22</sup> Traduzido do original “We get closer to the real not because we use a set of binoculars that do not distort the picture, but because we become aware that we are viewing the world through a set of distorting binoculars”

A mera mimetização de um acontecimento priva qualquer ofício da liberdade, pois subordina-a e limita-se a imitar os factos, algo que só servirá para satisfazer a recordação e não a alma (Serrano, 2017). A mesma autora compromete-se a situar o jornalismo num espaço intermédio entre o realismo e idealismo, onde a dicotomia “aparência / realidade” é o centro do debate. Por sua vez, o jornalismo deve encaixar-se no centro desse espetro, onde a aparência representa um extremo e a realidade o outro. Peltzer (1991) preconiza a ideia de que a criatividade é essencial no jornalismo, descrevendo-a como um “contraste entre os condicionamentos do nosso ambiente cultural e a liberdade para romper esses condicionamentos” (p.56). Em concordância, Witschge, Deuze e Willemsen (2019) referem que a aplicação de métodos criativos e artísticos traz vantagens para a prática jornalística, tais como: (1) novas perspetivas que os métodos tradicionais falham em mostrar, permitindo que se questionem abordagens e entendimentos predominantemente disciplinares; (2) permissão para abordar a complexidade de certas temáticas de forma a contrariar distinções binárias; (3) existência de espaço para incluir conhecimento afetivo e experimental.

É essencial ir além dos métodos e conceitos arcaicos que se têm arrastado ao longo do tempo e é aí que a criatividade se revela fulcral. É necessário abrir o jornalismo a novos valores, culturas, funções democráticas, verdades e objetividade, sendo a criatividade um vetor essencial para que tal aconteça. A criatividade revela-se ser tanto uma perspetiva como um método, permitindo descobrir uma variedade de jornalisimos (Witschge, Deuze e Willemsen, 2019). Esta qualidade está associada a ideias, atitudes e comportamentos que são encarados como inéditos, únicos e originais. Na investigação jornalística, a criatividade tem sido considerada em termos de inovação tecnológica, mas não na prática em si, pelo que o foco se deve direcionar para compreender como podemos criar histórias utilizando a criatividade como uma ferramenta que já existe no quotidiano do jornalista. A priorização desta abordagem não é assim tão surpreendente, pois “(...) se o sentimento é o critério predominante que rege o interesse humano nas profissões informativas, parece utópica uma pretensão de objetividade informativa que esteja tão acima da criatividade que acabe por a anular” (Peltzer, 1991, p.168).

Mário Belém, refere que, enquanto artista plástico e urbano, a sua maior reticência em aliar o seu ofício ao jornalismo se deve a não associar o seu trabalho a causas políticas, religiosas ou futebolísticas. Explica que os artistas tendem a ficar rotulados ao escolherem estas causas e que

prefere assumir temas mais intemporais e que possam ser abordados pelo público em qualquer espaço de tempo e lugar. Refere que os jornalistas têm o ônus de serem neutros, ao contrário dos artistas, assumindo que esta abordagem “tem pano para mangas e é um formato que, se passasse a ser desenvolvido e identificado como tal, podia ser uma nova forma de expressão bastante interessante”.

Mário sublinha a importância de estas peças resultarem de uma conjugação bem feita, para que seja entendido que é algo não tendencioso, reforçando que o risco é maior para o jornalista. Ao se pedir a um artista para fazer a sua interpretação de algo corre-se o risco de não se atingir o resultado desejado, uma vez que vai depender da sua interpretação do assunto. É uma gestão complicada para não tornar o artista num ilustrador e essa distinção é importante, na opinião de Mário, que já foi ambos. Não se pode esperar que um artista siga regras demasiado vincadas sobre o seu trabalho, pois isso vai contra aquele que é o processo artístico. Isto levanta outra questão importante: a escolha do artista para colaborar. Mário afirma que faz uma gestão de expectativas e se mostra acessível para quem lhe encomenda peças, mas há artistas com uma disposição e ponto de vista diferentes. Deve existir cuidado na seleção do artista em função do tópico por haver profissionais que podem ser mais adequados do que outros e deve existir essa pesquisa por parte do jornalista.

Aos olhos de Mário, o jornalismo-arte aparenta ser mais didático, ensinar as pessoas e promover o diálogo sobre esses temas. O artista não vê esta abordagem como algo utópico, apenas ambicioso. Quando se conjuga de uma forma delicada o jornalista e o artista, procurando formas de expressão que se adaptem aos conteúdos e à audiência, é possível conceber resultados muito interessantes e que trazem a subjetividade da arte para o jornalismo, sem interferir no processo informativo. Uma das características mais interessantes para Mário é o simbolismo inesperado que outras pessoas dão aos seus trabalhos, algo que não tivesse imaginado ao fazer a sua peça. Este atributo pode viajar para o jornalismo, trazendo resultados mais polissémicos.

### 2.3.2 Imediatismo, sensacionalismo e esbatimento de fronteiras

Outro fator que desfavorece o jornalismo-arte é o facto de não existir tempo no modelo de negócios do jornalismo da atualidade. A maior parte das redações não permite com frequência que um jornalista dedique meses de investigação ou preparação para elaborar uma peça. Vera Moutinho, jornalista multimédia do jornal Público, refere que o jornalismo português já está preparado para receber propostas mais artísticas e que já as incorpora, maioritariamente via jornalismo multimédia. Ainda assim, existem dois grandes obstáculos para esta recetividade dos jornais portugueses face a estas abordagens: primeiro a escassez de profissionais nas redações que reúnam qualidades jornalísticas e artísticas, algo que a jornalista caracteriza como um “perfil muito específico”; o segundo consiste na falta de tempo nas redações para alocar os jornalistas a desenvolver estes projetos, o que é “o grande Calcanhar de Aquiles”. Todos estes projetos consomem tempo e recursos financeiros, pelo que são muitas vezes vetados pelas redações à partida.

O jornalismo artístico, que se caracteriza por levar o seu tempo a ser desenvolvido e consumado, contraria o imediatismo característico do jornalismo contemporâneo, pelo que acaba por ficar à margem do *modus operandi* mais comum das instituições mediáticas. Ainda assim, Cramerotti (2009) afirma que esse tempo “perdido” permite criar uma miríade de conexões e histórias mais profundas, que poderão gerar retorno económico. Ainda assim, este sucesso nem sempre se reflete em números como visualizações ou tempo de permanência na página. Vera Moutinho urge que se utilizem as medidas de comparação corretas e que se valorizem outras mais-valias que estas peças trazem. A ligação que se cria com a audiência é imensurável em números e estatísticas, já que o leitor fica ligado à marca de notícias do jornal, sobretudo os mais dedicados e propensos a fazer assinaturas. O *feedback* é recebido, muitas vezes por *email*, o que demonstra esta dedicação do leitor, ao invés de deixar apenas um comentário.

A convergência e predominância do jornalismo multimédia influenciam as indústrias mediáticas a reduzir as equipas, recorrendo a menos pessoas e recursos, quando o foco deveria ser explorar novos géneros, estilos, ângulos ou perspetivas. Esta mudança de enfoque é talvez mais dispendiosa, mas essencial para renovar a estética jornalística, uma vez que métodos automatizados aniquilam a natureza criativa do jornalismo (Deuze, 2004). À primeira vista parece

não existir um lugar fácil para esta abordagem mais artística do jornalismo, o que se traduz num obstáculo para a sua aplicação e disseminação.

A subjetividade desta abordagem levanta outra questão face às limitações derivadas deste tipo de conteúdo: as formas de arte nunca irão tocar todos os observadores da mesma forma. Uma produção cultural tem a sua própria audiência, mais ou menos especializada, e a arte não é exceção. Ao incorporar complementos mais artísticos e subjetivos no jornalismo pode correr-se o risco de não atingir a população geral e acabar por comunicar algo de forma pouco eficiente, sugerindo que o jornalismo estético poderá estar destinado a um nicho (Cramerotti, 2009). Se se basear meramente em transpor o mesmo material para outro formato de transmissão, sem alterar o seu conteúdo, falhará em cativar uma audiência mais ampla por não comunicar de forma abrangente. Vera Moutinho frisa a importância de estas componentes terem de servir sempre a narrativa jornalística e não o contrário, na medida em que devem acrescentar sentido e conteúdo à peça. Não se deve olhar para estas componentes como fogo de artifício. Desta forma e quando bem empregue, a subjetividade nunca representa uma ameaça ao objetivo máximo do jornalismo: informar.

A jornalista refere ainda que existe o risco de estes trabalhos serem rotulados como trabalhos de luxo e isso trazer uma componente depreciativa. A capacidade de imersão que estas peças trazem são formas de ajudar a clarificar, mostrar, visualizar e criar novo conteúdo. Levanta-se também a questão de este tipo de conteúdo ficar aliado a temas menos atuais, mas Vera Moutinho afirma que, muitas vezes, falta apenas visão em abordar temas mais recorrentes. Ao estarem todos os meios de comunicação a falar da mesma coisa num dado momento, aparecer uma abordagem diferenciadora desse mesmo tema pode ser essencial. Para tal, é preciso agilidade nas redações, pessoas competentes e disposição para se gastar esse tempo extra, mas que não se arraste ao ponto de deixar de ser atual. Desta forma, o jornalista artístico deverá focar-se na eficácia da comunicação a par da criatividade de transmissão, com vista a apelar a sensibilidades interiores díspares, consoante o espectador (Cramerotti, 2009). Uma das maiores bifurcações existentes nos projetos de jornalismo artístico é, precisamente, esta dicotomia entre a originalidade de um conteúdo disruptivo e a possível restrição da audiência.

Por outro lado, a resposta a esta questão deriva da constatação de que o jornalismo artístico não deverá ser a norma, ou substituir os formatos utilizadas regularmente pelos *mass media*. O objetivo do jornalismo estético é confrontar o público com um formato diferente do utilizado na

maior parte dos meios de comunicação, conjugando perfeitamente os aspetos artísticos num resultado apelativo e fora do comum. Este desafio não se cinge apenas ao jornalista estético, sendo transversal a qualquer jornalista, uma vez que “a identidade profissional de um jornalista multimédia deve negociar um utilizador que é simultaneamente ligado e desligado, envolvido e complacente, informado e ignorante, cada vez mais dependente do jornalismo e inclinado a ignorar o jornalismo como um todo. Não é tarefa fácil, de facto.”<sup>23</sup> (Deuze, 2004, p.10).

As questões nunca devem parar de surgir, de forma a originar reflexões que provoquem os estatutos jornalísticos. Morales (2021) salienta a importância do escrutínio das variadas formas literárias, semiológicas e digitais, que podem conduzir a esta dimensão estética do jornalismo, uma vez que “reconhecer o sentido de uma prosa e uma poética que suporta o texto jornalístico, é dar um grande passo ao encontro do leitor”<sup>24</sup> (Morales, 2021, p. 22).

O sistema de meios de comunicação está a ficar cada vez mais complexo, o que pede uma renovação das novas teorias da informação, de forma a chegar a este público descredibilizado. O jornalismo estético apresenta-se como uma oportunidade para refrescar o jornalismo atual e atribuir valor artístico à informação, de forma a reconquistar e surpreender a audiência.

Porém, a prática do jornalismo-arte sugere que se utilize o fator surpresa e produções visuais para cativar o observador. Ao fazê-lo, corre-se o risco de depender demasiado destas características, originando uma associação perigosa ao sensacionalismo, profundamente condenável na prática jornalística. No jornalismo, à semelhança da arte, o que atrai a audiência é o conteúdo que se saboreia emocionalmente e desperta algum tipo de sentimento no espectador, uma vez que o jornalismo e a emoção são insolúveis, na opinião de Serrano (2017). É preciso, no entanto, zelo na priorização da emoção no jornalismo, de forma a não cair na armadilha de apelar a sensações eticamente condenáveis, cavalgando o sensacionalismo.

Santiago (2013) reflete sobre a instantaneidade da imagem e do impacte que esta pode ter, principalmente numa era em que todo o tipo de conteúdo é facilmente acessível *online*. Muitas

---

<sup>23</sup> Traduzido do original “The professional identity of a multimedia journalist must negotiate a user who is at once switched and switched off, engaged and complacent, informed and ignorant, increasingly reliant on journalism and inclined to bypass journalism altogether. No small task, indeed”

<sup>24</sup> Traduzido do original “Reconocer el sentido de una prosaica y una poética que soporta el texto periodístico, es dar un gran paso hacia el encuentro con el lector”

vezes, qualquer imagem é utilizada pelos jornalistas, cativos de um imediatismo que não deixa tempo para questionar a verdadeira pertinência dessas escolhas. Por estarem amplamente disponíveis na *internet*, ocorre uma banalização da sua apropriação no jornalismo por razões que falham em acrescentar informação, valor ou relevância a essa notícia, permitindo apenas espicaçar sentimentos. No parecer da autora, “é quase leviano fazer jornalismo assim” (Santiago, 2013, p. 6) e condena esta vertente de informação-espetáculo onde a violência (e até mesmo o sadismo) se tornaram aceitáveis na atualidade.

Esta ponderação não pretende depreciar o valor-notícia de alguns testemunhos e imagens que, em alguns casos, são essenciais para informar e revelar ângulos inéditos. Serve para lembrar que também a estética jornalística se deve submeter às normas deontológicas que regem a profissão, exigindo, uma vez mais, uma conjugação rigorosa entre o jornalismo e a arte. A emoção não tem porque ser incompatível com o jornalismo, quando articulada meticulosamente, uma vez que se o belo encanta, o sublime comove (Serrano, 2017). Neste processo delicado, cabe ao jornalista munir-se de uma autorregulação (já intrínseca ao jornalismo) que deve aguçar-se na abordagem do jornalismo-arte.

O esbatimento das fronteiras e a definição de jornalista na atualidade representam um risco para a credibilidade antes intocável do jornalista, já que a *internet* permitiu que as fontes de informação se multiplicassem. Ao associar o jornalismo às artes, corre-se o risco de esbater ainda mais tais fronteiras, até ao ponto de se confundirem ou perderem os valores jornalísticos por completo. O item jornalístico tem um pé no imediatismo e outro na construção, com caráter intermediário, uma vez que “o jornalismo é mais a arte de estruturar outra representação da realidade que o de registá-la, e os meios não são espelhos assépticos que devam refletir o que têm à frente.” (Peltzer, 1991, p. 168).

Por outro lado, a estética tipicamente jornalística origina uma expectativa e moldura onde se identifica o que estamos prestes a ver, economizando os esforços de identificação da audiência. A atenção que algo nos desperta será essencial para a forma como vamos apreender a informação e vai influenciar o grau com que nos comprometemos com algo. Torna-se essencial criar estes pontos de reconhecimento no jornalismo, de forma a estreitar a relação com o leitor e familiarizá-lo com a informação. A inovação estética ou de conteúdos multimédia torna-se num tema sensível, na medida em que essas modificações supõem um processo de readaptação para o leitor, em muitos

casos demasiado difícil. Esta mudança pode romper com as expectativas percetivas do observador, resultando numa perda de interesse, daí que grande parte dos meios de comunicação em massa sejam mais conservadores no que toca a esta questão (Serrano, 2017).

Quanto às plataformas, a utilização do *smartphone* para consumo de notícias subiu ao ritmo mais acelerado dos últimos anos, atingindo os 73%. Já a utilização do computador e *tablets* para notícias continua estável, mas em decadência (Newman et al, 2021). Isto demonstra que os meios de comunicação têm de adaptar a visualização do conteúdo a todas estas plataformas, com especial foco no *mobile*, tendo em conta o padrão de consumo de notícias da atualidade. Esta necessidade pode revelar-se uma limitação para alguns meios de comunicação, uma vez que requer maior planeamento do conteúdo e da construção das plataformas digitais. No geral, a maior parte dos meios de comunicação tem-se adaptado a estas tendências, como é demonstrado nos exemplos descritos no capítulo três deste trabalho.

A obra de arte propõe-se como uma mensagem cuja descodificação implica uma aventura, ao impressionar-nos através de um modo de organizar os signos fora do comum. A fusão do jornalismo com as belas-artes pode trazer mais benefícios do que desvantagens, ao utilizar a criatividade e técnicas de arte, numa junção da beleza, comunicação e verdade. As novas tecnologias potenciam ainda mais estas vertentes e a produção de novas criações (Peltzer, 1991). As obras de arte entregam o único modo de representar a realidade com base num carácter imaginativo, através de interpretações do mundo que equivalem a metáforas epistemológicas, que constituem um novo modo de ver, sentir, compreender e aceitar o que nos rodeia (Eco, 1992).

Esta forma artística de informar traz muitas vantagens, apesar da infinidade de quesitos que pode suscitar pelo caminho. É essencial levantar questões sobre o jornalismo-arte, de forma a refletir sobre as suas limitações e compreender as suas virtudes. Só problematizando as fraquezas de uma nova abordagem nos permitiremos a consolidá-la e adequá-la o melhor possível aos objetivos jornalísticos, conscientes das diferentes teorias e constante transformação do meio. A parca investigação existente em volta do jornalismo artístico, especialmente em Portugal, é também uma das limitações para o presente trabalho e outras investigações em redor deste tema.

### 3. MATERIALIZAÇÃO E PRESENÇA DO JORNALISMO ESTÉTICO NA ATUALIDADE

*“O jornalismo satisfaz, como a arte e a filosofia, uma necessidade inteiramente humana que consiste, resumindo-o numa só ideia, em chegar através dele à consciência de si” (Serrano, 2017, p. 14).*

A linguagem visual tem estado presente no jornalismo desde a sua génese, ainda que nem sempre identificada como um tipo jornalístico. Apesar do conceito de jornalismo estético *per se* ser relativamente recente, existem diversos projetos e meios de comunicação que utilizam jornalismo-arte ou comportam características artísticas comparáveis a esta abordagem.

As características visuais do jornalismo-arte sugerem semelhanças com o jornalismo multimédia, muito presente no panorama mediático da atualidade. O jornalismo multimédia define-se por utilizar dois ou mais suportes para apresentar informação, tais como escrita, música, imagens, vídeo, animação, entre outras, podendo também munir-se de diferentes plataformas para divulgar essa mesma informação, *website*, televisão, rádio, etc. (Deuze, 2004). A implementação de conteúdo multimédia é transversal aos meios da atualidade e uma mais-valia no jornalismo contemporâneo, mas não uma condição *sine qua non* para que este aconteça. Da mesma forma, o jornalismo-arte pode utilizar uma abordagem multimédia para melhor concretizar a sua função, de forma a conjugar a arte com a informação, mas estes conceitos não são necessariamente sinónimos. O jornalismo multimédia permite uma apropriação de elementos artísticos mais rápida e fácil, tendo em conta as tendências digitais do mundo jornalístico. “No digital as possibilidades são maiores, mais infinitas, mais malucas” refere Vera Moutinho, acrescentando que permitem visualizar realidades que de outra forma não seriam transmitidas da mesma forma.

Tendo em conta esta verosimilhança e outros equívocos que possam acontecer na identificação do jornalismo estético, irei analisar, no capítulo que se segue, exemplos de artigos, reportagens e meios de comunicação que comportam características do jornalismo-arte. Pretendo, através deste breve levantamento, exemplificar como o jornalismo-arte se materializa na atualidade ou que características do mesmo são mais utilizadas pelos meios de comunicação. Para tal, idealizei uma grelha que comporta as características do jornalismo-arte, com o objetivo de simplificar a caracterização das peças e meios de comunicação com base em jornalismo artístico. A bibliografia utilizada ao longo desta investigação foi a base para a criação desta tabela, em

específico a obra de Cramerotti (2009) “Aesthetic Journalism. How to inform without informing”. Para além de ser a obra mais detalhada sobre o jornalismo-arte, contém uma variedade de exemplos da materialização do jornalismo estético, o que permite obter uma boa perceção das suas variadas manifestações. Desta forma, organizei os atributos para encaminhar e segmentar a síntese que em seguida apresento.

<b>Conceitos</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>Outras Observações</b>
Conteúdo demasiado subjetivo, falha em comunicar os factos de forma jornalística			
Forma de apresentação inovadora e original			
Demasiado complexo tendo em conta o tema, poderia ser comunicado de forma mais simples			
Adiciona valor informativo à peça?			
Está associado a uma audiência demasiado restrita / específica?			
Objetivo bem articulado através da manifestação artística?			
Questiona as metodologias clássicas do jornalismo?			
Quantos suportes / técnicas multimédia diferentes são utilizadas?			
Quais as áreas artísticas / formatos que são utilizados?			
O conteúdo funciona em <i>laptop</i> e <i>mobile</i> ?			

Figura 2 Grelha de análise das características do jornalismo-arte. Fonte: Elaboração própria

### 3.1 O jornalismo-arte no mundo

Há vários meios de comunicação internacionais que investem especialmente em conteúdo artístico, estético e audiovisual, comparativamente ao que pode ser visto em Portugal. Destaco os seguintes projetos e meios de comunicação por se evidenciarem face a estas características: as revistas *The New Yorker*, *New York Times*, *Delayed Gratification* e *The Monocle*, a agência Reuters e os jornais *The New York Times*, *Vice News*, *South China Morning Post*, e *Vox* e o projeto *The Outlaw Ocean Mural Project*.

A “*Ilustríssima*” é um suplemento da edição física da *Folha de S. Paulo* de domingo que veicula conteúdo artístico, oferecendo um espaço para a experimentação visual com participação de artistas plásticos. Os artistas a colaborar “ilustram as páginas do caderno, a reportagem principal e a coluna “*Imaginação*”, localizada na contracapa, onde o suplemento veicula poemas ou contos” (Costa, 2012, p.2). Existe uma harmonia entre as imagens e o conteúdo jornalístico ou literário, conforme o tema e linha editorial do caderno. Assim, esta hibridização assume vários códigos de linguagem, fundindo a estética da arte com a estética do jornal, permitindo que se encaixe com o padrão gráfico e editorial do jornal *Folha de S. Paulo*. Projetos como este suplemento seguem uma premissa de jornalismo cultural, território conhecido por expandir as fronteiras da prática jornalística (Costa, 2012). Estes projetos culturais têm um forte cariz opinativo e de reinvenção de conteúdos e revelam-se, simultaneamente, como um elemento de inovação, uma vez que recontextualizam significados e ligações. Este suplemento foi pioneiro no jornalismo estético, como comprova a capa de uma edição que data



Figura 3 Suplemento "Ilustríssima" do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 2 de agosto de 2015. Fonte: Maria Eugenia Longo Cabello Campos

dezembro de 2010. Também os seus conteúdos primam pelas ilustrações, caricaturas e imagens variadas que ilustram todos os conteúdos apresentados. A apropriação de elementos desta natureza em jornais com uma audiência alargada permite uma disseminação ampla deste tipo de conteúdo.

O jornalismo estético pode revelar-se também sob forma de exposições ou acontecimentos



Figura 4 Instalação do projeto "The Eyes of Gutete Emerita", reproduzida por Alfredo Jaar. Fonte: Musée Vanguard of Photography Culture

artísticos. Por exemplo, o projeto “The Rwanda Project”<sup>25</sup> do artista chileno Alfredo Jaar, prolongou-se ao longo de seis anos e consistiu em várias instalações que retratavam o genocídio ocorrido no Ruanda em 1994, numa tentativa de compensar o desinteresse mediático face ao tema. Uma das várias instalações é centrada em Gutete Emerita, uma jovem de 30 anos que assistiu a um dos vários massacres e viu o seu marido e dois filhos serem mortos à frente dos seus olhos. “The Eyes of Gutete Emerita” mostra um plano aproximado dos olhos da jovem ruandesa acompanhado de painéis com textos que contam a sua história e contextualizam o genocídio que vitimou ruandeses da minoria étnica Tutsi. A mesma imagem dos seus olhos foi replicada em um milhão de fotografias (o

número de vítimas do genocídio ao longo de cinco meses), que foram dispostas numa pilha sobre uma mesa de luz (Anexo 1, figura 34).

Os trabalhos de Jaar enaltecem realidades esquecidas pelos *media* ocidentais e tornam o observador consciente do seu privilégio e barreiras que o impedem de contactar com esses cenários mais frequentemente. Surgem duas hipóteses relacionadas com este trabalho: a primeira salienta o

<sup>25</sup> <https://alfredojaar.net/projects/1996/the-rwanda-project/the-eyes-of-gutete-emerita-stack/>

conformismo global dos meios de comunicação em massa, que ditam sobre o que devemos pensar e preocupar-nos, e a segunda, que se traduz na crescente politização da arte (Jonsson, 2003).

Ao apresentar formatos inovadores e disruptivos como este, artistas e jornalistas conseguem cativar o público pelo fator diferencial e envolvente, chamando a atenção para temas que acabam por ser banalizados pelos meios de comunicação tradicionais. Uma sala de exposições brinda a audiência com o espaço e tempo para debater e questionar, algo que falta noutros domínios, como por exemplo nos *mass media*. É este o objetivo da arte: questionar (Cramerotti, 2009). Ainda assim, na opinião do mesmo autor, esta elevação do conteúdo informativo a uma expressão artística poderá criar um ponto de vista elitista, apenas acessível àqueles que escolham/possam visitar o lugar onde se encontra. Esta é uma das principais críticas a projetos jornalísticos que envolvam eventos ao vivo ou acontecimentos artísticos: que a tarefa de informar se perca por ser menos acessível às massas.

O projeto “Not a Bug Splat”<sup>26</sup> consiste numa fotografia enorme, a preto e branco e *pixelizada*, de uma criança que perdeu os pais num ataque mediado por *drones*, numa região do Paquistão intensamente bombardeada. A instalação foi feita para consciencializar o mundo sobre as atrocidades cometidas nesta região, onde os atacantes comparavam as pessoas prestes a serem bombardeadas a insetos a serem esmagados (*bug splat*), vistas através de um *drone*. Esta demonstração criada por um conjunto de artistas é dificilmente reconhecida como um projeto jornalístico, precisamente por carecer de uma história e explicação em primeira instância, e por ter sido exibida num campo agrícola (como os que as vítimas dos ataques de *drones* trabalham) ao invés de um jornal ou *website*. Ainda assim, a fotografia rapidamente migrou para jornais em redor do mundo, captando o foco mediático, o que comprova o impacto que a arte pode causar. Este poder da imagem e da arte é indiscutível, na medida em que possibilita uma compreensão que vai além das palavras (Ball, 2016). O meio torna-se parte da mensagem, na esperança de construir uma visão do mundo que seja o mais reflexiva e transparente possível.

---

<sup>26</sup> <https://notabugsplat.com/>



Figura 5 Imagem aérea da instalação, que recria o ponto de vista dos drones quando se preparam para bombardear uma localidade. Fonte: Not a Bug Splat

Projetos como “Not a Bug Splat” e “The Eyes of Gutete Emerita” são exemplos de iniciativas que não são imediatamente reconhecidas como jornalismo, mas que possibilitaram a migração destas obras e temas para a comunicação social. Estas instalações representaram o ponto de partida para uma cobertura jornalística mais aprofundada e posterior adaptação por parte dos jornalistas. Ainda assim, como sucede em outros exemplos, pode existir uma colaboração desde início entre jornalistas e artistas, de forma a criar de raiz um conteúdo que comporte o trabalho de ambos. Esta seria a premissa ideal para a incorporação do jornalismo-arte nas redações.

Também a imagem de crianças a fugir de um bombardeio de napalm no Vietname<sup>27</sup> (Anexo 1, figura 35) teve um impacto imensurável na memória coletiva sobre a guerra, apesar de não incluir detalhes como o nome da aldeia, das crianças ou a data em que ocorreu. Este acolhimento e cristalização de um conceito coletivo conduz-nos rapidamente ao significado pretendido, como

---

<sup>27</sup> <https://www.nytimes.com/2020/02/17/opinion/photojournalism-children-nick-ut.html>

se verifica também no projeto “Not a Bug Splat”. Surge um terceiro sentido da imagem que se materializa num abraço do condicional e do hipotético, tornando-se num objeto de reflexão que permite ir além das fronteiras da memória. Zelizer (2012) enaltece este poder do visual na memória, uma vez que as imagens permitem congelar um determinado acontecimento vividamente. As imagens, em especial a fotografia, operam segundo uma força denotativa, uma vez que representam a realidade como ela é. Por outro lado, existe a vertente conotativa que permite invocar amplos sistemas simbólicos, que abrem portas a uma miríade de significados possíveis. A imagem ultrapassa o texto literário na medida em que não é associada a uma determinada língua, representando ideias que transcendem idiomas. A fotografia possibilita a lógica subversiva que permite a reapropriação do tempo de que o jornalismo precisa.

A igualmente agraciada reportagem “Reeducated”<sup>28</sup> da revista *The New Yorker* apresenta relatos na primeira pessoa de prisioneiros de minorias *Uighur*, Muçulmanas e cazaquistanesas em campos de concentração chineses. A peça com forte componente narrativa desenrola-se numa plataforma audiovisual de realidade-virtual, com animações, vídeos e imagens ilustradas à base de caneta e pincel que se assemelham tinta-da-china (Anexo 1, figuras 36 e 37), o que se revela um fator diferenciador e característico. A experiência é imersiva para o leitor, cativando-o para todos os relatos e dados, ilustrando-os de uma forma criativa e artística. Existe ainda uma versão em documentário para complementar o trabalho, que utiliza o mesmo registo artístico da reportagem.



Figura 6 No prólogo da reportagem é possível ouvir um ex-prisioneiro cantar, enquanto uma animação acompanha o áudio. Fonte: *The New Yorker*

---

<sup>28</sup> <https://www.newyorker.com/news/a-reporter-at-large/china-xinjiang-prison-state-uighur-detention-camps-prisoner-testimony>

“The Zo”<sup>29</sup>, uma reportagem sobre prisões americanas realizada pelo The Marshall Project apresenta vários episódios onde os vídeos contam os procedimentos e vivências de algumas prisões americanas. Os vídeos consistem num *time lapse* de uma artista a pintar vários quadros e a acrescentar elementos artísticos à cena, que vão ilustrando a narração em voz *off* dos relatos hediondos de quem viveu essa realidade. O facto de o leitor ir acompanhando o processo de criação das telas cria uma dinâmica diferente que o mantém mais envolvido na história, permitindo que visualize uma realidade dificilmente retratável de forma mais fidedigna. O jornalismo estético permite a ilustrar histórias que apresentem relatos e acontecimentos impossíveis de filmar ou fotografar, como sucede na reportagem “Reeducated”.



Figura 7 Fotografia do episódio 2 da reportagem "The Zo", minuto 2:40. Fonte: The Marshall Project



Figura 8 Fotografia do episódio 2 da reportagem "The Zo", minuto 2:33. Fonte: The Marshall Project



Figura 9 Fotografia do episódio 2 da reportagem "The Zo", minuto 2:24. Fonte: The Marshall Project

---

<sup>29</sup> <https://www.themarshallproject.org/2020/02/27/welcome-to-the-zo>

A revista *Communication Arts* é um coletivo internacional focado na comunicação visual



Figura 10 Conjunto dos sete espaços que compõem a instalação *Seat at the Table*. Fonte: *Communication Arts*

que oferece uma variedade de abordagens para além das suas publicações. A revista aborda várias áreas artísticas, tais como ilustração, *design*, fotografia e tipografia, destacando-se por ter um visual geral muito estético. O projeto “*Seat at the Table*”<sup>30</sup> consistiu numa instalação exposta em Philadelphia, focada na luta contínua das mulheres para a igualdade desde o dia em que foi conquistado o direito de voto, há mais de 100 anos. As sete zonas contêm infográficos e painéis que explicam as desigualdades de género face a questões como salário, papéis de liderança ou posições em empresas. A apresentação de temas ou dados através de instalações e artes plásticas cria um ambiente interativo, que estimula a curiosidade por temas que em outras plataformas poderiam passar despercebidos por se terem tornado banais.

Os temas abordados por muitos destes artistas acabam por convergir com temas discutidos nos *mass media*. A grande diferença na arte é a liberdade e sensibilidade com que se abordam certos aspetos, suprimidos de processos editoriais ou até políticos. Estas abordagens dão ao observador um outro sentido que não pode ser absorvido ao ler um jornal, com uma criatividade criticamente ausente no jornalismo atual. As abordagens artísticas pretendem assim unir a descrição concreta da experiência humana com a liberdade e criatividade da arte, para revelar

<sup>30</sup> <https://www.commart.com/project/33220/seat-at-the-table/>

alguns aspetos escondidos, de forma a criar um mapa cognitivo do mundo onde os processos globais estão acessíveis aos nossos sentidos e experiências (Jonsson, 2003).

O “The Outlaw Ocean Mural Project”<sup>31</sup> é um projeto pertencente ao The Outlaw Ocean Project, uma organização jornalística sem fins lucrativos que produz histórias investigativas sobre o oceano e quem dele subsiste. Os seus projetos contam com música, animação e artes performativas, com o objetivo de cativar a audiência de uma forma distinta. Este projeto consiste na fusão do jornalismo com arte urbana, através de murais feitos por artistas internacionais e que pretendem tocar as pessoas pelo seu cariz cativante e crítico. A organização procura captar a atenção do público para este tema pouco abordado pelos *media* através de uma consciencialização cultural. Um dos vários murais que fazem parte deste projeto é intitulado “Forgotten Fishermen” e pretende retratar a crueldade e a falta de direitos laborais de muitos pescadores.



Figura 18 Mural Forgotten Fishermen feito pelo artista irlandês Decoy. Fonte: The Outlaw Ocean Mural Project

Este projeto à base de murais representa uma materialização dos conteúdos das reportagens completamente inovadora, ultrapassando várias fronteiras, na medida em que inclui artistas de várias nacionalidades que refletem e divulgam as reportagens. Ainda assim, denoto que uma das limitações que pode existir neste projeto é a perda do objetivo de informar, na medida em que, à

---

<sup>31</sup> <https://theoutlawoceanmuralproject.com/murals/forgotten-fishermen-by-decoy/#content>

primeira vista, os murais não estão identificados com o projeto. À semelhança de algumas iniciativas supramencionadas, o facto de estes murais estarem num determinado local pode fazer com que menos pessoas tenham acesso a ele, apesar de fotografias estarem disponíveis *online*.

Outra vertente desta iniciativa intitula-se “The Outlaw Ocean Music Project”<sup>32</sup>, que consiste na colaboração com músicos de todo o mundo para criar álbuns e músicas que, na sua ótica, se relacionem com os conteúdos abordados pela organização. Desta forma, almejam a chegar a uma audiência mais vasta através de plataformas menos ortodoxas, abrindo portas a uma nova vertente jornalística. Existem estilos musicais para todos os gostos e muitas das músicas incorporam áudios gravados durante a construção das reportagens, existindo uma relação direta com o conteúdo jornalístico.

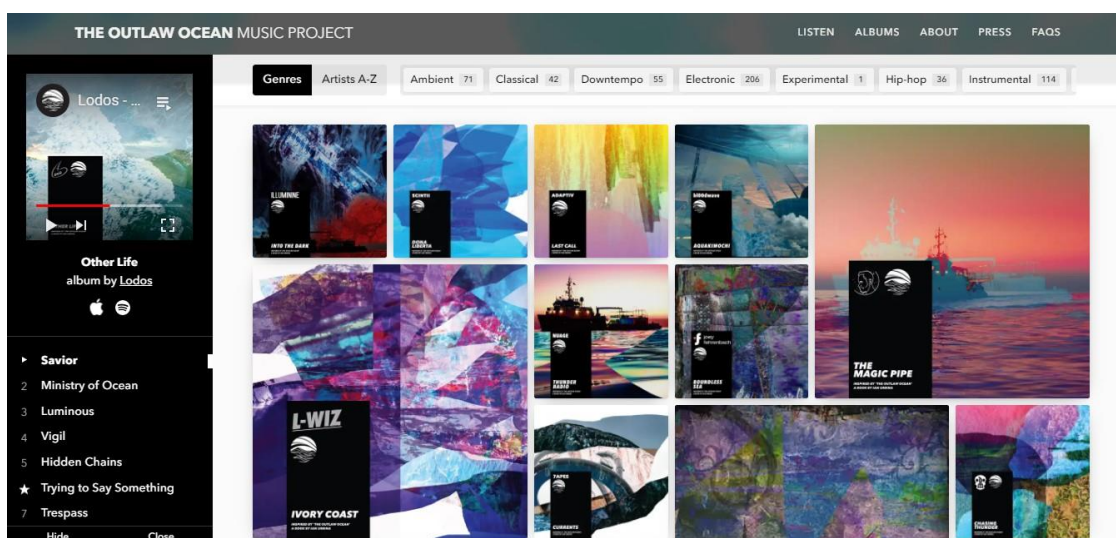


Figura 19 Página inicial do projeto, onde se podem encontrar todos os álbuns e músicas. Fonte: The Outlaw Ocean Music Project

Quanto à utilização destas formas de arte mais disruptivas no jornalismo, Vera Moutinho confirma que projetos como o The Outlaw Ocean Music Project e o The Outlaw Ocean Mural Project ilustram reportagens e criam focos em outros pontos artísticos que são veículos e janelas para o trabalho de jornalistas e artistas. “Há reportagens premiadas que podem não chegar ao

---

<sup>32</sup> <https://www.theoutlawoceanmusic.com/albums>

miúdo de 15 anos como o fazem estes murais, isto tudo cria atenção e gera conversa sobre os temas” refere a jornalista.

De todos os exemplos descritos acima, a sua visualização tem igual qualidade, tanto no formato *laptop* como *mobile*, o que demonstra que os meios de comunicação estão preparados para adaptar o seu conteúdo a ambas as plataformas. Nalguns casos, as peças funcionam ligeiramente melhor em *mobile*, o que vai de encontro à tendência crescente de consumo de notícias e reportagens através de um *smartphone* (Newman et al, 2021).

## 3.2 O jornalismo estético em Portugal

É inegável que existem menos exemplos de jornalismo estético na indústria mediática portuguesa, mas elementos deste tipo de jornalismo estão cada vez mais presentes em vários jornais, revistas e projetos jornalísticos nacionais. No geral, existem menos projetos independentes ou esporádicos, mas destaco os seguintes meios de comunicação: a Revista E, que acompanha a edição física do jornal Expresso, jornal Divergente, jornal Público, revista Gerador, Fumaça, Bagabaga Studios e a revista Mamute (nota de rodapé: revista dedicada a ensaios criativos, que contam histórias enquanto informam).

O uso de características estéticas acaba, não só por criar valor artístico e suscitar a curiosidade no observador, mas também simplificar conteúdos que podem ser complexos quando explicados apenas por palavras. Conteúdos visuais e multimédia acabam também por auxiliar na explicação de certas temáticas de uma forma original e mais clara. O jornal Público é um dos principais meios de comunicação nacionais a utilizar estas componentes a seu favor, investindo em aspetos visuais, multimédia e de infografia para abordar diversas temáticas. Comparativamente a outros jornais, a quantidade e qualidade de peças com base na infografia e iconografia é superior, destacando-se da concorrência. Existem inúmeras reportagens de cariz estético e artístico publicadas neste jornal, mas um projeto que se evidencia faz parte da edição especial de celebração dos 25 anos do Público, com o tempo como tema principal (Anexo 1, figura 40). “Um dia normal”<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> <https://acervo.publico.pt/25anos/um-dia-normal> e <https://www.publico.pt/2015/03/14/portugal/noticia/1440-minutos-de-um-dia-normal-1689144>



No jornal Público, quiseram elaborar uma reportagem com base num testemunho de um ex-aluno do Colégio Militar sobre discriminação homossexual, mas a fonte queria permanecer anónima. Como retratar esta realidade? Através da arte e da ilustração foi possível retratar esta história e a peça teve um alcance muito grande. “Não é por termos a arte como aliada que isso compromete a veracidade da história” referiu Vera Moutinho. A jornalista confirma que o jornalismo multimédia se presta a isso, mais criatividade e mais risco, que também é compensatório, pois são trabalhos que criam uma maior ligação com o autor. Uma maior capacidade de imersão na história e de ligação que invoca vários sentidos. Inclusive, os trabalhos vencedores de prémios que existem no jornalismo (como os Pulitzer, por exemplo) refletem esta tendência de trabalhos cada vez mais visuais, artísticos e multimédia.

O jornal Divergente prima pelas reportagens em profundidade com recurso a ferramentas multimédia e de *storytelling*. Os seus conteúdos prometem um jornalismo de investigação mais próximo das pessoas e quebram as paredes da redação, verificando-se que os seus trabalhos primam pela componente audiovisual e imersiva. Classificado como *webdocumentário*, “Terra de todos, terra de alguns”<sup>34</sup> é um projeto sobejamente premiado e que se destaca das restantes peças presentes no jornal *online*. A narrativa deste documentário foca-se na expropriação de camponeses moçambicanos das suas terras após empresas ligadas à agricultura, silvicultura e pecuária se instalarem na região e tomarem de assalto as áreas mais férteis, que os moradores cultivavam para subsistir. Ao longo da reportagem o leitor pode escolher o caminho a seguir na história, navegando de forma imersiva os vídeos, ilustrações, imagens e relatos em áudio que compõem o projeto. A interatividade e narrativa cativante são as principais características que destaco como diferenciadoras neste *webdocumentário*, capturando o leitor para o enredo desta situação, transportando-o para o local onde se desenrolaram os acontecimentos.

---

<sup>34</sup> <https://terradealguns.divergente.pt/>

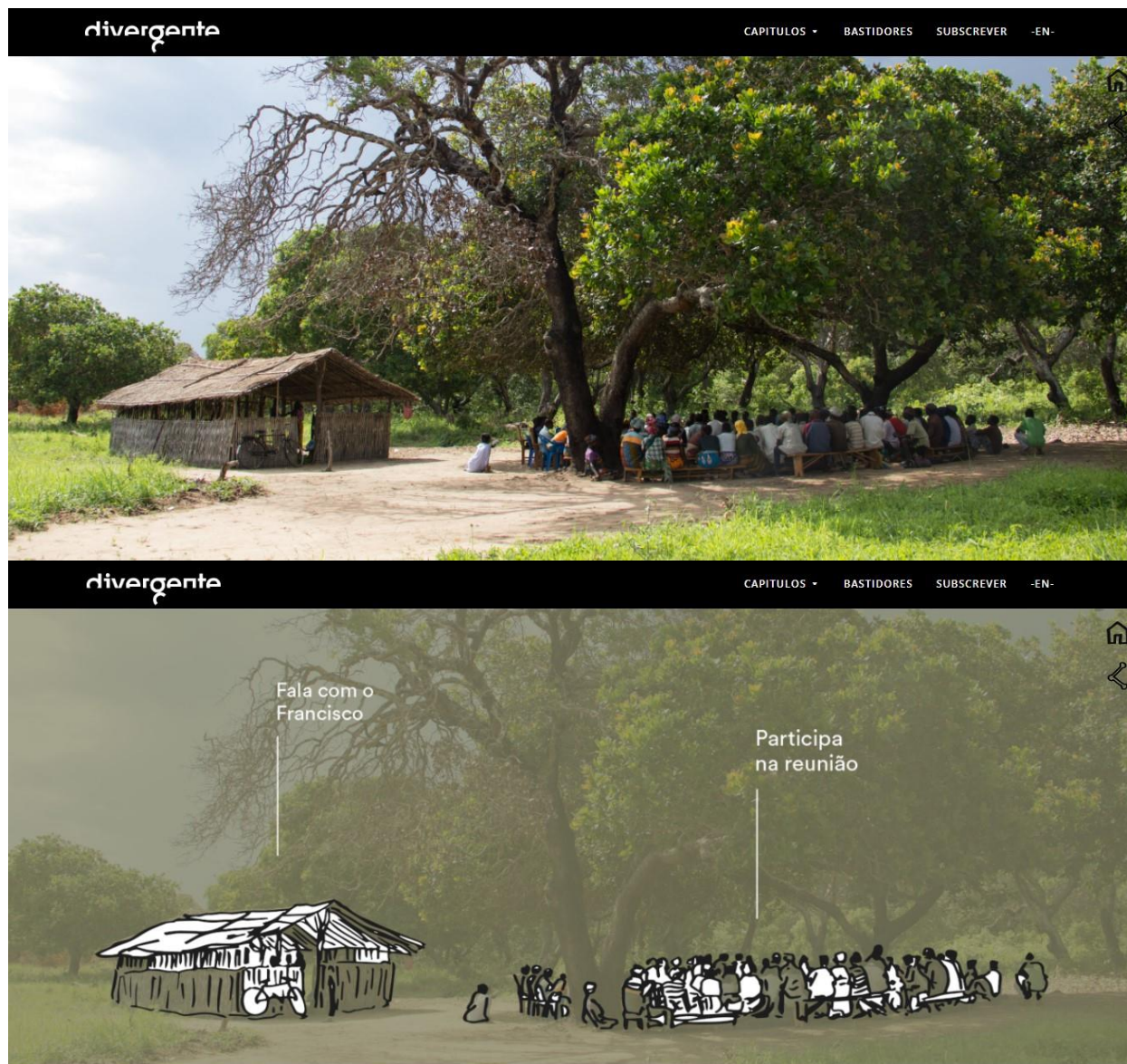


Figura 21 Transição entre imagens consoante o percorrer da página até ao momento em que o leitor pode escolher o rumo da reportagem. Fonte: Jornal Divergente

Moraes e Dos Anjos (2020) destacam três motivos para a crescente utilização do documentário no jornalismo ao longo dos últimos anos. A primeira consiste na necessidade de vincar diferenças num mundo cada vez mais globalizado e homogéneo; segue-se o surgimento e desenvolvimento de tecnologias que potenciaram a expressão e afirmação de cada um e por fim a urgência de representar conflitos característicos da atualidade. As autoras reforçam a importância de o jornalismo artístico poder ir além de uma dimensão objetiva e informativa, dando espaço para

uma expressão criativa, artística e subjetiva (Moraes & Dos Anjos, 2020). É nesse espaço de hibridização que podem surgir formas diferentes de narrar a realidade sem deixar para trás as características base do jornalismo, como é o caso deste *webdocumentário* do jornal Divergente.

As edições impressas do jornal Expresso são acompanhadas da Revista E<sup>35</sup>, um complemento destinado a conteúdos como reportagens e entrevistas. Este suplemento prima pelas suas características visuais, desde a capa até aos componentes que acompanham a informação (Anexo 1, figuras 38 e 39). O facto de acompanhar o jornal principal mostra que dão importância a este tipo de atributos, incorporando-os nesta revista que acaba por não fugir muito ao registo editorial do jornal.



Figura 22 Página inicial do segmento Fisga da Revista E. Fonte: Elaboração Própria

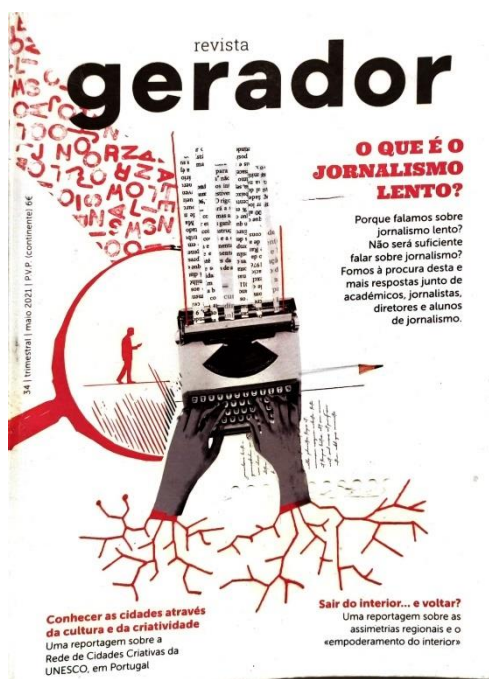


Figura 23 Capa da edição a Revista Gerador de maio de 2021. Fonte: Elaboração Própria

A revista Gerador<sup>36</sup>, em especial o formato físico de edição trimestral, apresenta um *design* inovador e apelativo, focado na componente artística e visual. Ao longo das páginas de cada revista é possível ver imagens, fotografias e ilustrações que emolduram a informação, apresentando um resultado diferente das típicas reportagens e peças que lemos (Anexo 1, figuras 41 e 42). As ilustrações, cores, tipos de letra e linha editorial geral das revistas são o que mais diferencia estas edições físicas. Por comparação, o *website* recai numa abordagem mais semelhante a outros jornais e revistas, mantendo, não obstante, o seu registo distintivo e aparência artística.

<sup>35</sup> Edição impressa

<sup>36</sup> Edição impressa

O Bagabaga Studios (de onde deriva o jornal Divergente) descreve-se como uma coletiva que desafia as fronteiras convencionais do cinema documental, do *design* e do jornalismo. À semelhança da Communication Arts, anteriormente mencionada, esta coletiva investe em várias abordagens focadas no *design*, ilustração, cinema, vídeo e fotografia. Os seus trabalhos primam pela vertente audiovisual, interativa e artística, apesar nem todos serem de índole jornalística. Um dos projetos que destaque intitula-se “Mundo Mouraria”<sup>37</sup> que conta as histórias de vários moradores deste bairro lisboeta com vídeo, texto e ilustrações, reunidas numa plataforma interativa. As ilustrações que acompanham o texto tornam a leitura fácil e desafogada, incluindo vídeos que retratam o dia-a-dia e histórias destas personagens. Denoto, no entanto, que a reportagem fica por vezes desformatada e que a apresentação de alguns segmentos e informação por vezes se sobrepõem.

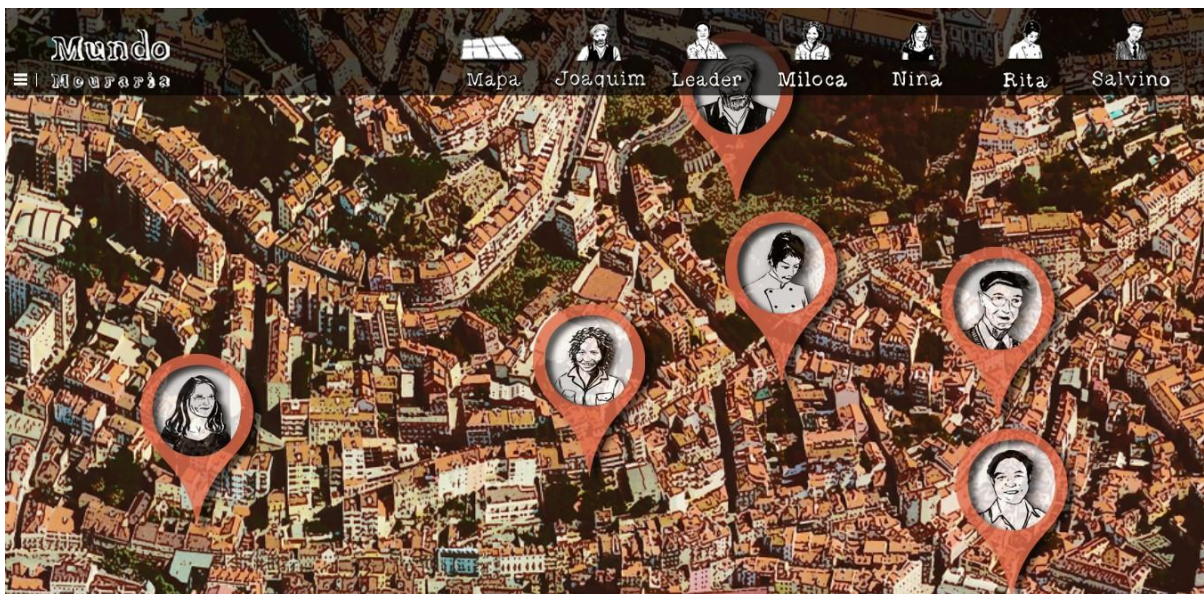


Figura 24 Mapa do bairro da Mouraria, onde o leitor pode clicar em cada uma das personagens para ler mais sobre a sua história. Fonte: Mundo Mouraria

Dos exemplos descritos ao longo deste capítulo, todos funcionam bem em *mobile* e *laptop*, à exceção da reportagem “Mundo Mouraria”, que apresenta algumas sobreposições de informação em ambas as plataformas. Uma vez mais, fica clara a atenção às tendências de consumo de conteúdo jornalístico, assim como adaptação a várias plataformas digitais.

---

<sup>37</sup> <https://mundomouraria.com/mapa.html>

# PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS

Para orientar o rumo do projeto, delinee a seguinte pergunta de partida “Como pode o jornalismo incorporar componentes artísticas e visuais, de forma a renovar a estética jornalística?”. De forma a responder à pergunta de partida proposta, apresento três objetivos:

- Explorar e identificar as características e conceitos do jornalismo-arte;
- Compreender quais os benefícios que a valorização da estética e arte pode trazer para o jornalismo;
- Evidenciar como se materializa o jornalismo estético numa reportagem.

O foco deste trabalho é, precisamente, refletir como o jornalismo pode absorver características artísticas e subjetivas, culminando na reportagem “As vozes anónimas que ajudam quem precisa, à distância de um telefonema”, elaborada segundo o jornalismo estético. Esta investigação centrar-se-á em analisar a aplicabilidade do jornalismo-arte, as suas características, atributos e limitações.

## 1. MÉTODO

De forma a cumprir os objetivos propostos e tendo em conta a natureza do tema em estudo, o método de análise escolhido foi o método qualitativo. Como Creswell (2009) explica, métodos qualitativos de pesquisa utilizam respostas abertas para explorar e compreender o significado que individuais e grupos atribuem a certos problemas sociais ou humanos. O processo de investigação engloba questões e procedimentos emergentes, seguindo uma regra do geral para o particular, comportando um conjunto de práticas que transformam o mundo visível em conteúdo representativo, como notas de observação, entrevistas ou fotografias.

A investigação segue um método indutivo e é focada na desconstrução de conceitos, resultando num produto final com uma estrutura flexível. A capacidade interpretativa desta vertente permite apresentar a interpretação dos participantes da investigação em conjunto com a

do investigador. Também o leitor irá construir o seu ponto de vista, adicionando-o às perspectivas já existentes, reforçando esta abordagem construtivista (Creswell, 2009).

A imagem tem sido cada vez mais aceite como uma forma subjetiva, reflexiva e qualitativa ao ponto de se tornar não só material de pesquisa, mas também a metodologia no âmbito da investigação das ciências sociais, segundo Knoblauch, Baer, Laurier, Petschke e Schettler (2008), o que se revela em mais uma pertinência para a utilização do método qualitativo. Desta forma, existe uma abordagem construtivista já que, de acordo com Creswell (2009), o construtivismo procura ajudar os indivíduos a desenvolver significados subjetivos das suas experiências e vivências. Os significados obtidos são múltiplos, apelando a que o investigador procure expandir a obtenção de resultados em lugar de os restringir, agrupando-os em algumas categorias e ideias. Ao invés de se cingir a uma teoria, o investigador desenvolve indutivamente as hipóteses com foco na experiência, argumentação e debate.

Assim, tendo em conta que o presente trabalho se foca em explorar as características do jornalismo-arte e a sua relevância, o método qualitativo é o mais adequado, com base em todos os seus atributos interpretativos, subjetivos e que permitem uma investigação em profundidade.

## 2. TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

A técnica a utilizar nesta investigação será a entrevista semiestruturada, com o propósito de suportar os dois primeiros objetivos, assim como alicerçar os pilares teóricos do jornalismo-arte, através das interpretações dos entrevistados.

A entrevista semiestruturada (denominada também por *qualitative interview*) permite uma análise mais profunda e passível de interpretação do que a simples entrevista estruturada. É dada ênfase às opiniões e interpretações dos entrevistados e a flexibilidade característica desta técnica permite a ramificação do tema da entrevista, originando intervenções expansivas. A aplicação deste tipo de entrevista encaixa-se num enquadramento temático, sem seguir necessariamente a ordem e escrita pré-definida das perguntas (Bryman, 2012). Deve ser feita uma investigação sobre o entrevistado e tema da entrevista, de forma a direcionar as perguntas o melhor possível, criando um guião que pretende encaminhar o rumo da conversa. Podem transparecer suposições

filosóficas, envolvendo a reflexão do investigador e do entrevistado em simultâneo (Creswell, 2009).

A escolha desta técnica prende-se ao facto de o objetivo geral desta investigação consistir na avaliação do jornalismo estético como uma abordagem inovadora e um contributo para renovar o panorama jornalístico. Desta forma, as entrevistas permitirão inquirir opiniões e interpretações acerca deste tema, permitindo uma troca de valores fluida e flexível. A informação recolhida na entrevista irá sustentar a investigação, com base nas inferências e conhecimentos transmitidos por cada um dos entrevistados.

Foram realizadas duas entrevistas com o objetivo de reunir contributos para complementar este trabalho. A primeira entrevista foi feita ao artista Mário Belém, autor da obra que utilizei na reportagem deste projeto, com o objetivo de saber a sua opinião sobre a colaboração entre artistas e jornalistas, segundo a sua perspetiva artística. Depois realizei uma entrevista à jornalista e professora na ESCS Vera Moutinho, com o intuito de conhecer a sua experiência como jornalista multimédia e opinião quanto à aplicabilidade do jornalismo-arte. Ambas as entrevistas se encontram no Anexo 2. Na conceção da reportagem foram realizadas mais entrevistas, com o objetivo de recolher informação de voluntários, psicólogos e testemunhos relacionados com o apoio psicológico telefónico em Portugal, disponíveis no Anexo 3. Foi também realizada uma investigação sobre a saúde mental e linhas de apoio portuguesas, de forma a completar a conceção da reportagem.

### 3. CONCEÇÃO DA REPORTAGEM “AS VOZES ANÓNIMAS QUE AJUDAM QUEM PRECISA, À DISTÂNCIA DE UM TELEFONEMA”

Este projeto consiste na realização de uma reportagem sobre o apoio psicológico telefónico em Portugal<sup>38</sup>. O tema para esta reportagem surgiu enquanto procurava obras de arte realizadas por artistas urbanos portugueses (em execução ou já terminadas) que pudesse adaptar a este

---

<sup>38</sup> <https://preview.shorthand.com/TqLltQ26c7D3fMjd>

projeto. A saúde mental é um tema que tem estado muito presente nos meios de comunicação ao longo dos últimos anos, derivado da pandemia, e tem sido alvo de debate. Ainda assim, o apoio psicológico telefónico é um ângulo pouco abordado, o que me impulsionou a fazer esta reportagem. Apesar de ter reunido a atenção mediática e comunitária, a saúde mental continua a ser alvo de estigma e desvalorização, especialmente em Portugal, pelo que a investigação desta temática se revela ainda mais atual e necessária. A escolha das vertentes artísticas prendeu-se por serem as mais adequadas por serem opções viáveis de concretizar, tendo em conta o tema da reportagem, os meus conhecimentos técnicos e o tempo e recursos disponíveis. Ficam em aberto todas as opções e manifestações artísticas que se poderiam aliar a este tema, tais como as que foram exploradas ao longo do enquadramento teórico, especificamente os exemplos descritos no capítulo 2.3. Esta reportagem pretende exemplificar uma das variadas formas de empregar o jornalismo-arte no jornalismo da atualidade.

### 3.1 Pesquisa de informação e recolha de testemunhos

O ponto de partida deste projeto foi, em parte, uma obra realizada pelo artista plástico Mário Belém, que opera em várias áreas artísticas, especialmente a arte urbana e artes plásticas.

As suas obras primam pela utilização de materiais variados, cores, imagens e palavras, construindo narrativas visuais inerentes à cultura popular portuguesa e à condição humana. Tem exposto o seu trabalho em locais públicos e exposições privadas. A obra que inspirou o tema da reportagem chama-se “Às vezes dói (mas eu escondo)”, com as dimensões de 39 x 39 x 2,5 cm, feita em tinta acrílica sobre madeira de pinho em camadas. A escolha desta peça prende-se pela sua relação direta com o tema, ainda que segundo uma interpretação artística. A obra é



Figura 25 Peça "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém

sugestiva sobre o apoio psicológico telefónico, uma vez que a cabeça da personagem é composta por um emaranhado de telefones. As setas que atravessam o conjunto de telefones funcionam como uma metáfora para o sofrimento e angústia psicológicos e a posição da própria personagem transmite uma sensação de apreensão, inquietude e desânimo. O facto de o sujeito estar a segurar num telefone indicia também que estará prestes a fazer uma destas chamadas. No Anexo 1 encontram-se mais detalhes da obra.

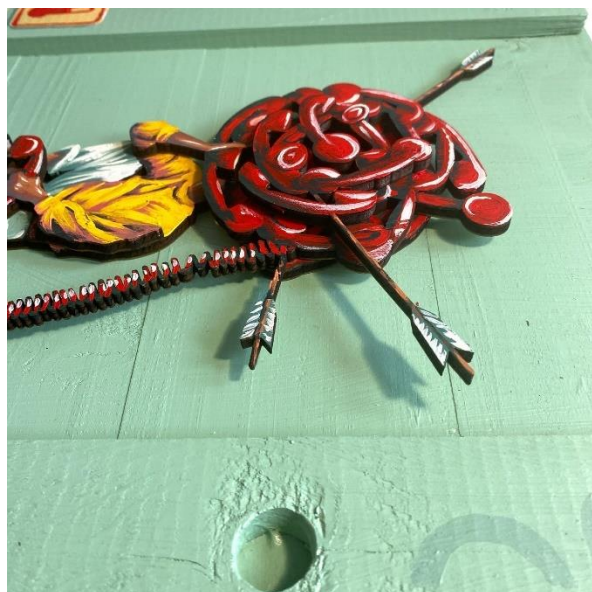


Figura 26 Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém

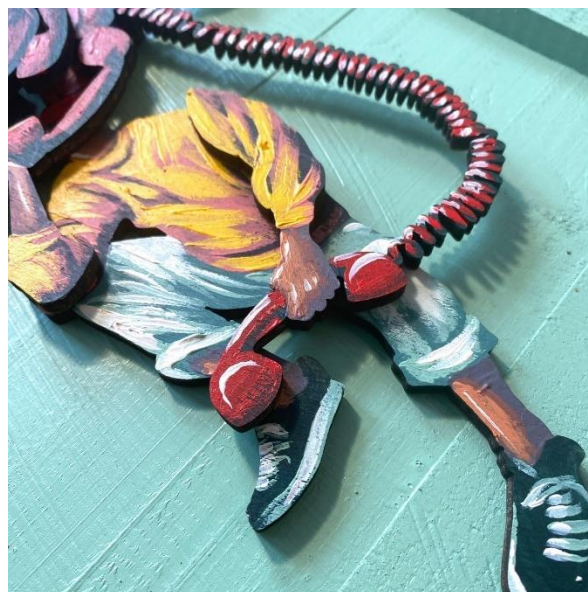


Figura 27 Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém

Esta peça não foi idealizada para ser exposta num lugar público (foi vendida a um comprador individual), mas eu imaginei que pudesse ser feita como um mural, em dimensões maiores, como pode ser visto na figura 29. Poderia ser implementado em qualquer zona do país, mas tendo em conta que o artista é natural de Carcavelos e que a maior parte dos seus trabalhos de arte urbana são feitos na área da Grande Lisboa, esta obra poderia ser concretizada nesta zona. Para efeitos da reportagem foi utilizada uma morada falsa. Esta idealização foi materializada através da plataforma Canva e foi adicionado o título da reportagem e *qr code* do *website* onde está publicada. Optei por colocar o nome da obra e não o da reportagem por ser mais cativante para o observador, tendo adicionado uma nota junto do *qr code*, para que quem se aproxime para o ler com o telemóvel compreenda que se trata de uma reportagem. Foi criado um nome fictício para o jornal onde seria publicada a peça, para efeitos visuais (Figura 28).

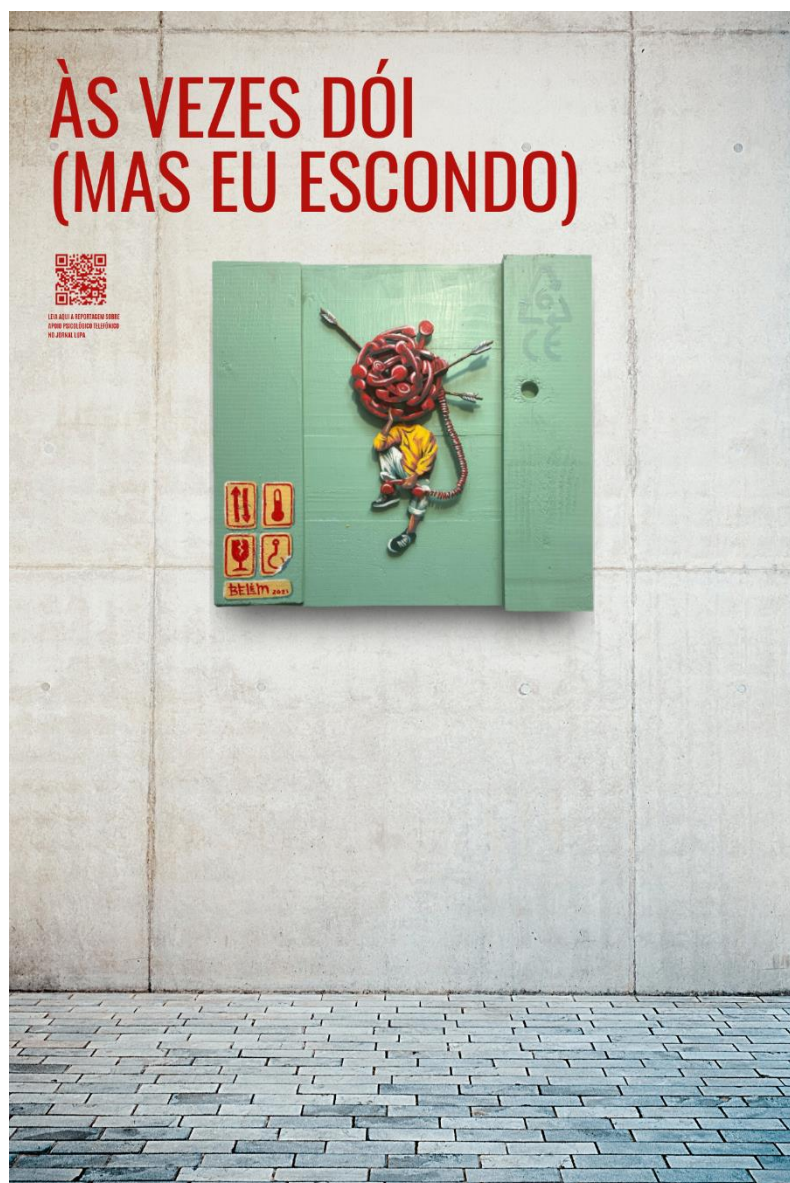


Figura 29 Idealização da obra como arte urbana



Figura 28 Detalhe do Qr code

À semelhança do Mário, existem inúmeros artistas urbanos portugueses que poderiam fazer parte deste tipo de colaborações, destacando o Vhills, Bordalo II, Effe, Oats, Edis One, Vasco Costa, Tamara Alves, Mota Curtiço, Mariana Duarte Santos, entre outros. Qualquer um destes artistas poderia criar murais e intervenções artísticas para acompanhar conteúdo jornalístico, utilizando diferentes técnicas.

A fase de pesquisa consistiu em toda a investigação empírica e estatística sobre a temática da saúde mental em Portugal e do estudo das linhas de apoio existentes no país. Baseei-me em relatórios e inquéritos realizados em Portugal e na Europa, assim como em notícias sobre esta

temática, de forma a construir o panorama português das linhas de apoio psicológico por telefone. Foquei-me na investigação das linhas de apoio mediadas por instituições estatais (inseridas no SNS 24 e INEM) e na associação SOS Voz Amiga<sup>39</sup>.

Foram realizadas quatro entrevistas com o objetivo de recolher informação junto de profissionais, voluntários e utilizadores destas linhas, disponíveis no Anexo 3. Foi feita uma entrevista à Vice-Presidente da associação SOS Voz Amiga, Manuela Borges, no dia 26 de maio, com o intuito de compreender o tipo de aconselhamento prestado por esta instituição, os motivos das chamadas, assim como conhecer a sua experiência como atenedora deste tipo de chamadas. O seu contributo foi essencial para compreender como funciona este serviço à base de voluntários, de forma a compará-lo com os serviços estatais. Foi também possível compreender os motivos da procura desta linha, assim como os maiores desafios dos voluntários que prestam este apoio.

Entrevistei a psicóloga Eliana Cruz, que trabalha no Centro de Apoio Psicológico e de Intervenção em Crise (CAPIC) pertencente ao INEM. Através desta conversa foi possível saber mais informações sobre este serviço de urgência psicológica, que acode a população através de apoio telefónico ou da intervenção de emergência psicológica. Entrei em contacto com Sofia Santos Nunes, Presidente da Associação Sobreviver, uma organização dedicada às famílias e amigos de pessoas que cometeram suicídio. Esta entrevista permitiu compreender as necessidades destes grupos, assim como um olhar crítico sobre a acessibilidade a serviços de prevenção e manutenção de saúde mental. Foi possível compreender várias estatísticas referentes ao suicídio em Portugal, assim como lacunas ao nível de linhas telefónicas e serviços de prevenção psicológica.

Falei também com uma jovem de 22 anos que sofreu de crises de ansiedade após o confinamento. A entrevista da Inês (nome fictício) permitiu compreender quais as repercussões da pandemia na sua saúde mental, os seus sintomas e de que forma procurou ajuda. Possibilitou compreender as suas opiniões sobre linhas de apoio psicológicas e os motivos para que não optasse por esse recurso. Por fim, realizei uma entrevista ao Marco (nome fictício), um jornalista de 30 anos que utilizou estas linhas de apoio, com o objetivo de saber a sua eficácia e compreender como

---

<sup>39</sup> <https://www.sosvozamiga.org/>

foi a sua experiência. Este foi o testemunho mais difícil de obter, pelo que foi o último a ser recolhido ao longo da elaboração desta reportagem. Está também incluída no Anexo 3.

A maior dificuldade encontrada ao longo desta reportagem foi, sem dúvida, obter testemunhos de quem tivesse utilizado estes serviços telefónicos, tendo em conta o estigma associado à saúde mental e ao facto de as chamadas serem realizadas em anonimato. Tentei também contactar o departamento de aconselhamento psicológico do SNS 24 para obter declarações, mas não obtive resposta.

### 3.2 Redação da notícia e construção do website

Após a realização das entrevistas e recolha de informação sobre o tema, a reportagem foi construída na plataforma em que viria a ser publicada. Foi tomada a decisão de utilizar a plataforma Shorthand para criar o *website* da reportagem, tendo em conta a facilidade de utilização e variedade de componentes visuais que disponibiliza. Ainda que seja necessário pagar uma mensalidade para publicar a página *online*, a versão gratuita permite pré-visualizar toda a reportagem, servindo o propósito deste projeto. Esta plataforma permite criar páginas com um visual estético, conteúdos multimédia e que possibilitam um *scrolling* fluido, independentemente do dispositivo em que se consulta. Ainda assim, denoto que a reportagem é mais bem visualizada em *laptop* ou *tablet*, pelo maior tamanho da tela. No *smartphone* a visualização é igualmente clara e o Shorthand permitiu adaptar cada elemento consoante a plataforma de consulta (Figuras 30 e 31).



Figura 31 Iconografia com as percentagens de prevalência de alguns distúrbios mentais, versão *laptop*. Fonte: Elaboração própria



Figura 30 Iconografia com as percentagens de prevalência de alguns distúrbios mentais, versão *smartphone*.

As vertentes artísticas escolhidas para esta reportagem foram a fotografia, vídeo, iconografia e arte urbana. Desta forma, a peça prima por ter uma forte componente visual a acompanhar o texto. As imagens utilizadas foram retiradas de *websites* de uso livre ou com a fonte devidamente identificada, já que foi difícil obter um registo fotográfico, tendo em conta o cariz anónimo dos relatos e testemunhos. O vídeo de capa e imagens foram retirados da plataforma Envato Elements e Unsplash, bancos de imagens, vídeos e outros conteúdos multimédia. As iconografias e fotografias foram editadas na plataforma Canva, Adobe Photoshop e Adobe Illustrator. Alguns elementos foram recolhidos do *website* The Noun Project. A utilização destes elementos e imagens permitiu uma ilustração da reportagem, que de outra forma seria impossível, tendo em conta o anonimato dos testemunhos e sensibilidade do tema. O jornalismo-arte não é uma abordagem transversal a qualquer tema jornalístico, sendo necessária a ponderação sobre o seu potencial e adequação a cada história, uma vez que a forma deve sempre servir a narrativa jornalística e não o contrário.



Figura 32 Segmento da reportagem com iconografia que sumariza a quantidade de psiquiatras por 100 00 habitantes e a distribuição de consultas de psicologia do SNS. Fonte: Elaboração própria



Figura 33 Ilustração de um fio telefónico, alusivo ao tema, incluído no segmento inicial da reportagem.  
Fonte: Elaboração própria

Em 2019, esta linha de apoio registou 6270 chamadas e em 2020 registaram-se 10800, um impressionante acréscimo de cerca de 72%.



Com o aparecimento da pandemia, houve um reforço de uma hora diária para responder à afluência de chamadas que inundaram os telefones dos voluntários, então a atender chamadas desde as suas casas.

Figura 34 Contador do número de chamadas registadas pela associação "SOS Voz Amiga", em formato GIF.  
Fonte: Elaboração própria

A cor vermelha foi escolhida como forma de aludir à cor do fio telefónico da obra “Às vezes dói (mas eu escondo)” e figura em vários detalhes ao longo da reportagem (Figuras 32, 33 e 34). Tem também o objetivo de chamar a atenção e ser um elemento contrastante, comparativamente às cores sóbrias do resto da página, associadas à ideia de transtornos mentais. A cor está presente em praticamente todos os elementos, criando uma coesão visual. Considerei importante incluir a obra de arte na reportagem, assim como as informações do artista que a realizou, de forma a criar uma maior conexão entre obra e peça jornalística (Anexo 1, Figura 47).

# PARTE III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo tornou-se na interface que explica como as coisas são e que nos permite criar opiniões e ideias sobre o que nos rodeia. Carrega o peso de mediar a informação sobre os mais variados temas com destino à população geral que, de outra forma, não poderia investigar todos os aspetos multifacetados da sociedade. O jornalismo cria benefícios funcionais, emocionais e de autoexpressão, mas ultimamente, estas características têm vindo a perder o valor de antanho. Ao desafiar o dogma estético da ideia de como se parece e apresenta a verdade, o jornalismo-arte pode estimular o jornalismo *mainstream* para que se reinvente e expanda os seus limites. Quando nos questionamos sobre o que é o jornalismo e quais as formas que pode tomar, estamos a abrir portas para nele incluir tudo aquilo que a criatividade nos permitir. Ao incorporar formas criativas de transmitir informação, o jornalismo-arte permite-se a conquistar a audiência através de uma consciencialização cultural e de formatos que primam pela originalidade. Para além de surpreender e cativar os consumidores de notícias, estas abordagens podem ser especialmente apelativas para públicos que descredibilizam o jornalismo, tais como as faixas etárias mais jovens ou uma audiência que esteja constantemente envolvida com a vertente digital e multimédia, ainda que com pouco interesse em conteúdo jornalístico.

Ao longo da História, foi possível verificar a crescente inclusão de técnicas como a fotografia ou ilustração no jornalismo, anteriormente consideradas desadequadas pelo seu teor artístico. Esta colaboração histórica entre meios reflete-se no jornalismo-arte, que pretende privilegiar a intercooperação entre arte e jornalismo. Atualmente, as novas potencialidades do digital abriram portas a toda uma nova capacidade visual e artística. Desta forma, as plataformas *online* podem funcionar como potenciadoras do jornalismo-arte como uma experiência sensorial e imaginativa, adaptando-se à tendência crescente do digital e multimédia. Ainda assim, o jornalismo-arte não está circunscrito à vertente multimédia, podendo manifestar-se segundo uma miríade de expressões artísticas. Num meio tão multifacetado como o jornalismo contemporâneo, flexibilidade e colaboração entre profissionais de várias áreas são características essenciais para o sucesso do jornalismo estético. A colaboração entre jornalistas e artistas é crucial para este efeito, nunca descurando a importância do ofício do jornalista neste processo.

O papel da arte no jornalismo foca-se não exclusivamente em entregar a informação, mas também em suscitar perguntas depois de dar algumas respostas, impedindo o leitor de aceitar *a priori* o que está a ler como uma verdade universal. Esta vertente jornalística potencia um jornalismo rápido o suficiente para envolver, surpreender e reter a nossa atenção, mas simultaneamente lento para respeitar a complexidade e nuances que a história em questão possa ter. O imediatismo que se verifica na atualidade contribui para uma menor profundidade dos conteúdos e dá primazia ao método mais rápido, mas é a história por detrás de cada notícia que torna esse facto verdadeiramente relevante e cativante. O jornalismo-arte permite trazer de volta esse tempo para observar e escrutinar os assuntos, de forma a criar significados e elaborar novas formas de os comunicar. Esta abordagem permite revelar aspetos da realidade que se perdem ao serem interpelados de forma rápida e imediata com destino aos *media mainstream*.

O projeto que aqui apresento procura instigar o pensamento crítico dos jornalistas, meios de comunicação e audiência, de forma a explorar os limites do jornalismo como o conhecemos. A criação da reportagem “As vozes anónimas que ajudam quem precisa, à distância de um telefonema” pretende demonstrar como se pode materializar o jornalismo estético. Tendo em conta a conjugação que foi necessária para a elaboração da reportagem, denoto a necessidade de jornalistas multifacetados na conceção deste tipo de conteúdos ou interação entre profissionais de várias áreas, o que se revela uma das maiores limitações desta abordagem. A construção deste tipo de peça levou também bastante tempo, revelando-se mais um entrave à aceitação destas iniciativas. Essencialmente, estes são os principais impedimentos para que estas abordagens sejam aceites pelos meios de comunicação: necessidade de profissionais especializados e a falta de tempo e recursos nas redações. Para a boa aplicação do jornalismo-arte é também necessária uma conjugação delicada entre a informação e a arte, de forma a nunca perder o rigor do jornalismo e o seu compromisso para com a verdade. As formas de arte devem sempre servir a história e nunca o contrário, sendo fundamental que não interfiram no objetivo de informar. Também a escolha do artista se revela crucial para criar uma simbiose perfeita entre a visão artística e a história a contar.

Denoto que os meus conhecimentos na área de *design* e edição são limitados, assim como o meu acesso a plataformas e ferramentas para esse efeito, culminando numa limitação na construção do *website* e elementos artísticos que acompanham a reportagem. Desta forma, a reportagem terá ficado um pouco aquém das expectativas estéticas que idealizei no início deste

projeto. O facto de o tema da reportagem ser as linhas de apoio psicológico telefónico dificultou o acesso a testemunhos de utilizadores destes serviços, devido à sensibilidade das questões relacionadas com saúde mental e anonimato envolvido no processo. Desejo ainda que esta reportagem possa impulsionar mais investigações sobre a saúde mental, um tema tão desvalorizado quanto imprescindível e que representa um dos maiores desafios na saúde, em Portugal e no mundo.

Através desta ode à inclusão das artes na informação, não pretendo descurar o ofício do jornalista ou misturar funções, mas sim munir o jornalismo atual de um cariz mais artístico e criativo. Não corramos o risco de generalizar esta abordagem ou de intuir que o jornalismo carece apenas da vertente estética para subsistir. Trata-se de encontrar métodos alternativos e criativos para revigorar o jornalismo e tirá-lo da rotina a que se submeteu, presenteando a audiência com uma conjugação sublime entre a arte e a informação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adam, S. (2006). Notes Towards a Definition of Journalism. *In Journalism: The Democratic Craft*, 344 – 367. Oxford University Press.

Alfredojaar.net (1996) *The Eyes of Gutete Emerita*.  
<https://alfredojaar.net/projects/1996/the-rwanda-project/the-eyes-of-gutete-emerita-stack/>

Alves, J. A. (2005). *O Poder da Comunicação*. Casa das Letras.

Askitopoulou, H., Ramoutsaki, I. A. & Konsolaki, E. (2000). Analgesia and Anesthesia: Etymology and Literary History of Related Greek Words. *Anesthesia & Analgesia*, 91(2), 486 – 491. <https://doi.org/10.1097/00000539-200008000-00048>

Bagabaga Studios. (s/d). *Mundo Mouraria*. <https://mundomouraria.com/mapa.html>

Ball, B. (2016). Multimedia, Slow Journalism as Process, and The Possibility of Proper Time, *Digital Journalism*. <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2015.1114895>

Baskette, F. K., Sissors, J. Z. & Brooks, B. S. (1992). *The Art of Editing*. Macmillan Publishing Company.

Brühlhart, M., Klotzbücher, V., Lalive, R. & Reich, S. K. (2021). Mental health concerns during the COVID-19 pandemic as revealed by helpline calls. *Nature*. 600, 121 – 126.  
<https://doi.org/10.1038/s41586-021-04099-6>

Bryman, A. (2012). *Social research methods*. Oxford University Press.

Campos, M. E. (17 de agosto de 2015). *Capa da Folha Ilustríssima*. Maria Eugenia Longo Cabello Campos. <http://www.mariaeugenia.com/cadernodedesenhos/2015/08/capa-da-folha-ilustrissima.html>

Cardoso, D. & Rodrigues, P. S. (12 de julho de 2018). *Terra de todos, terra de alguns*. Divergente. <https://terradealguns.divergente.pt/>

Castilho, C. (28 de setembro de 2016) Apertem os cintos: estamos entrando na era da pós-verdade. *Observatório da Imprensa*. <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/apertem-os-cintos-estamos-entrando-na-era-da-pos-verdade/>

Couchot, E. (2002). Digital Hybridisation. A Technique, an Aesthetic. *Convergence* 2002, 8(4), 19 – 28. <https://doi.org/10.1177%2F135485650200800403>

Communication Arts. (s/d). *Seat at the Table*. <https://www.commarts.com/project/33220/seat-at-the-table/>

Correia, J. (2016). Repensar o papel da literatura e do jornalismo no século XXI: a reportagem jornalística no centro das humanidades digitais. *Mediapolis: revista de comunicação, jornalismo e espaço público*. 3, 119 – 132. [https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_3\\_8](https://doi.org/10.14195/2183-6019_3_8)

Costa, M. (2012). Ilustríssima: espaço de hibridação da arte e do jornalismo. *Comunicação & Inovação*. 13(25), 45 – 52. [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/1541/1270](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1541/1270)

Crabapple, M. & Williams, M. K. (ilustrador) (2020, fevereiro, 27). *The Zo*. The Marshall Project. <https://www.themarshallproject.org/2020/02/27/welcome-to-the-zo>

Cramerotti, A. (2009). *Aesthetic Journalism. How to inform without informing*. Editora Intellect.

Creswell, J. W. (2009). *Research Design. Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. SAGE Publications, Inc.

Cruz, A. (2017). *Jalan Jalan - Uma Leitura do Mundo*. Companhia das Letras.

Deuze, M. (2004) What is multimedia journalism? *Journalism Studies*. 5(2), 139 – 152. <https://doi.org/10.1080/1461670042000211131>

Deuze, M. (2007). Convergence culture in the creative industries. *International Journal of Cultural Studies*, 10(2), 243 – 263. <http://ics.sagepub.com/cgi/content/abstract/10/2/243>

Deuze, M. (2019). What Journalism Is (Not). *Social Media + Society* July September 2019, 1 - 4. <https://doi.org/10.1177/20563051198572022>

Eco, U. (1992). *Obra Abierta*. Planeta-Agostini.

Gonçalves, T. (Coord.) (2015). *Públicos e Consumos de Média*. Entidade Reguladora para a Comunicação Social. <https://www.erc.pt/pt/estudos-e-publicacoes/publicacoes/estudo-publicos-e-consumos-de-media>

Gaut, B., D. Lopes. (2013). *The Routledge Companion to Aesthetics*. Routledge.

Jonsson, S. (2004). Facts of Aesthetics and Fictions of Journalism. *The Logic of the Media in the Age of Globalization. 16<sup>th</sup> Nordic Conference on Media and Communication Research*. Nordicom. 60 - 68.  
<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.732.6541&rep=rep1&type=pdf#page=60>

Knoblauch, H., Baer, A., Laurier, E., Petschke, S. & Schnettler, B. (2008). Visual Analysis. New Developments in the Interpretative Analysis of Video and Photography. *Forum: Qualitative Social Research*. 9 (3), 1-14.  
<http://www.qualitativerecherche.net/index.php/fqs/article/view/1170/2593>

Mauk, B. & Huynh, M. (ilustrador) (2021, fevereiro, 26). *Inside Xinjiang's Prison State*. The New Yorker. <https://www.newyorker.com/news/a-reporter-at-large/china-xinjiang-prison-state-uyghur-detention-camps-prisoner-testimony>

Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco*. O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea. MinervaCoimbra.

Moraes, F. & Dos Anjos, M. (2020). Arte-jornalismo: representação, subjetividade, contaminação. *Lumina* 14(2), 39 – 54. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2020.v14.30099>

Morales, F. L. (2021) Los andamios de la estética en el periodismo. En los umbrales de la práctica. *Correspondencias & Análisis*, 13, 09 – 34. <https://doi.org/10.24265/cian.2021.n13.01>

Musée Vanguard of Photography Culture. (2020, dezembro, 10). *Dec 10 From Our Archives: Alfredo Jaar*. Musée Vanguard of Photography Culture. <https://museemagazine.com/features/2020/12/7/from-our-archives-alfredo-jaar>

Newman, N. et al. (2021). *Digital News Report 2021 10<sup>th</sup> Edition*. Reuters Institute. [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2021-06/Digital\\_News\\_Report\\_2021\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2021-06/Digital_News_Report_2021_FINAL.pdf)

Not A Bug Splat. (s/d) *A giant art installation targets predator drone operators*. Not a Bug Splat. <https://notabugsplat.com/>

Leal, B. (2011). As estéticas do jornalismo em transformação: perspectivas de pesquisa em comunicação. In Silva, G. et al *Jornalismo Contemporâneo: Figurações, Impasses e Perspectivas*. (103 – 118). Editora EDUFBA. <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1586/1/Jornalismo%20contemporaneo.pdf>

Pavlik, J. (2010). The Impact of Technology on Journalism. *Journalism Studies*, 1(2), 229-237. <https://doi.org/10.1080/14616700050028226>

Peirce, C. (1877). A Fixação da Crença. *Popular Science Monthly*. 12, 1-15. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.pdf>

Peltzer, G. (1991). *Jornalismo Iconográfico*. Planeta Editora, Lda.

Picard, R. (2009). Why journalists deserve low pay. *The Christian Science Monitor*. Oxford, England. <https://www.csmonitor.com/Commentary/Opinion/2009/0519/p09s02-coop.html>

Postema, S. & Deuze, M. (2020). Artistic Journalism: Confluence in Forms, Values and Practices. *Journalism Studies*, 21(10), 1305 – 1322. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2020.1745666>

Renkl, M. (2020, fevereiro, 17). *When a Picture Is Worth a Thousand Tears*. The New York Times. <https://www.nytimes.com/2020/02/17/opinion/photojournalism-children-nick-ut.html>

Revista E. (2022, janeiro, 7). RAP entrevista Bernardo Silva. *Revista E*.

Revista Gerador. (maio, 2021). O que é o jornalismo lento? *Revista Gerador*.

Santiago, D. G. (2013). Ameaças e desafios do jornalismo contemporâneo. *Comunicação Pública*, 8(14), 95 – 135. <https://doi.org/10.4000/cp.593>

Santos, L. (2018, junho 1). Quais os grandes desafios do jornalismo? Os especialistas respondem. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/media/quais-os-grandes-desafios-do-jornalismo-os-especialistas-respondem-9395188.html#media-3>

Serrano, M. I. (2017) *Así Son Las Cosas. Ensayos de estética y periodismo*. Ediciones Universidad de Salamanca.

Silva, D. S. (2020, agosto 22). O jornalismo é uma obra de arte, como muitas, incompreendida. *Jornal Público*. <https://www.publico.pt/2020/08/22/opiniao/noticia/jornalismo-obra-arte-incompreendida-1926792>

Sousa, J. (2008). Uma história breve do jornalismo no Ocidente. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>

The Outlaw Ocean Mural Project. (s/d). *Forgotten Fishermen*. The Outlaw Ocean Mural Project. <https://theoutlawoceanmuralproject.com/murals/forgotten-fishermen-by-decoy/#content>

The Outlaw Ocean Music Project. (s/d). *All Albums*. The Outlaw Ocean Music Project. <https://www.theoutlawoceanmusic.com/albums>

Witschge, T., Deuze, M. & Willemsen, S. (2019). Creativity in (Digital) Journalism Studies: Broadening our Perspective on Journalism Practice. *Digital Journalism*, 7(7), 971 – 979. <https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1609373>

Zelizer, B. (2012). A “voz” do visual na memória. *Media & Jornalismo*, 20(11), 19 – 42. <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/MEDIA-JORNALISMO-20.pdf>

## PLATAFORMAS E BIBLIOGRAFIA UTILIZADA NA REPORTAGEM

Adobe Inc. (2022) Adobe Illustrator 2022 (Versão 26.3.1) <https://www.adobe.com/pt/products/illustrator/free-trial-download.html>

Adobe Inc (2022) Adobe Photoshop 2022 (Versão 24.3.1) <https://www.adobe.com/pt/products/photoshop/free-trial-download.html>

Canva Pty Ltd (2022) Canva (Versão 3.0) <https://www.canva.com/>

Envato Elements Pty Ltd (2022) Envato Elements (Versão 4.3) <https://elements.envato.com/>

Eportugal.gov.pt. (s/d). *Linhas de Apoio e Outros Contactos Úteis*. <https://eportugal.gov.pt/cidadaos/cuidador-informal/contactos-linhas-de-apoio>

INEM. (2020). *Relatório de Atividades específicas desenvolvidas nos CODU*. <https://www.inem.pt/wp-content/uploads/2021/04/Relatorio-de-Atividades-Especificas-CODU-2020.pdf>

Instituto Nacional de Estatística. (2022). *Rendimento e Condições de Vida – 2021*. [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaquas&DESTAQUESdest\\_boui=544264379&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=544264379&DESTAQUESmodo=2)

Noun Project Inc (2022) The Noun Project <https://thenounproject.com/>

Observatório Nacional da Luta Contra a Pobreza. (2021). *Boletim #7 A Saúde Mental em Portugal: um breve retrato epidemiológico e social*. <https://on.eapn.pt/wp-content/uploads/Boletim-7-A-sa%C3%BAde-mental-em-Portugal-um-breve-retrato-epidemiol%C3%B3gico-1.pdf>

Passos, L., Prazeres, F., Teixeira, A. & Martins, C. (2020). Impact on Mental Health Due to COVID-19 Pandemic: Cross-Sectional Study in Portugal and Brazil. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. <https://doi.org/10.3390/ijerph17186794>

Serviços Partilhados do Ministério de Saúde. (2022, abril, 1). *SNS 24 / 2 anos da Linha de Aconselhamento Psicológico*. <https://www.spms.min-saude.pt/2022/04/sns-24-2-anos-da-linha-de-aconselhamento-psicologico/>

Shorthand Pty Ltd (2022) Shorthand (Versão 0.643.0/0.644.0) <https://shorthand.com/>

SNS 24. (2022, abril, 29). *Aconselhamento psicológico no SNS*. <https://www.sns24.gov.pt/guia/aconselhamento-psicologico-no-sns-24/>

SOS Voz Amiga. (s/d). <https://www.sosvozamiga.org/>

# ANEXOS

## ANEXO 1 – IMAGENS E FOTOGRAMAS DE REPORTAGENS, DOCUMENTÁRIOS E PROJETOS DE JORNALISMO ESTÉTICO

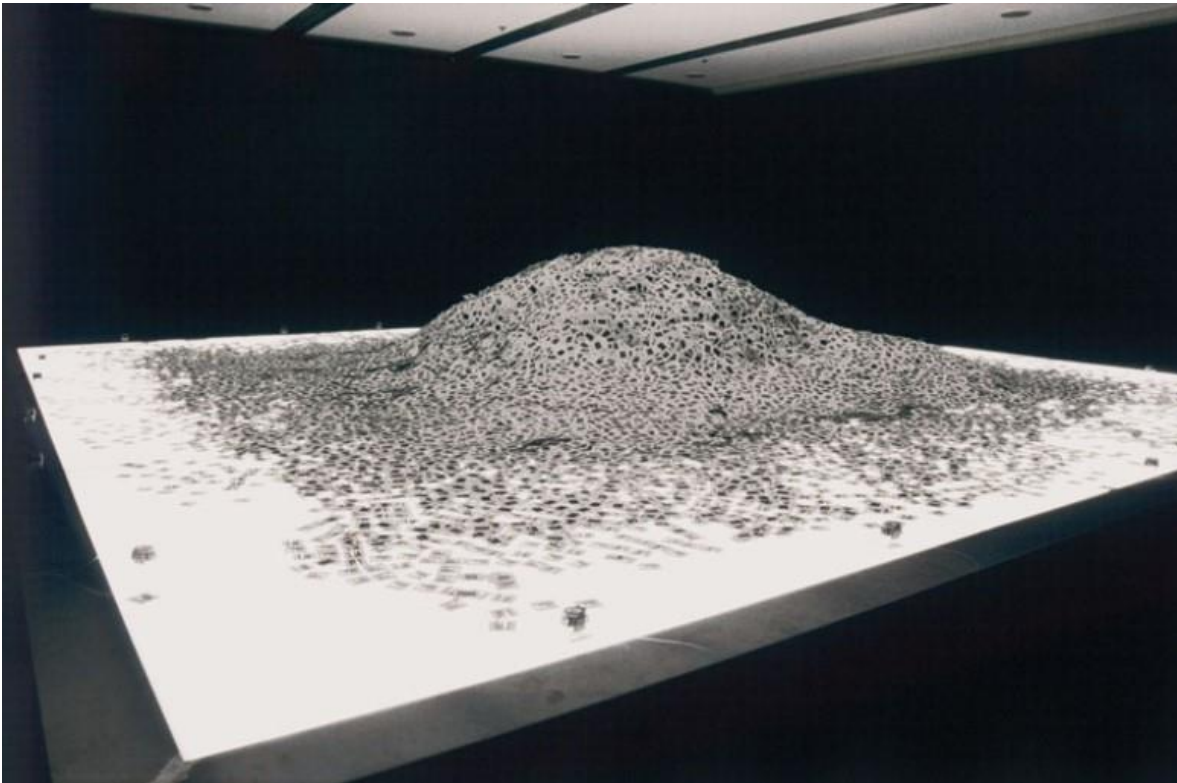


Figura 33 Instalação do projeto "The Eyes of Gutete Emerita" que representa o um milhão de vítimas do genocídio de 1994 do Ruanda. Fonte: Alfredojaar.net



Figura 34 Crianças fogem após um ataque aéreo com napalm no Sul do Vietname em 1972. Fotografia de Nick Ut. Fonte: The New York Times

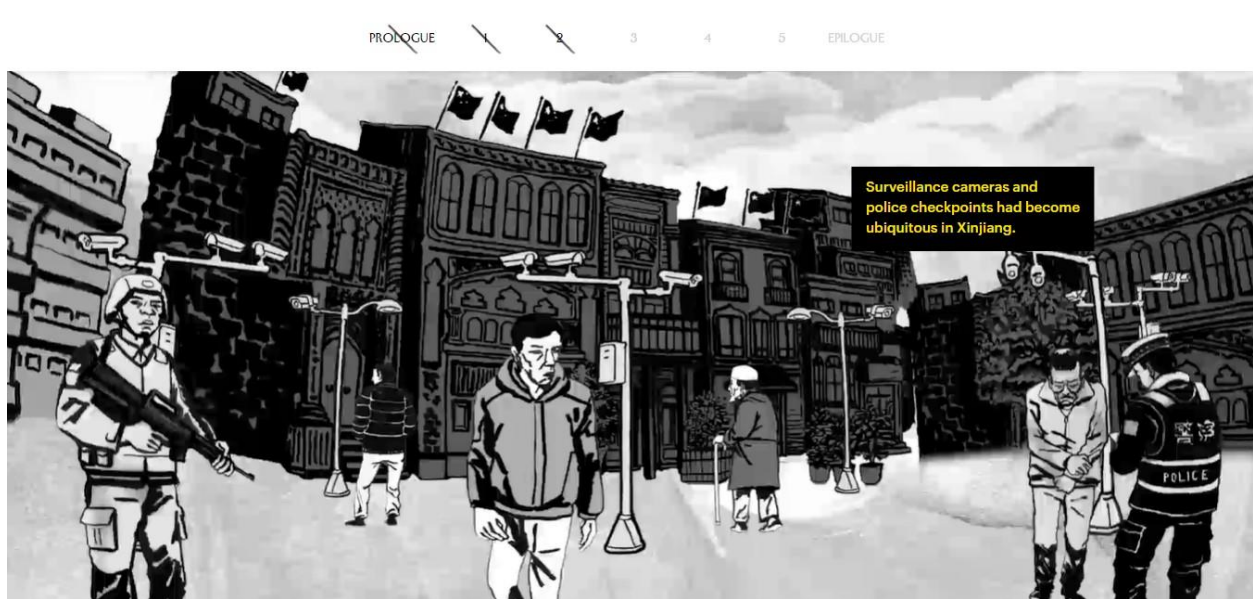
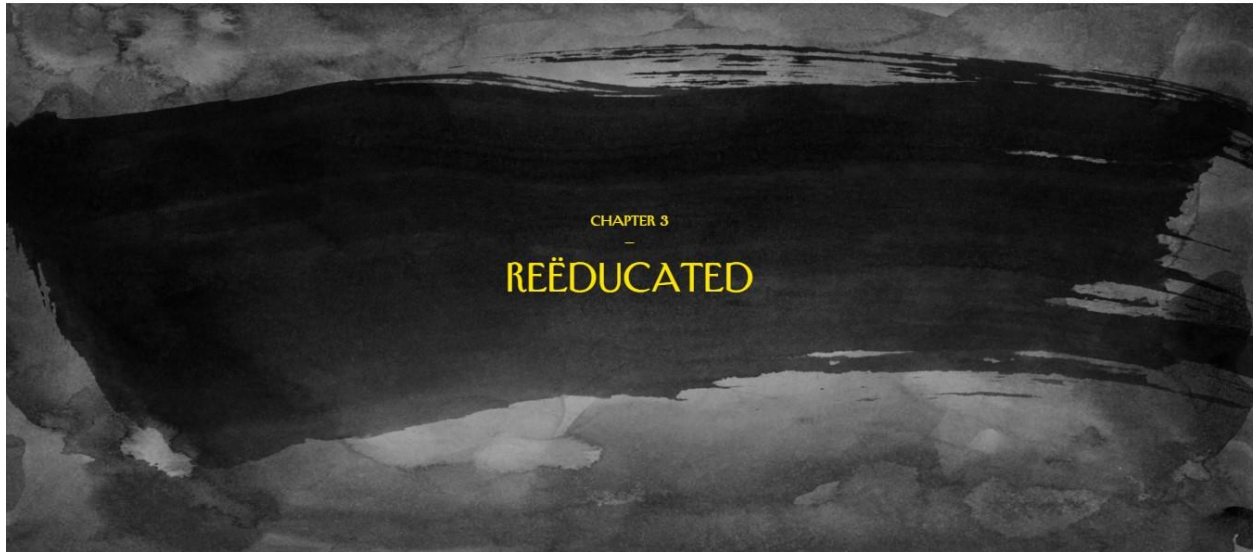


Figura 35 Fotograma de uma animação em realidade virtual da situação vivida nas localidades habitadas pelas minorias, agora controladas pelas autoridades chinesas. Fonte: The New Yorker



CHAPTER 3  
REEDUCATED

Figura 36 Título do terceiro capítulo da reportagem. Fonte: The New Yorker

**ESTRANHO OFÍCIO**

**PERIGO: NÃO HÁ PERIGO**

**T** GOSTARIA MUITO DE NUM GESTO DE GRANDE ousadia DE PLÁSTICO SAIR DA MINHA ZONA DE CONFORTO. SUCEDE, NO ENTANTO, QUE NUNCA ESTIVE CONFORTÁVEL NA VIDA.

me a certeza de que era um matuto quando, uma vez, no intervalo da ópera, ouvi um punta lamentar a inclusão no espectáculo de um painel electrónico com legendas. A música, dizia ele, transmite tudo o que o espectador precisa de saber. Era até óbvio que alguém passava a hipótese de necessitar de ajuda para entender o que o compositor nos faz sentir de forma tão clara através de notas musicais. Depois, a segunda parte começava e Boris Godunov disse ao seu filho: "Escuta-me, filho... embora, felizmente, nunca sejas vendicativo rívor. Não se trata de apanhar um boeing 747 sem ter tirado o boque. Basta fazer alguma coisa que nunca tenhamos feito antes, recolher o inevitável aplauso por não nos termos saído mal de tudo. Irá em conta que era a primeira vez, e focular nova ideia que fatalmente levará o qualificativo de "disruptiva". Já, como calculam, gostaria muito de, num gesto de grande ousadia de plástico, sair da minha zona de conforto. Sucede, no entanto, que nunca entrei confortavelmente na vida. E, olhando à minha volta, tenho dificuldade em encontrar uma vasta quantidade de indivíduos de cuja existência se possa dizer que é confortável. Talvez os gurus do empreendedorismo depressam sair da sua zona de conforto e experimentar uma coisa nova e trabalhar."

Ricardo Araújo Pereira esteve de acordo com o antropólogo

**RICARDO ARAÚJO PEREIRA**

Figura 37 Página final da edição da Revista E de dia 7 de janeiro de 2022. Fonte: Elaboração Própria

**E**  
A Revista do Expresso  
7 de Janeiro 2022

PLANEIAS VOLTAR A TEMPO DE JOGAR PELO BÉNFICA? OU DE TREINAR OU DE PRESIDIR AO BÉNFICA?

TREINAR E PRESIDIR NÃO FAZ SENTIDO. JOGAR? SEM DÚVIDA, SE ME QUISEREM LA...

**RAP**  
entrevista  
**Bernardo Silva**

Quando o novo criador do Expresso anti-revista o melhor futebolista português da atualidade é isto que acontece por Ricardo Araújo Pereira Ilustração Nuno Saraiva

DEIXE ESTE CRIADOR EM BOM DIA PARA LER OS CONTEÚDOS DESTAS PÁGINAS NA WEB E NA APP

Figura 38 Capa da Revista E que acompanhou a edição impressa do Jornal Expresso do dia 7 de janeiro de 2022. Fonte: Elaboração Própria



Figura 39 Página inicial da edição especial do 25º aniversário do jornal Público. Fonte: Jornal Público



Figura 40 Detalhes visuais que ilustram a reportagem "Conhecer as cidades através da cultura e da criatividade", disponível na revista Gerador. Fonte: Elaboração Própria



Figura 41 Detalhes visuais de um resumo sobre o jornalista Pedro Coelho, disponível na revista Gerador. Fonte: Elaboração Própria



Figura 44 Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém



Figura 45 Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém



Figura 46 Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém



Figura 47 Detalhe da obra "Às vezes dói (mas eu escondo)" Fonte: Mário Belém



Figura 42 Segmento final da reportagem, onde consta a obra de arte e algumas informações. Fonte: Elaboração própria

## ANEXO 2 – ENTREVISTAS

### 2.1 - Entrevista a Mário Belém, artista da obra “Às vezes dói (mas eu escondo)”. Realizada no dia 24 de maio de 2022.

**A abordagem do jornalismo-arte pretende conjugar o jornalismo com vertentes mais artísticas como pintura, teatro, murais, arte urbana, pode ser um pouco de tudo. A segunda parte da minha tese consiste num projeto que mostra como eu faria algo à luz do jornalismo-arte, daí ter falado contigo. Idealmente eu faria uma reportagem sobre saúde mental, falaria contigo e criarias uma obra ou um mural com base nessa reportagem. Desta vez, fiz ao contrário e para mostrar como é que eu faria pesquisei várias obras e optei pela tua, que tu simpaticamente cedeste, e que me inspirou a escolher este tema.**

Tu já me explicaste, mas eu ainda não percebi muito bem o resultado, é um artigo acompanhado de uma imagem?

**O objetivo é ter um produto final que passe a mensagem de forma criativa. O objetivo do jornalismo é informar, pelo que deve existir esta conjugação delicada entre apropriar**

**conteúdo artístico e transmitir informação. É para isto que esta conversa serve, para saber a tua opinião enquanto artista. Por exemplo, olhando para o jornalismo da atualidade, achas que consumes jornalismo que tenha uma vertente artística e visual preponderante?**

Daquilo que estás a falar, o mais normal é ver uma ilustração agregada a um artigo, mas o que estás a dizer não é isso, é usar a arte para falar sobre temas prementes e aliar a isso uma boa cobertura jornalística ou ao contrário, mas de forma a ter uma expressão. Este fim-de-semana eu fiz aquele mural em Alcântara sobre o 25 de abril e eu costumo ter uma postura de nunca me associar a causas políticas, religiosas e futebolísticas, porque são coisas que dão aso a muita polémica. Por outro lado, do meu ponto de vista como artista, são coisas que estão muito limitadas no tempo. Há causas que são mais intemporais como as alterações climáticas, mas por exemplo questões políticas são temas do agora e se olhares daqui a 20 anos serão coisas datadas. Interessa-me que as coisas que faço como artista sejam mais intemporais e possam ser abordadas por pessoas em qualquer sítio do mundo, sem ter um rótulo de ser algo que aconteceu naquele contexto específico. Existe esta pressão sobre o artista para abordar esses temas eu sou contactado várias vezes por pessoas que gostavam que eu lhes desse voz e eu chego-me um pouco atrás.

**Ou seja, tendo em conta a tua posição enquanto artista, achas que terias dificuldade em falar sobre certos assuntos e dependendo do tema aceitarias ou não?**

Claro, se estamos a falar de saúde mental eu faço-o porque acho um tema universal, mas se me falares de um tema mais local, relacionado com a política... Eu sou de Carcavelos e temos aqui um problema gigante que é a Quinta dos Ingleses. Toda a gente tem opiniões muito vincadas e eu estou ligado aos dois lados da questão. Apesar da minha consciência ditar um caminho eu percebo que as coisas não são preto no branco e já fui convidado para fazer peças mais ativistas em relação a isso e não o faço para dar possibilidade a todos os lados da coisa. Há sempre dois lados na questão e estar a tomar um partido pode ditar o meu futuro e depois as coisas podem tornar-se mais bicudas. É um grande problema, aquela área florestal é um pulmão desta zona, mas o que está a ser proposto é construir uma cidade nesse espaço, para mais de 10 000 pessoas.

**Percebo, mas agora ignorando a questão do ativismo, porque o jornalismo pode tomar um dos lados de cada história, mas o objetivo é que seja sempre neutro e não tendencioso. Partindo do princípio que seria uma reportagem neutra, achas que a subjetividade da arte se pode conjugar bem com o jornalismo?**

Eu acho que sim, sobretudo porque a arte é muito mais ambígua. Às vezes faço as coisas com determinado simbolismo e as pessoas veem aquilo com outro ponto de vista, portanto pode ser algo interessante. O que eu acho é que, o teu investimento enquanto jornalista é algo mais curto no tempo e, à partida, tens o ónus de teres associado a ti o facto de seres neutra e não seres tendenciosa. Já o artista tem de investir muito mais tempo e não tem essa questão de não ser tendencioso, ele vai ficar mais rotulado. É como estás a dizer e a estudar, acho que esta área tem pano para mangas e é um formato que, se passasse a ser desenvolvido e identificado como tal, podia ser uma nova forma de expressão bastante interessante. Tem de ser bem feito e ter boas bases para que seja bem entendido que é algo não tendencioso.

**O objetivo do meu trabalho é precisamente refletir nesta abordagem jornalística como uma forma de renovar o jornalismo, ainda que não se adapte a todo o tipo de peças ou artigos.**

Eu acho que é por aí, faz sentido nos tópicos em que se quer promover o diálogo sobre a coisa. Por exemplo, a questão da abolição do aborto nos Estados Unidos, tentar fazer algo de forma a promover o diálogo, mas sem tomar partidos. É muito importante ser neutro e usar isso como um *statement* visual para que as pessoas não estejam sempre a “comer” aquilo que veem todos os dias, derivado do excesso de informação. A forma como eu vejo esta abordagem é como se fosse um jornalismo mais didático, que ensina as pessoas e promove o discurso e não como o jornalismo normal, onde já sabemos *a priori* os interesses políticos ou económicos associados a cada jornal. Parece ser um jornalismo mais *freelancer*.

**Sim, essa é outra questão, no jornalismo de hoje em dia parece não haver espaço para este tipo de abordagens. O objetivo do jornalismo é informar, mas é também fazer pensar e refletir, à semelhança da arte, pelo que se acaba por juntar estes pontos no jornalismo-arte. Já alguma vez fizeste alguma colaboração com um jornal ou revista? Já foste abordado para isso?**

Dentro destes moldes que estás a falar não, mas já fiz algumas coisas. A mais parecida com o que estás a dizer foi, depois do primeiro ano de pandemia. O jornal Expresso pediu-me para fazer a imagem do saco que contém o jornal e, no final do ano, fiz uma ilustração sobre a esperança e fiz aquelas coisas que eu faço, fofinhas e coloridas, mas se fores a ver é mais sobre a loucura que

estivemos a viver e isso está subentendido, apesar de não ser óbvio. Eles fizeram várias peças justamente sobre isso.

**Esse é um excelente exemplo, ainda que a intenção inicial não tenha sido aliar isso a uma reportagem.**

Mas depois acabou por ser, aproveitaram a ilustração para fazer vários *layouts* no jornal para promover o futuro pós-pandemia e tudo o que voltaria a acontecer, que afinal não se verificou em 2021.

**Esse é um exemplo fantástico. No projeto que estou a desenvolver, decidi apostar na arte urbana, pois muitas vezes ando na rua e fico curiosa sobre coisas que vejo nas paredes e vou procurar saber mais. Foi essa a minha ideia, imaginar que a tua peça podia ser feita em tamanho grande numa parede.**

Uma coisa importante sobre aquela peça é que é baseada na letra de uma música, “Às vezes” do Slow J ft. Nerve e isso é brutal.

**Isso ainda é mais um ponto a favor, ao ter música e arte fiquei rendida!**

Essa música é incrível, eu não sou nada de hip-hop e a letra daquela música é brutal.

**Quais é que achas que poderiam ser outros entraves para o artista nestas colaborações, do teu ponto de vista?**

Esta é a minha postura e há pessoas que não pensam assim. Eu acho que o maior perigo não é para o artista, mas sim para o jornalista. Tu disseste e muito bem que um artigo precisa de ter um ponto de vista neutro e depois vai depender de artista para artista a interpretação sobre o assunto. O resultado final pode ser neutro ou pode estar mais associado a um dos lados da causa. Por outro lado, como estás a pedir ao artista para fazer a interpretação dele, como jornalista não é o teu lugar dizer como deve ser feito. Essa gestão é complicada, porque dizem: “Faz a tua arte, mas não é isso que eu queria”. Assim ele deixa de ser um artista e passa a ser um ilustrador.

**Achas que pode ser mal recebido pelo artista haver demasiadas diretrizes? Assumo que quando te fazem pedidos também te deem algumas orientações sobre o projeto.**

O meu percurso é ao contrário, eu venho de ilustração e percebo exatamente aquilo que me estás a dizer. Hoje em dia, como artista, faço essa gestão das expectativas de quem me pede os trabalhos, mas a maior parte dos trabalhadores desta área não tem essa formação ou pensa como eu. Há artistas de todos os tipos e feitios, desde uma pessoa que atira um balde de tinta branca para cima da obra que demorou dois meses a fazer com a justificação “Tu em mim não mandas!”. Tem de haver algum cuidado na seleção do artista em função do tópico. Há artistas que podem ser mais adequados para umas coisas do que outros e deve haver esse trabalho de casa por parte do jornalista. Às vezes podem obter resultados que não correspondem à expectativa.

**Sim, porque no final do dia a beleza da arte é o artista fazer aquilo que bem entender com a sua visão e inspiração. Pode ser um caminho traiçoeiro quando o jornalista pede, à partida, essa colaboração que pode “cortar as asas” ao artista ou fazer com que ele não queira participar. Achas que há abertura da parte dos artistas para colaborarem nesta abordagem jornalística?**

Eu acho que sim, mas depende do que se está a abordar. Penso que com temas como a saúde mental ou o aborto, à partida os artistas até o podem fazer *pro bono*. Há outros tópicos que se calhar não convencem os artistas tão facilmente.

**Mas eu vejo esta colaboração da mesma forma em que se contrata um ilustrador ou fotógrafo, é muito importante valorizar o artista.**

Essa é uma distinção muito importante: o *designer* e o ilustrador são contratados, no final do dia, o cliente é que decide. Se queres um produto em cor-de-rosa e castanho, a minha obrigação como *designer* ou ilustrador é fazê-lo, mesmo que eu avise que essas cores talvez não combinem. Já o artista, se alguém lhe disser que tem de utilizar cor-de-rosa e castanho ele não quer saber e vai ser fiel à sua visão. O que estás a dizer parece remeter mais para o universo da ilustração.

**Quando falo da questão de pagar pelos serviços do artista não me refiro a fazer com que este fique na mão do jornalista. Vejo-o como uma colaboração, pois seria um pouco injusto esperar que o artista trabalhe sempre *pro bono*. Talvez para alguns temas faça sentido, como disseste, mas é importante que o trabalho do artista seja valorizado.**

Exato. Sinceramente, acho que podem sair trabalhos muito interessantes desta abordagem. Vamos olhar para o mercado americano ou inglês, onde se fazem as coisas em grande. Consistiria

em entrar em contacto com o artista com quatro meses de antecedência e convidá-lo a desenvolver um conjunto de quatro ou seis imagens sobre este tema. O artista elaborava as peças à sua vontade, o jornalista ia acompanhando o trabalho do artista e já sabia sobre o que escrever e ia-se adaptando a peça em função disso. Fazia-se algo com um impacto enorme, seria brutal.

**Foi essa mesma visão que tive, mas acaba por ser uma ideia mais utópica, de recursos infinitos.**

Mas não é utópico. Hoje em dia existem imensas bolsas para apoiar estes projetos e com tempo seria possível fazer algo com qualidade, sem o tornar elitista ou que fosse apenas publicado na revista Egoísta. Num mundo ideal para ser possível fazer isso todos os meses seria preciso um grande orçamento, mas é possível. É ambicioso.

**Há um ponto bastante importante que é a recetividade da audiência, neste caso, se o público português não valoriza a cultura isso é um entrave.**

Se a abordagem for o hip-hop em vez da música clássica ou artes plásticas em vez de arte conceptual (que ninguém percebe) é possível abarcar um público muito maior.

**Claro, mas se estivéssemos a falar de outros mercados, como o americano, há muito mais recetividade dos meios de comunicação e do público.**

Mas esse problema é outro, que é o mesmo desde sempre: nós somos muito pequenos. É a nossa condição e isso é bom, mas também é difícil. Não seria algo em que estarias limitada só ao mercado português, poderias vender esse formato a outros países.

**Quanto à peça “Às vezes dói (mas eu escondo)”, qual foi a tua inspiração?**

A minha inspiração vem de “bujardas”, frases e expressões que vou ouvindo e anotando no meu telefone, numa lista infinita, tanto em português como em inglês. A maior parte das vezes, é um título ou frase ridícula que me sugere uma imagem. Grande parte dos artistas começam por desenhar sem pensar muito e depois começam a repetir sempre a mesma fórmula. Acho que é importante desafiarmo-nos a fazermos coisas novas, com resultados visuais diferentes uns dos outros. Sou absolutamente fã do português mal “dizido”. Quando se leem essas coisas surge logo um sorriso na cara e acho que é importante conseguirmos falar das coisas de uma forma positiva, mesmo quando são temas mais pesados. O mundo já está partido ao meio e é importante que a arte

tenha uma voz positiva, mas também gosto muito daquela dorzinha na alma que todos temos e é importante falar sobre isso.

### **Quais são as características das tuas peças?**

Falando de um ponto de vista mais técnico, eu venho de ilustração e tenho o problema de achar as coisas que faço demasiado infantis, coloridas ou fofinhas. Ao apostar em personagens não tão sorridentes e mais contemplativas, por vezes dá outra dimensão à peça. Eu sinto-me muito assim e porque não traduzir e interpretar isso de uma forma visual? Gosto quando as pessoas criam empatia com as minhas peças. Outro pormenor sobre as minhas obras é que, por mim, fazia todos os títulos em português e focava-me apenas em expressões populares e engraçadas. Infelizmente, hoje em dia estamos condicionados a comunicar em inglês e o que me parte o coração é que muitas coisas perdem o impacto nessa tradução. Eu tento sempre escrever os títulos em inglês e português nas peças.

2.2 - Entrevista a Vera Moutinho, jornalista multimédia do jornal Público). Realizada no dia 25 de maio de 2022.

**O tema do meu trabalho é o jornalismo-arte, que basicamente consiste em conjugar vertentes mais artísticas, arte urbana, pintura, teatro, o que for, com o jornalismo. Sei que a Professora Vera é jornalista multimédia, que também acaba por se enquadrar com o que é o jornalismo-arte. O objetivo desta conversa é perceber a sua opinião enquanto profissional da área, tendo em conta a sua experiência. Acha que o jornalismo, em Portugal mais especificamente, está preparado para receber estas propostas?**

Acho que sim, que está preparado e que já o faz. Com dizes e bem, muito via jornalismo multimédia, porque no fundo é um braço do jornalismo que tem esse potencial para conciliar muitas linguagens, nomeadamente a linguagem artística. Muitas vezes, é uma opção e uma forma

de enriquecermos e trabalharmos as nossas narrativas jornalísticas. No jornalismo multimédia, uma narrativa jornalística cruza-se também com uma narrativa artística. Aqui no Público, por exemplo, tivemos durante vários anos uma jornalista multimédia que vinha de um curso de belas-artes, portanto ela conseguia aplicar no seu trabalho muito desse conhecimento e talento e isso era muito útil em muitos trabalhos. Não só porque trazia uma criatividade e inovação diferenciadoras em relação a outros trabalhos e jornais concorrentes, como também trazia essa sensibilidade e esse ar fresco do mundo artístico. Em muitos trabalhos, ela acompanhava-os com ilustração e trabalhava esses elementos ilustrativos com a narrativa jornalística, muitas vezes com temas difíceis. Uma vez tivemos um depoimento de um ex-aluno do Colégio Militar, já adulto, na altura em que houve denúncias sobre censura e perseguição de alunos homossexuais. Nós tínhamos um testemunho deste ex-aluno, que nos relatava exatamente isso, tinha de escolher entre ser aluno ou ser homossexual, esconder essa identidade. Ele dava um testemunho muito forte por escrito e depois pensámos que se tivéssemos esse testemunho lido e ilustrado teria mais força e poderia chegar a muita gente, ou com um formato de vídeo, mas como fazê-lo? Ele não só não queria dar a cara, como estava noutro país, não seria possível. Portanto, tivemos esse testemunho lido e essa jornalista multimédia, a Sibila Lind, ilustrou esse testemunho e esse trabalho teve um alcance gigante porque permitiu visualizar o que era aquela realidade. Fizemos o mesmo tipo de trabalho para temas como o racismo ou pessoas transgénero. A mesma jornalista fez um trabalho grande sobre uma pessoa transgénero e ilustrou momentos da vida dela. Este tipo de trabalho é algo que, para nós aqui no Público, é muito próximo, mas se quiseres olhar a nível internacional é possível ver como esse lado artístico se cruza muito com a narrativa jornalística. O jornalismo multimédia, por ter esse lado muito criativo e de inovação, permite arriscar mais na maneira como se conta a história, sem perder o lado fidedigno e factual, isso nunca está em causa. Não é por termos a arte como aliada que isso compromete a veracidade da história. O jornalismo multimédia presta-se mais a isso, mais criatividade, mais risco e é também compensatório, pois são trabalhos que criam uma maior ligação com o autor. Uma maior capacidade de imersão na história e de ligação invoca vários sentidos. Para mim, é completamente possível que isto cresça no futuro, porque já existe essa ligação muito forte. Há pouco tempo saíram os vencedores dos prémios Pulitzer e um dos trabalhos vencedores tinha sido feito ao estilo da banda desenhada, por exemplo. Eu acho que essa ligação sempre existiu, mesmo quando não tínhamos os meios digitais, mas talvez agora ela tenha outras dimensões e ganho uma nova força.

**O jornal Público é um jornal pioneiro na vertente multimédia e visual, mas tendo em conta o panorama geral dos jornais portugueses, acha que há receptividade para estas conjugações mais “fora da caixa” e que possam fugir um pouco à norma?**

Eu diria que sim, há essa receptividade, que é acompanhada de dois grandes obstáculos. Essa receptividade existe, mas há duas dificuldades muito fortes que muitas vezes impossibilitam que esses trabalhos avancem. Uma delas é a existência nas redações de pessoas, recursos humanos, que tenham essas capacidades porque é um perfil muito específico, não é como ter só um ilustrador. É necessário alguém que tenha também cabeça de jornalista ou um *webdesign* muito ligado à vertente editorial e esse não é um perfil muito fácil de encontrar. São trabalhos que consomem muito tempo e aquilo que muitas vezes acontece quando se propõe um trabalho deste género é que estejam duas pessoas durante uma ou duas semanas só a fazer isso e tem sido o grande Calcanhar de Aquiles do jornalismo multimédia, dos projetos maiores. O jornalismo multimédia tem vários ritmos, várias camadas, uma galeria é diferente de um vídeo. O que eu entendo por jornalismo multimédia é que tem a capacidade de criar projetos de raiz, perceber exatamente como é que aquela história pode ser contada e se vai de facto acrescentar algo à peça ao ter uma vida multimédia. Tudo isso consome muito tempo e muitos recursos, portanto, à partida, é logo vetado. Hoje em dia, com a voracidade que há nas redações e esta pressão para termos quantidade, mas também qualidade, como dizer que vão ficar duas ou três pessoas durante duas semanas a fazer um trabalho? É muito difícil. Até podes ter as pessoas com as capacidades para o fazer que este seria outro obstáculo. Até se pode estar disposto a dar mais tempo, mas não há capacidade de ter um *webdesigner* que também faz ilustração ou um jornalista multimédia que também tem essa componente artística, é preciso juntar vários elementos. Eu diria que, à partida, não estamos num ponto em que não há essa receptividade, que há algum tipo de preconceito ou medo de se perder o lado jornalístico. Acho que são aqueles dois obstáculos, as competências que existem numa redação e o esforço em termos de tempo e recursos humanos que é preciso alocar.

**Eu também fiz essa reflexão e foi um dos grandes entraves que me ocorreu, mas uma das premissas do jornalismo-arte é haver a colaboração entre jornalistas e artistas. Há sempre essa questão de não se esperar que seja o jornalista a fazer isto sozinho e também convidar os artistas a juntarem-se a este processo.**

Isso acontece já há muitos anos. O Público tem muito o hábito de convidar ilustradores para fazer uma ilustração de capa ou de uma reportagem específica, faz manualmente a edição ilustrada em que todos os temas do jornal impresso não têm fotografia, mas sim ilustração. Aí encontra-se outra barreira, a dos recursos financeiros. Eu até posso ter uma ideia como jornalista multimídia, não tenho como ilustrar isto e precisava de convidar um artista, mas onde está a verba para pagar isso? A tendência tem sido utilizar os recursos que se tem e mais uma vez batemos na porta do jornalismo multimídia, pois foi acontecendo um cruzamento com pessoas de *webdesign* ou da parte jornalística com o multimídia, que tinham essas competências. Este também é o desafio, haver orçamento dentro das redações para colaborações com elementos externos.

**E da parte da audiência, como é que é a receptividade a estas peças ou artigos mais artísticos e subjetivos?**

A experiência que eu tenho é de que o impacto é muito, muito positivo. Se falarmos com alguém que está a analisar apenas os números (quantas pessoas visitaram a página, quanto tempo permaneceram na página) talvez não sejam extraordinários. Isso porque, muitas vezes, quando olhamos para estes números e fazemos estes cálculos, estamos a compará-los a um artigo que demorou duas horas a ser escrito sobre fruta contaminada ou sobre a Angelina Jolie e que chegou a meio milhão de pessoas. Eu acho que, quando olhamos para esses números e não usamos as medidas de comparação certas, estamos a ser injustos. É claro que outro trabalho demorou duas semanas a ser feito, com três pessoas e não chegou ao meio milhão do artigo que demorou duas horas a fazer e acho que aí as direções editoriais têm de perceber que nos movemos num contexto diversificado e multiplataforma e vivemos com estes vários ritmos. Estes trabalhos têm um impacto muito positivo porque chamam à atenção pela diferença e no meio do resto da torrente de informação com que nos cruzamos todos os dias nos nossos *feeds* de redes sociais e afins, quando aparece algo fora da caixa, visualmente muito apelativo, isso rapidamente capta a atenção e fica na memória. Até pode não chegar àquele nível de visualizações, mas liga de uma maneira mais forte aquele leitor à nossa marca de notícias, sobretudo leitores mais dedicados, mais informados, mais propensos a fazer uma assinatura porque valorizam certo tipo de conteúdo. Na minha experiência, com esses trabalhos mais impactantes, fora da caixa, construídos de raiz e com um lado artístico recebemos muito *feedback* dos leitores via *email*. Eles gostaram e ligaram-se àquele trabalho ao ponto de nos escrever o *email* e não só deixar um comentário qualquer no *Facebook*

ou *Instagram*, o que é uma qualidade reguladora desse tipo de informação. Ainda assim, já tivemos no Público trabalhos dessa envergadura que tiveram muito bons números, como por exemplo o projeto “Um Dia Normal” que é completamente fora, tivemos de inventar um formato completamente disruptivo. Aquilo era jornalismo ou não era, o que era aquilo? Teve muito boa audiência. Noutro exemplo, a propósito dos 30 anos do Público, chamado “30 Coisas Para Fazer na Vida” tínhamos três pessoas a fazer uma lista das 30 coisas que tinham de fazer na sua vida e é um trabalho ilustrado, muito disruptivo e que teve muito bons números. Eu acho é que na comparação, ao olharmos para a audiência, temos de ter em conta que são outros trabalhos, estão noutro patamar, geram outro tipo de ligação com essa audiência que pode não ser só numérica. Colocam essa publicação num patamar de referência e isso pode logo traduzir-se em euros, naquele momento. Durante um tempo, o Público ganhou todos os prémios que havia para ganhar. De repente havia uma lista dos prémios de jornalismo visual, via-se os vencedores e tinham o Público, The New York Times, o The Guardian e o El País e isso posicionava-te numa certa dianteira daquilo que é a inovação e a criatividade, muitas vezes com a arte como aliada à narrativa jornalística.

**Voltando à questão do facto de estes trabalhos poderem criar uma relação diferente com a audiência e a reflexão sobre as visualizações, acha que este tipo de abordagens pode acabar por ficar associada a certos temas, meios de comunicação ou audiência, como se fosse um nicho?**

Acho que há esse risco, de este tipo de trabalhos serem rotulados como trabalhos de luxo e com isso vem uma componente depreciativa, no sentido de consumirem muito tempo a fazer e precisarmos de coisas mais rápidas, da atualidade. Como dizias e bem estes trabalhos estão presos a temas mais intemporais, portanto o desafio tem sido, nos últimos anos, trazeremos essa linguagem para temas mais atuais e sermos mais rápidos a fazer esses trabalhos multimédia, com uma dimensão mais criativa ou mais artística. Isso é mensurável em coisas como, recentemente, o Expresso ter aderido a uma plataforma paga chamada *Shorthand*, que tem uma versão gratuita também, que permite escrever *longforms* (histórias narrativas em longo formato) e ao pagares uma plataforma dessas estás a diminuir brutalmente o tempo de uma história que junta texto, fotografia e ilustração. Há cada vez mais processos automatizados que permitem saltar algumas etapas e fazer um trabalho que enche o olho e não demorou tanto tempo para ser desenvolvido. Aquilo que é para

mim o mais interessante e o mais importante é pensar e construir de raiz uma coisa ainda mais disruptiva, como o “Um Dia Normal” que não é um *template* que tu preenches. Isso, por todas as condicionantes que tem e fomos falando aqui, corre esse risco de ficar preso a temas que são menos ligados à sociedade atual. Acho que muitas vezes falta alguma visão porque podes fazer algo sobre o COVID-19 na altura quente, mas que tem esse lastro de um ângulo mais lateral, uma abordagem diferente que, ainda assim, é sobre um tema muito atual. É aí que esta linguagem pode entrar, está toda a gente a falar da mesma coisa e esta linguagem pode trazer uma abordagem diferente tratada de uma maneira diferente. O que é preciso para isso? Agilidade nas redações, ter as pessoas competentes e estar-se disposto a gastar esse tempo, tornar as equipas mais ágeis nessa organização, não ser algo que se arraste demasiado no tempo. Claro que deve ser um processo ágil, mas tem de haver permissão das chefias, que é outra coisa. Não é pegar no telefone, entrevistar três pessoas e fazer um texto. Este universo todo tem de se alinhar para voltarmos a ter alguma ambição, não falando só do Público, mas no geral há outros órgãos com essa ambição, como o Expresso ou o Observador. Para termos essa ambição de fazer coisas relevantes, mas diferentes não é só criar elementos engraçados que mexam, tem de ser relevante e fazer sentido. É preciso que o universo se alinhe, essa agilidade, essas competências e uma compreensão das direções editoriais de que estes trabalhos trazem outras vantagens e outros ganhos que não são só mensuráveis pelo *Google Analytics*.

**Concordo consigo, mas acha que, por outro lado, incluir estas vertentes subjetivas, não poderá representar uma ameaça à objetividade que se tem preconizado no jornalismo? Ou seja, que a subjetividade da arte possa interferir no objetivo principal de transmitir uma mensagem, ao torná-la mais confusa ou demasiado subjetiva?**

Se a coisa for bem feita é exatamente o efeito oposto daquele que descreveste. Quando o trabalho é bem feito o que acontece é que torna tudo mais claro, torna-o visível de uma forma contundente, empática, apelativa e em todos os trabalhos em que estive envolvida e naqueles que gosto de ver (portugueses e não só) isso acontece porque estão muito bem feitos. Portanto a componente artística funciona como uma forma de ajudar a clarificar, mostrar, visualizar e criar esse efeito de imersão, trazer as pessoas para dentro da história, de as agarrar por um braço e dizer “Anda cá, senta-te aqui e ouve!”. Quando é bem feito, não há esse risco, de todo, mas quando olhamos para o multimédia ou para uma componente artística ligada ao jornalismo como fogo de

artifício, como eu costumo descrever, isso já pode acontecer. Aí já não se está a pensar para que serve a história, está-se a tentar adaptar o conteúdo a uma forma, quando deve ser sempre o contrário, a história é que manda. Isto deve sempre acontecer, quer seja uma ilustração de um artista ou algo ainda mais disruptivo, como o “Um dia Normal”, que é quase uma instalação artística, mas não deixou de ser um trabalho profundamente jornalístico, no sentido em que eram quase micro reportagens do quotidiano. Ali houve um trabalho jornalístico de veracidade, e não houve manipulação em nenhum daqueles 1440 vídeos nós dissemos às pessoas para agirem de uma forma ou outra, não houve qualquer encenação nem preparação a não ser agendar com alguém àquela hora e mesmo assim a maior parte dos vídeos eram espontâneos. Portanto, mesmo neste tipo de trabalho nunca sentimos que tinha sido minado por essa subjetividade do lado artístico porque ele estava ali para servir a narrativa jornalística e não o contrário. Acho que há provas desde que o mundo digital explodiu, ou mesmo antes nos meios mais tradicionais, de que essa ligação funciona. Claro que no digital as possibilidades são maiores, mais infinitas, mais malucas, onde se pode de facto fazer algo que até esteja mais próximo da ficção do que da realidade, mas acho que isso não tem acontecido ou quando acontece é descrito como um documentário ou algo mais exploratório noutras vertentes. Quer cá em Portugal no que tenho visto e feito, quer lá fora, nunca senti que isso aconteça, quando é bem feito. É usado para visualizar alguma coisa que não conseguiríamos de outra forma, para clarificar alguma coisa, para desmontar uma realidade complexa e aí ajuda a visualizar, mostrar e comparar.

**Relativamente a um plano mais prático, o que estou a idealizar no meu projeto é uma reportagem que teria como ponto de partida uma obra de um artista urbano. Esta obra estaria na rua, como um mural, teria o título da reportagem e poderia funcionar como um ponto chamativo para as pessoas que passam na rua, veem e ficam interessadas em saber mais. Esse seria também o ponto de ligação estético da minha reportagem online, pretendo criar um *website* e gostava que, de certa forma, remetesse para essa obra.**

Não sei se conheces o Ian Urbina que é um jornalista norte-americano que faz um pouco disso que estás a falar.

**Conheço, há um artista português que fez um mural para esse projeto, perto da sede do jornal Público!**

Sim, o Filipe. Vou ter um vídeo com ele no jornal nas próximas semanas. Portanto, o Ian tem agora esse projeto dos murais, mas já teve outro ligado à música e a ideia dele é sempre, em todas as reportagens que faz, como grande repórter no The New York Times, levar as reportagens a públicos a que normalmente não chegaria através de meios artísticos. Não era tanto a questão de ter um artista a ilustrar simplesmente o trabalho, mas sim como espalhar a reportagem, como tem feito através do The Outlaw Ocean Music Project e agora do The Outlaw Ocean Mural Project. O foco é criar outros pontos artísticos que são veículos e janelas para o trabalho dele.

**É isso que estou a fazer e na altura foi a Professora Cátia que me falou desse projeto. Há umas semanas partilhei com ela esta ideia que eu tive e foi a Professora que me disse que já existia um projeto muito semelhante. Por um lado, pensei que alguém já tinha materializado esta ideia, mas por outro fiquei contente porque afinal esta colaboração faz todo o sentido.**

Claro e poderia ser muito interessante falares com o Ian, por exemplo. Pode ser engraçado ele estar aí de alguma forma. É outra maneira de juntar a arte ao mundo do jornalismo, não tanto na criação de um projeto multimédia, como é mais a minha praia, mas para chamar a atenção para estes temas. As pessoas vão àquele mural, ao *qr code* e não vão ter a uma reportagem do Ian Urbina, vão ter ao trabalho do Filipe, por exemplo. Isso tudo cria atenção e gera também mais conversa sobre os temas em que o Ian se debruça e é esse o objetivo, chegar a pessoas que ele não chegaria de outra forma. Uma grande reportagem do The New York Times até ganha um prémio Pulitzer, mas se calhar não chega àquele miúdo de 15 anos que passa pelo mural.

**A minha ideia seria colocar um *qr code* nessa obra que estivesse diretamente ligado à reportagem, no sentido de cativar e fazer essa ligação entre a arte e a informação. Não tenho a certeza se vou incluir isso no meu projeto, mas estou precisamente nessa parte de construção da minha reportagem. Está a ser desafiante, mas está a ser muito giro!**

Que obra é que escolheste?

**Eu escolhi uma obra de um artista chamado Mário Belém, ele é artista urbano e artista plástico. A obra que escolhi não é necessariamente um mural, mas acho que seria facilmente aplicável a estar exposta ao público na rua. Eu vi essa obra e pensei que conjugaria bem com uma reportagem sobre saúde mental, mais especificamente sobre apoio**

**psicológico telefónico. É isso que estou a construir neste momento, uma reportagem em conjunto com essa obra. O ideal seria uma conjugação entre artista e jornalista desde o início.**

Isso às vezes acontece, como te disse. Uma vez fizemos uma reportagem sobre o ruído em Lisboa, em conjunto com um artista e ilustrador com que trabalhamos várias vezes chamado Nuno Saraiva. Desde o início ele esteve muito envolvido no processo, sabia o que estávamos a tratar na reportagem e fez uma série de ilustrações sobre esse tema que, de facto, acrescentavam muito mais informação. Obviamente que ele foi trabalhando nesse lado artístico à medida que a reportagem estava a ser construída e isso é muito interessante.

## ANEXO 3 – ENTREVISTAS PARA A REALIZAÇÃO DA REPORTAGEM

3.1 - Entrevista a Manuela Borges, 73 anos, Vice-Presidente e coordenadora da associação SOS Voz Amiga. Realizada a 27 de maio de 2022.

### **Quais são as funções da SOS Voz Amiga?**

Somos uma linha de apoio duplamente confidencial e anónima em que nós nunca sabemos quem está do outro lado, nem quem atende sabe quem está do lado de cá, o que dá um conforto muito grande a quem nos liga, porque muitas vezes contam-nos coisas que, como dizia o poeta, “Nem às paredes confessam”. A nós contam-nos num desabafo, mas acima de tudo para fazer uma catarse, para limpar as angústias negativas que lhes vão dentro da alma. Temos normalmente muitas chamadas, muito dolorosas, não são propriamente as chamadas de um hipotético suicídio que mais nos magoam e doem, são mais as de sofrimento psicológico, da vida, do que passam e do que sofrem. Muitas crianças a falar de *bullying*.

### **As crianças ligam e recorrem a esta linha?**

Sim. A criança mais nova que eu atendi tinha 12 anos.

### **Por iniciativa própria?**

Sim, sim. Hoje em dia na *internet* está tudo, pesquisam “SOS Voz Amiga, deixa ver o que me dizem” e ligam-nos. Contam-nos que a mãe não lhes liga, que o pai tem demasiado para fazer, que os pais que estão separados, etc. Crianças com muito sofrimento. Depois também temos pessoas que sofreram de abusos sexuais, de tudo um pouco. Muitos idosos completamente sozinhos, que têm filhos, muitos ou poucos não importa, mas que estão sozinhos. Digo-lhe isto com um certo conhecimento de causa porque vivo um bocado disso, pois tenho 73 anos, já estou reformada há oito, vivo sozinha, tenho uma vida cheíssima, faço muita coisa, mas nós gostamos sempre da companhia dos nossos. Dos filhos, dos netos, da família, quem a tem. Hoje em dia, as pessoas, infelizmente, levam a vida a correr e esquecem-se que os idosos muitas vezes não precisam de nada. Eles bastam-se a eles, mas precisam da companhia, da conversa. “O que fizeste? O que vais fazer?”. É a “fofoquice”, mas é conversa. O vizinho fez isto ou fez aquilo, não interessa nada, mas é a companhia que interessa. Isso infelizmente, na sociedade em que vivemos, há cada vez menos. Muitas das pessoas que nos ligam só querem isso, conversar. Só para dizer que hoje fez isto e fez aquilo e ficam bem.

### **Qual é a razão pela qual as pessoas mais ligam?**

Solidão e angústia, sofrimento e tristeza. Mas no fundo é a solidão, o abandono. Mesmo muitas das pessoas novas que nos ligam estão sozinhas, não têm com quem falar, não têm com quem socializar. Há 30 ou 40 anos atrás isso não acontecia, as pessoas davam-se umas às outras.

**O que acaba por ser irónico, pois estamos na era digital onde tudo está à distância de um *click* e parece que é quando as pessoas se sentem mais sozinhas do que nunca.**

Eu pessoalmente não gosto de mensagens escritas, acho horrível, acho impessoal. Eu gosto de toque, de conversar e de estar.

**Em termos de faixa etária, qual é a mais recorrente? Ou as chamadas são tão anónimas que também não fazem essas perguntas?**

Fazemos para efeitos estatísticos. Como disse, já temos muita gente até aos 20 anos que nos ligam, depois naquela meia-idade, os que são velhos para trabalhar e novos para serem

reformados. Muita gente que ficou sem emprego e que nos ligam, andam à procura de trabalho e não encontram, estão um bocado abandonados. Depois os idosos, a partir dos 70 anos, muita gente que está sozinha e que nos liga a pedir companhia.

**Esta organização funciona à base de voluntários que têm uma formação. Em que consiste essa formação?**

A formação é muito simples. Há duas entrevistas, uma num grande grupo e outra personalizada com uma técnica psicóloga personalizada. A entrevista pessoal é para ver como é que a pessoa está emocionalmente, para poder continuar neste voluntariado. Depois há uma formação durante oito semanas, onde os voluntários têm de assistir todas as semanas a uma reunião de uma hora e meia com uma técnica. Todos os voluntários, mesmo os que já estão a atender, têm todas as semanas uma reunião de uma hora e meia para falar dos seus sentimentos, sobre aquilo que ouviram, das suas emoções, sobre aquilo que os magoou mais, aquilo que lhes causou mais sofrimento. Os novos voluntários estão a ouvir e ver como os mais antigos agem e aquilo que as técnicas psicólogas dizem. À oitava semana eles têm uma dupla escuta, aquilo que a nossa psicóloga chama espreitar pelo buraquinho da fechadura. Temos na nossa sede um aparelho onde o voluntário novo não pode falar, apenas ouvir e o mais antigo está a atender chamadas, durante um turno. Depois eles levam para a reunião seguinte a sua interpretação daquele atendimento, daquelas três horas em que estiveram a ouvir o atendimento e qual a chamada que mais os perturbou e discutem com a técnica. Mediante o que sentiram com aqueles atendimentos ficam ou não.

**Quantos voluntários têm neste momento?**

47 voluntários.

**Como funcionam os horários?**

Há três turnos de atendimentos por dia, das 15.30h às 18.30h, das 18.30h às 21.30h e das 21.30h às 00.30h. A central pode ter duas linhas a funcionar em simultâneo, ou seja, podem estar duas pessoas a atender ao mesmo tempo. Com a pandemia ficámos a atender a partir de casa, mas quem não quer estar em casa pode ir para a sede atender, desde dia 31 de dezembro até dia 31 de dezembro. Todos os dias ininterruptamente.

**Os voluntários conseguem dar resposta ao número de chamadas?**

Temos muitas chamadas. Nós recebemos por volta de 1000 e tal chamadas por mês. Neste momento temos os três turnos da primeira linha ocupados e já temos muitas segundas linhas a funcionar.

**Reparei que na vossa página que têm o número de chamadas por ano e reparei que aumentou bastante de 2019 para 2020. Notaram essa maior afluência de chamadas?**

Notámos, acrescentamos mais uma hora de atendimento por dia, o que reflete que se fazem bem mais chamadas. O nosso objetivo é termos no mínimo duas linhas a funcionar ininterruptamente todos os dias.

**Essas linhas são pagas ou gratuitas?**

São pagas. Hoje em dia imensa gente tem pacotes de tarifário que lhes permite ligar.

**Durante a pandemia notaram que os motivos das chamadas se mantiveram iguais ou passou a haver outras preocupações?**

Passou a ser o COVID-19, a solidão maximizada e o desemprego.

**Antes da pandemia o desemprego não era uma razão proeminentes para fazer estas chamadas?**

Não.

**Os voluntários podem redirecionar as pessoas para apoio psicológico?**

Não, é tudo duplamente confidencial. Eu não sei quem me liga nem as pessoas sabem quem atende. Podemos eventualmente aconselhar apoio psicológico, psiquiátrico ou de um médico. Isso podemos fazer.

**Acontece haver chamadas recorrentes? Onde já sabem quem vos está a contactar?**

Sim, temos os chamados habituais. Há pessoas que nos ligam todos os dias, só porque sim. Já as conhecemos e sabemos quem são.

**As pessoas nunca tentam estabelecer um contacto mais profundo, como perguntar o vosso nome ou outras informações?**

Sim, nós damos um nome hipotético. Marias há muitas na terra, por exemplo. Há pessoas para quem saber o nosso nome é uma bengala para a conversa, uma ajuda.

**Já aconteceu haver pessoas que vos queriam conhecer?**

Às vezes dizem “Gostava tanto de a conhecer porque fez-me tão bem e ajudou-me tanto”, mas não é esse o objetivo, tão pouco mais ou menos.

**Então nunca conheceu ou soube o nome de alguma pessoa com quem teve contacto?**

Não.

**Para além de vice-presidente também atende estas chamadas?**

Já atendo há sete anos.

**Quais são os melhores sentimentos que lhe desperta esta função?**

Eu faço vários voluntariados. Sou voluntária da Santa Casa em equipamentos com idosos, faço companhia a idosos, sou voluntária na irmandade de S. Roque e levo a missa e a parte espiritual aos equipamentos da Santa Casa. Neste momento também estou na marcha da Santa Casa com os utentes e tenho o SOS Voz Amiga, que é o que eu gosto mesmo de fazer.

**E porquê?**

Porque nós temos naquele momento logo o feedback da ajuda que estamos a dar. Se uma chamada termina com um “Ainda bem, gostei tanto de a ouvir, tive tanto prazer em ouvi-la, estou muito mais calma, obrigada” isso para mim é uma alma cheia. Eu não estive ali só porque sim, estive ali a ajudar uma pessoa. Nem que seja só naquele momento, mas naquele momento eu dei-lhe o que aquela pessoa precisava. Isso para mim é muito reconfortante e recompensador.

**E quais é que são as coisas mais duras e o que torna este trabalho mais difícil?**

Às vezes levo uns murros no estômago valentes quando acontece uma situação onde, por mais que queiramos ajudar, a pessoa não sai do mesmo registo. Se chora do início ao fim, se está angustiada e fica na mesma, se está sozinha e continua sozinha... temos algumas chamadas assim.

**Ou seja, sentir que naquela chamada não conseguiu chegar à outra pessoa e ajudá-la?**

Estive com a pessoa ali naquele momento, mas dar-lhe algum reбуçado para que ela ficasse mais docinha não aconteceu.

**Falando agora sobre ser Vice-Presidente, é difícil gerir tantos voluntários e toda esta logística?**

Além de Vice-Presidente sou coordenadora dos voluntários, mas é só preciso estar atenta. Ver se há turnos em aberto e fazer uma força para que se preencham, tentar tanto quanto possível ter os nossos voluntários satisfeitos e bem-dispostos, se tiverem algum problema perguntar o que se passa e pronto.

**Existe muita rotatividade de voluntários ou tendem a sair passado um tempo?**

Eles ficam, mas há também uma saída e entrada grande de voluntários. Normalmente um, dois ou três anos. Temos voluntários com 20 anos, não são muitos, mas temos. Tanto quanto possível tentamos dar-lhes o apoio e algum calor, mas há pessoas que ao fim de pouco tempo saem. Outras pessoas fazem uma pausa durante uns tempos e depois voltam, não é fácil.

**Costumam ter várias pessoas interessadas em integrar a equipa?**

Sim, mas depois não ficam muitos. Quando vão ao website e se inscrevem para ser voluntários são muitos, às dezenas, mas depois chegam à conclusão de que aquilo não é exatamente o que pensavam. É bem mais duro do que estavam a pensar.

**Costumam ter voluntários da área de psicologia?**

Normalmente são os que ficam menos tempo. Chamamos-lhes de “psis”, quando vamos fazer formação e na primeira reunião ouvimos que esses voluntários veem da área de psicologia na entrevista seguinte presencial já veem menos. Depois ficam poucos e, ao fim de uns tempos, ou porque começam a trabalhar e têm de deixar ou por outras razões saem.

**Qual é a faixa etária mais recorrente de voluntários?**

É variada. Somos 47 e há de tudo, engenheiros, uma médica, há de tudo.

3.2 - Entrevista a Eliana Cruz, 41 anos, psicóloga do Centro de Apoio Psicológico e de Intervenção em Crise (CAPIC) do INEM. Realizada no dia 31 de maio de 2022.

**Em que consiste o seu trabalho no CAPIC no INEM?**

O trabalho dos psicólogos no INEM divide-se em várias áreas. Existe a área de apoio à população através de tele-apoio no CODU, Centro de Orientação de Doentes Urgentes, onde é prestado apoio nas chamadas decorrentes de situações traumáticas, situações de psiquiatria urgentes. O psicólogo presta o seu apoio e faz a sua intervenção com a população, mas também com profissionais do INEM, no caso de chamadas mais exigentes. Além disso, o psicólogo do INEM tripula a UMIPE, Unidade Móvel de Intervenção Psicológica de Emergência e aí o psicólogo, em conjunto com um técnico de emergência pré-hospitalar dirige-se ao local da situação crítica, um acidente por exemplo e vai prestar apoio diretamente à população e às equipas de emergência. Além disso, fazemos também atividade académica, investigação, formação na área da intervenção psicológica na emergência pré-hospitalar, etc. Acabamos por dar apoio também nesse aspeto.

**Quais são as diferenças entre o CAPIC e a linha de aconselhamento psicológico do SNS 24? O CAPIC é exclusivo para situações de urgência?**

Situações de urgência e de emergência médica.

**O SNS 24 funciona como um serviço menos urgente então?**

Exatamente.

**Eu investiguei que existe um reencaminhamento e triagem de outras linhas, como funciona?**

Aquilo que pode acontecer é, por exemplo, os colegas do SNS 24 ao perceber alguma gravidade na situação do doente o encaminharem para nós. A nossa parceria é com o Sistema Nacional de Saúde.

**Há quanto tempo existe este serviço?**

Desde 2004.

**Quantos profissionais trabalham nesta linha?**

Neste momento somos 24 profissionais ao todo.

**Conseguem dar resposta a todas as chamadas que recebem?**

Sim, com certeza que sim. Temos conseguido dar respostas, depois é uma questão de gestão do nosso serviço.

**Como a pandemia, notaram um maior número de chamadas?**

Notamos menos chamadas de emergência e algumas delas para apoio à situação de isolamento ou para casos positivos de COVID-19.

**Ou seja, sentiu que durante a pandemia este Centro se focou mais na vertente do aconselhamento do que de emergência?**

Não, a nossa vertente é sempre de emergência hospitalar. Mesmo a procura dos utentes eram situações de emergência relacionadas com COVID-19, mas nunca com o objetivo do aconselhamento. Nunca é essa a procura.

**Quais são os motivos mais recorrentes das chamadas de emergência?**

São a ansiedade e intenções suicidas principalmente, mas também acidentes traumáticos.

**Quantas chamadas recebe por dia, se tivesse de estimar?**

Não é fácil dar um número porque não tenho acesso a eles. Não quero dar uma informação que não corresponde à verdade, mas não tenho mesmo ideia.

**Existe alguma faixa etária e género mais predominante nas chamadas?**

Nós não temos essa informação. Nós perguntamos, mas não temos acesso à análise de dados, que é feita pelo próprio instituto. Todos esses dados ligados à gestão do serviço não consigo ter acesso, têm de ser solicitados ao INEM.

**Tendo em conta a sua experiência, este atendimento telefónico é eficaz? Apesar de ser só por voz?**

Sim, é igualmente eficaz, dependendo da situação e do contexto.

**Há um estudo recente que refere que Portugal é um dos países da União Europeia com menos psicólogos e psiquiatras por cada 100 000 habitantes e que estão principalmente concentrados nas áreas urbanas, o que origina falta destes profissionais em áreas do país mais remotas. Acha que se poderia fortificar este aconselhamento telefónico como forma de chegar a mais pessoas?**

Sim, este aconselhamento por telefone pode encurtar essas distâncias e chegar a uma maior população.

**O ideal seria ter mais profissionais, mas acha que este aconselhamento telefónico poderia dar resposta a esta escassez?**

Sim, pode ajudar a dar essa resposta.

3.3 - Entrevista a Sofia Santos Nunes, 28 anos, Presidente da Associação Sobreviver. Realizada no dia 31 de maio de 2022.

**Qual é a função da Associação Sobreviver?**

Esta associação foca-se nos sobreviventes de suicídio, não diretamente relacionados, mas familiares ou amigos das pessoas em questão. Os suicídios deixam, em média, entre seis e dez pessoas diretamente afetadas ou traumatizadas. Estes casos originam lutos específicos derivados dos suicídios e dos estigmas associados. A saúde mental ainda não é vista como doença e o suicídio é visto como uma escolha livre ou um comportamento, descurando o estado mental que a pessoa pudesse ter e que foi um fator gritante para este desfecho. Estas situações deixam familiares e amigos com sentimentos de abandono e raiva. A Associação Sobreviver foca-se em ajudar as pessoas a perceber tudo isso e a fazer o luto através de conversas em grupo ou individuais. Muitas destas pessoas são mais suscetíveis para, depois destas situações, se suicidarem ou terem transtornos mentais e a prevenção é algo muito mais complexo do que se pode pensar. No que toca a saúde mental e suicídio, qualquer pessoa pode estar em risco. Existem fatores ambientais e

sociais que contribuem mais para estas situações ou existirem grupos de risco mais suscetíveis, mas essencialmente qualquer pessoa que não cuide da sua saúde mental pode correr esse risco. Já existe uma guia feita em colaboração com a Ordem dos Psicólogos sobre o que se deve fazer nestas situações, mas existe uma cobertura e literacia de saúde mental muito insuficiente em Portugal.

**Estas linhas de aconselhamento e apoio poderiam funcionar como serviços de prevenção?**

Sim, com a pandemia não se verificou um aumento no número de suicídios, como seria de esperar comparativamente a outras crises na história, como foi o caso de 2008. Isto aconteceu porque houve uma boa cobertura da saúde mental e acessibilidade a serviços, foi um tema muito abordado e normalizado por todos os órgãos sociais. Criaram-se linhas telefónicas e apoios, as consultas dispararam, houve toda uma preparação e sensibilização. Por exemplo, a depressão altera toda a estrutura de uma pessoa, é uma doença. Às vezes estes transtornos podem acontecer sem alguma razão direta, pelo que é essencial fazer uma manutenção e prevenção antes dos sintomas dispararem. As linhas de apoio existentes têm várias categorias e há quem critique algumas por serem à base de voluntários. Estas linhas são extremamente importantes para a intervenção em crise, mas não têm grande capacidade de prevenção, que é um processo mais complexo. Existe em Espanha uma linha que opera 24 horas por dia, em Portugal a maior parte destas linhas tem horários específicos por falta de recursos. Era importante todas estas linhas se juntarem e criarem um apoio que operasse 24 horas e se focasse numa prevenção a montante.

**O SNS 24 tem uma linha de apoio psicológico que opera 24 horas.**

Sim, mas penso que esse serviço só surgiu com o a pandemia. A necessidade de um bom serviço que opere durante 24 horas é muito importante.

**Existe de facto uma escassez de psicólogos e psiquiatras em Portugal, é um dos países da União Europeia com menos destes profissionais por cada 100 000 habitantes. Estas linhas de apoio poderiam colmatar as falhas nos serviços de prevenção?**

Os Centros de Saúde servem como prevenção, mas muitas vezes não reencaminham para psiquiatras ou psicólogos, prescrevem os antidepressivos. O acesso a estes serviços em Portugal não é fácil e assim perdem-se pessoas pelo caminho. É essencial fortalecer a assistência e serviços de primeira-linha para chegar a estas pessoas. Outro fator muito importante são os porteiros

sociais, membros da comunidade que podem ter um papel ativo na identificação destes casos. Por exemplo, padeiros que possam ficar atentos a clientes mais idosos ou com outros fatores de risco e agir caso identifiquem padrões preocupantes.

As linhas telefónicas deveriam criar um plano de atuação em tempos de crise e deveria existir uma linha para a geração mais idosa, dos 50 anos para cima, que é a faixa etária mais suscetível ao suicídio. Tem de haver um aumento de recursos, facilidade de acesso e aumento da literacia sobre o assunto, existe ainda muito estigma em redor da saúde mental e a pedir ajuda. Não existe investimento público na questão da prevenção, mas isso poderia tirar pressão de outros mecanismos que são acionados *a posteriori*. Deve existir um investimento nos recursos, próprios profissionais de saúde mental, acessibilidade e linhas de apoio de 24 horas.

**Tinha mencionado Espanha, lá existe um serviço de prevenção mais sólido?**

Sim, existe uma maior coordenação e mobilização de recursos apesar de não ser um exemplo, como o Reino Unido ou o Canadá. O Reino Unido é um dos maiores exemplos de prevenção de saúde mental. Essencialmente, tem de existir uma maior sensibilização e investimento público em mecanismos de prevenção e literacia. Estas associações que têm as linhas de apoio não têm investimento público e estes apoios são essenciais para o bom funcionamento destas plataformas.

3.3 – Entrevista a Inês (nome fictício), de 22 anos, jovem com crises de ansiedade depois do confinamento. Realizada no dia 8 de junho de 2022.

**Como é que lidaste com a pandemia e confinamentos e que impacto é que isso teve na tua saúde mental?**

Durante o confinamento em si eu lidei bastante bem e não tive qualquer sintoma mais ansioso. O que eu senti foi uma onda de ansiedade bastante grande assim que voltámos à vida normal assim que acabou o confinamento, nomeadamente no verão a seguir. Na altura eu nem

sequer consegui fazer uma associação, nem percebi que essa onda de ansiedade pudesse estar relacionada com o isolamento, até que procurei ajuda e me foi dito que realmente podia ter alguma coisa a ver. A minha psicóloga disse que estava a ver muita gente com a minha idade a começar terapia, jovens que estiveram muito mal no confinamento sem se aperceberem. Ela referiu que era quase um padrão.

### **E foi fácil encontrares ajuda psicológica?**

Foi fácil porque foi uma recomendação de amigos, pelo que não tive muita dificuldade.

### **Durante o confinamento não sentiste a necessidade de procurar ajuda, mas sentiste-te ansiosa?**

Se me senti ansiosa não foi nada fora do banal, nada que não tivesse sentido antes do confinamento, pelo que não senti uma distinção entre a ansiedade sentida no confinamento e antes do confinamento. Lá está, por isso é que não consegui fazer a associação entre o confinamento e a ansiedade. O que me foi dito foi que a minha ansiedade não foi derivada do confinamento, mas sim despoletada por isso, que antes já devia existir, mas o confinamento deve ter criado todas as condições necessárias para que os sintomas começassem a aparecer com mais intensidade.

### **Que sintomas foram esses, o que sentias?**

Eu comecei a ter bastantes crises de ansiedade, aqueles sintomas que se lê e são parecidos com um ataque cardíaco ou algo do género, estar super acelerada, uma sensação de desamparo e não saber o que fazer e de descontrolo total sobre os pensamentos. Não posso dizer que isto me aconteceu todos os dias desde que o confinamento acabou, mas tive alguns episódios que foram um pouco mais críticos e que só mais tarde me consegui aperceber da gravidade da situação. Na altura eu sabia que aquilo não estava certo nem fazia sentido, estava completamente desesperada, posso mesmo dizer isso, mas só mais tarde vendo em perspetiva é que consegui perceber. Só hoje em dia é que olho para trás e percebo que não era normal, não fazia sentido estar a viver assim, a acordar angustiada e com um descontrolo total sobre os meus pensamentos.

### **Quanto tempo é que demoraste a tomar a decisão de procurar ajuda? Como foi esse processo?**

Lá está, os meus sintomas começaram no verão pós-confinamento e eu senti que precisei do verão todo, dois meses mais ou menos, da perspectiva de estudante. Comecei a ter os sintomas muito agravados no início do verão, quando começámos a desconfinar e só no final comecei a procurar ajuda porque também estava no processo de perceber o que se estava a passar, se era uma coisa de uma semana, dois dias ou se a minha vida inteira ia ser assim dali para a frente. Quando comecei a perceber que isto já estava a durar um pouco mais do que é normal, pois anteriormente já tinha vivido situações assim, mas nunca com a mesma intensidade nem durante tanto tempo, foi quando decidi procurar, no final do verão. Felizmente, tive o privilégio de ter pessoas com quem pude falar sobre o que eu estava a passar que me souberam até indicar uma psicóloga, o que facilitou muito o processo de procura. Costumamos pensar que psicólogos há tantos e se calhar muitos deles não são muito qualificados para o serem e para mim era muito importante que fosse alguém de quem já tivesse ouvido bom *feedback*, qualquer coisa que me indicasse de que era um bom profissional. Isso para mim era muito importante.

### **Como é que reagias quando te sentias mais angustiada?**

Lembro-me de um evento em particular, que foi o ponto crítico para decidir procurar ajuda, onde tive um momento muito ansioso, acho que se pode dizer que foi uma crise de ansiedade. Estava a voltar de férias com amigos e lembro-me de estar no elevador do meu prédio e pensar “Preciso de chegar a casa, preciso de chegar a casa, não estou nada bem”. Assim que cheguei a casa comecei logo a chorar, em pânico, como se fosse uma criança. Não são lágrimas de crocodilo, é mesmo aquele choro ansioso e desesperado, senti que estava desesperada. Estava desesperada por alguma coisa que nem sabia bem o que era. Não havia nada que me pudesse ajudar naquele momento, por outro lado eu sabia que precisava de algo que me acalmasse, mas não sabia bem o quê. Estava completamente desesperada e liguei a um amigo que vive perto e foi a minha casa. Lembro-me que estava a tremer, quase em choque, nem consigo desenvolver muito mais. Lembro-me que consegui ver nos olhos do meu amigo que ele estava a pensar “estou um bocado assustado, não sei lidar com isto, nunca vi alguém assim, mas tenho de me manter calmo para conseguir ajudar”. Depois conversamos um pouco com ele fez-me algumas perguntas (como é que me estava a sentir, porquê) quase como um fio condutor para o porquê daqueles sintomas. Apesar de não ter resposta para quase nada, acho que ajudou bastante ter tido alguém para conversar um bocado e definitivamente acalmou-me muito.

### **Já ouviste falar de alguma linha de apoio psicológico?**

É aquele saber onde eu sei que existe, mas é uma realidade que está muito distante. Sei que existem algumas, mas não tenho qualquer informação sobre elas pelo que nunca sequer me ocorreu ligar para uma linha dessas. É algo que se que existe, mas nunca ouvi falar o suficiente. Quando penso em linhas de apoio, associo imediatamente a apoio ao suicídio e, na minha cabeça, remete-me logo para uma situação mais crítica. Também está ligado a, na altura, não ter percebido a gravidade da minha situação e na minha cabeça excluí logo essas opções, pensando que era para alguém que precisava mais do que eu.

**Olhando para trás e sabendo que existem, de facto, linhas de aconselhamento psicológico para quem sinta que precisa de falar com algum profissional, achas que terias feito uso dessas linhas?**

Olhando para trás e pensando neste episódio específico que tive e em que consegui falar com este amigo, questiono-me sobre o que teria feito caso ele não tivesse atendido o telefone e não tivesse vindo ter comigo. Naquele momento estava mesmo desesperada, é a palavra que define melhor, mas ao mesmo tempo não sei se teria ligado para uma dessas linhas. Sinceramente há várias questões: o facto número um é por ser um pouco mais constrangedor estar a falar com alguém que não conhecemos. Pode ajudar quando temos pensamentos que não queremos partilhar, mas ao mesmo tempo pode tornar a situação mais constrangedora. O que eu acho que me deixaria um pouco mais incerta em relação à minha decisão seria o facto de saber que, se estivesse a ligar para essas linhas, aí sim ficaria real. Eu sinto que quando estamos num estado assim tão crítico de ansiedade não pensamos bem, as coisas não estão no sítio e tudo fica ainda mais real quando procuramos ajuda. Por isso é que só consegui tomar a decisão de procurar ajuda através de uma psicóloga depois de estar mais calma, depois de a crise em si ter passado. Se calhar não teria ligado no momento em que estava mais ansiosa, mas talvez quando começasse a acalmar-me teria procurado informações acerca dessas possibilidades e talvez ponderaria entrar em contacto com essas linhas, sim. Não quando estivesse a ter o episódio mais ansioso, mas sim quando estivesse um pouco mais calma e capaz de pôr as coisas em perspetiva.

3.4 – Entrevista a Lúcia Amado, 51 anos, psicóloga clínica que já trabalhou na linha de apoio SOS Voz Amiga. Realizada no dia 9 de junho de 2022.

**Qual é a sua especialidade?**

Sou psicóloga clínica, trabalho com adolescentes e adultos e lido especialmente com depressões, ansiedade generalizada ou não, e fobias, que têm também a ver com o aspeto da ansiedade. Também sou técnica de apoio a vítimas de violência doméstica. Trabalho numa clínica privada e não me é possível atender patologias mais privadas, que são tratadas em ambiente hospitalar.

**Viu um grande aumento de pessoas com ansiedade e depressão depois da pandemia?**

Sim, bastante, se bem que as pessoas não têm tido facilidade em aderir à terapia, muitas delas por dificuldades financeiras. Algo que tive de repensar foi o preço das consultas, de forma a que as pessoas possam ter acesso a terapia. Nem que seja psicoterapia de apoio, que tem uma duração limitada de 10 ou 15 sessões, consoante a situação. Tive de baixar um pouco o preço das minhas consultas para que as pessoas pudessem ter acesso, havia uma grande dificuldade para conseguirem pagar. Em centros de saúde ou regime hospitalar não conseguem consultas, pelo menos com a brevidade que é necessário. As pessoas querem muito recorrer ao privado, mas depois não têm possibilidade de pagar. Para não se sentirem frustradas por não conseguirem pagar, mais vale baixar o preço e as pessoas já se sentem mais confortáveis porque é um valor a que conseguem chegar e possibilita que façam alguma coisa.

**De que forma esteve envolvida na linha SOS Voz Amiga?**

Na altura fiz formação por prevenção do suicídio e participei em algumas dessas formações na linha SOS Voz Amiga e participei nalguns encontros em que havia a partilha de experiências em várias linhas a nível nacional. A SOS Voz Amiga, como sabe, funciona à base de voluntariado e foi isso que fiz, fui voluntária.

**Fê-lo durante quanto tempo?**

Eu diria que cerca de dois anos. Tive de desistir por falta de disponibilidade, para mim tornou-se difícil com o avançar das consultas e não conseguia, porque só havia atendimento noturno. Houve uma altura em que ainda consegui conciliar, mas depois não foi possível continuar.

**Muito poucas pessoas têm conhecimento destes serviços e com a pandemia houve uma explosão de contactos para estas linhas. Acha que fortalecer estes serviços poderia ser um bom mecanismo para chegar a mais pessoas e satisfazer as necessidades?**

Eu penso que sobretudo é a divulgação. Enquanto estive na linha SOS Voz Amiga, uma coisa que reparei foi que tínhamos “chamantes” recorrentes. Alguns tinham o padrão de ligar uma vez por semana, outros ligavam todos os dias. Nós tínhamos umas sessões de partilha e chegámos à conclusão de que havia pessoas a ligar todos os dias e a sensação que eu tive foi de que o SOS não estava bem divulgado. Era um nicho, arriscaria a dizer, até geográfico, muitas pessoas que ligavam eram da zona de Lisboa, normalmente devido à solidão.

**Tocou num ponto interessante, a questão geográfica. Segundo a investigação que tenho feito, há uma distribuição de psicólogos muito mal feita ao longo do país, sendo especialmente escassa em zonas rurais, onde a solidão predomina. Acha que estas linhas poderiam dar uma resposta enquanto não se investe no aumento de recursos e de profissionais?**

Eu penso que sim, é sempre bom e obviamente nas regiões onde a densidade populacional é menor e os recursos acabam por ser menores, as linhas são muito importantes. Não só as linhas, mas também o apoio presencial. A vantagem da linha qual é? É o anonimato, há muitas pessoas que ligam e preferem falar à distância e não falar cara-a-cara. O facto de ninguém saber quem elas eram ajuda-as imenso, pois permitia que expusessem muito mais, que se abrissem muito mais. Conseguiram ter uma conversa mais profunda e ir ao âmago das questões que as atormentavam. Muitas delas até confessaram a vontade de cometer suicídio e de não quererem mais viver naquela condição. Aqui também entra a patologia mental, havia pessoas que ligavam onde se percebia nitidamente (e algumas também o diziam) que estavam medicadas, com depressões major ou até pessoas com esquizofrenia, que não estariam propriamente em surto, mas onde se notava a descompensação própria da doença. Julgo que seria bastante importante que houvesse mais divulgação, principalmente nessas zonas do interior do país, para que as pessoas tenham acesso a essas linhas. O existirem mais também seria importante, na medida em que, quando estive na SOS

Voz Amiga, nem sempre foi possível atender todas as chamadas. Havia muitas chamadas que caíam e, obviamente, não tínhamos acesso aos números, pela questão do anonimato e da confidencialidade. Portanto não podíamos ligar de volta, não sabíamos quem eram, se iriam voltar a chamar ou se tinham desistido de fazer a ligação.

**Por vezes pode ser muito difícil para algumas pessoas tomar essa decisão de pedir ajuda, pelo estigma que existe ou pela falta de recursos e apoio. Estas linhas podem facilitar esse processo?**

Exatamente, sim. Sei que há bastantes linhas para estudantes, que são uma população de risco, mas realmente noutras partes do país e para pessoas mais idosas, com escolaridade inferior à média, não há conhecimento de que estes apoios existem. Há uma grande necessidade de divulgação e de replicação destes serviços.

**A pandemia originou um grande impacto na saúde mental de todos. Que repercussões é que isso pode ter a longo prazo?**

A forma como vejo a questões de saúde mental resultantes da pandemia é que esta veio acelerar, por assim dizer, algumas patologias que podiam estar inertes, que surgiriam provavelmente mais tarde, noutras contextos de vida, noutras episódios de vida que pudessem ser traumáticos. A pandemia fez com que tudo isso chegasse muito mais depressa. O que é que isso implica futuramente? Implica que, consoante o tipo de personalidade de cada um de nós, as coisas acabam por se tornar recorrentes e o que poderia surgir mais tarde surgiu mais cedo. Quantas mais vezes surgir, maior é a dimensão do problema, da patologia. Esta pandemia gerou muita solidão, as pessoas que tinham uma vida absolutamente normal e socialmente aceite e gratificante acabaram por se isolar e houve uma grande crise de isolamento. A solidão é que leva ao desespero, quando falamos de suicídio falamos, sobretudo, de desespero. A pessoa quando se suicida é porque chegou ao limite do desespero e não lhe é suportável continuar a viver. Foi o problema da solidão, não a falta de liberdade como se fala, pois isso é relativo. Mesmo que as pessoas se pudessem sentir contidas de alguma forma não existiu uma verdadeira falta de liberdade. Houve muita gente que fez tudo o que queria, se não o fez foi por o comércio ou a hotelaria estarem fechados e nessa medida não foi possível as pessoas concretizarem tudo o que fariam socialmente. Isso também foi colmatado com festas privadas e muitas pessoas conseguiram contornar essa ausência. Futuramente ainda vamos ver o que daqui vai surgir, a nível psicológico e a nível físico. Sobretudo

será isso, um antecipar de problemas, apesar de serem latentes e fazer com que se tornem mais recorrentes na vida de cada pessoa. Cada vez que ele surge, o impacto do problema e da patologia é maior e a dimensão também. Para dar um exemplo mais concreto, uma pessoa que poderia ter uma depressão só aos 30 anos de idade teve-a aos 20 e tê-la-á novamente aos 25 e talvez aos 30. Afundou tudo e a saúde mental é uma preocupação muito grande no futuro. Não sabemos ainda o que por aí vem, mas vai resultar muita coisa desta pandemia, que ainda não acabou.

**Uma das maiores lições que podemos todos tirar é a importância da manutenção e prevenção da nossa saúde mental, que é muito importante o Estado estar envolvido e incentivar recursos e infraestruturas para tal.**

Exatamente, mas sobretudo porque a doença mental não faz um pré-aviso, ou pelo menos o pré-aviso não é consciente. Muitas vezes as pessoas não se apercebem que estão a entrar numa espiral ou que estão à beira da rutura. Quando se apercebem acaba por ser um pouco tarde. Uma depressão, por exemplo, não pode ser diagnosticada antes de seis meses de acompanhamento, ou seja, temos de ter determinados sintomas durante este período para ser diagnosticada. Ainda acresce esta dificuldade, de não existir um pré-aviso. Em Portugal não existe a cultura de fazer terapia por antecipação, por autoconhecimento, não temos esse hábito. A pessoa recorre ao psicólogo ou psiquiatra quando se sente muito mal e percebe que não tem margem de manobra a não ser recorrer a estas entidades especializadas.

**Falta a componente de prevenção?**

Exatamente, falta essa componente.

**Acha que houve uma boa cobertura para responder às necessidades de saúde mental com o aparecimento da pandemia?**

Penso que houve um grande enfoque nos profissionais de saúde. Relativamente à população em geral, houve alguma divulgação relativamente ao SNS 24, mas não sei até que ponto é que esse apoio conseguiu chegar a toda a gente que precisava. Eu sei de casos de pessoas que procuraram essa ajuda do SNS 24 e não conseguiram por diversos motivos. Ou porque não conseguiam que atendessem a chamada ou que não obtiveram a ajuda que considerariam necessária. Aquela é uma linha de apoio e intervenção na crise, mas não é uma psicoterapia e as pessoas não podem esperar tudo dali, não é possível. De facto, sinto que houve essa divulgação,

mas não terá sido para toda a gente. O SNS 24 acaba por ser pouco, era preciso que se aumentasse muito esse serviço.

**E este serviço só surgiu com o aparecimento da pandemia, antes não existia.**

Exatamente e quando veio já veio tardiamente.

3.5 - Entrevista a Marco (nome fictício), 30 anos, jornalista que utilizou a linha de apoio “Conversa Amiga”. Realizada no dia 28 de junho de 2022.

**Como foi a tua experiência com a linha de apoio que utilizaste?**

Correu bem, eles são ouvintes, sobretudo é isso. Não são psicólogos nem estão a questionar opções ou sentimentos, estão sobretudo a ouvir e a compreender, é muito à base disso. Eles simplesmente dão azo a, se quiseres saber mais sobre alguns temas e fizeres perguntas, eles respondem, têm na ponta da língua imensa coisa, mas não interferem com o teu discurso.

**Utilizaste a linha de apoio “Conversa Amiga”, certo?**

Exatamente, decidi ligar para eles após a linha “SOS Voz Amiga” não ter atendido nos primeiros cinco minutos, acho que à segunda tentativa metia uma corda ao pescoço, se estivesse desesperado. Eu sei que eles não têm poucas chamadas e são voluntários, recentemente até li numa notícia que ficaram sem espaço físico... Liguei uns dias antes e ninguém me atendeu, mas só esperei cinco minutos. Achei “piada” a que, ao contrário de qualquer outro serviço para onde se ligue, ouvimos uma voz constantemente a dizer “Não desligue a chamada, estamos a tentar atender o mais depressa possível”. Com eles existe sempre uma voz, ao contrário de um banco ou uma seguradora, onde de repente há um silêncio. Ali há sempre uma voz a acompanhar a chamada.

**Achas isso um pouco reconfortante?**

Sim e não, pode ter um efeito no subconsciente. Eu liguei mesmo não estando totalmente desesperado, mas agora percebo melhor. Ligar e falar com uma pessoa que não te conhece, não te

julga, não sabe de onde vens, não sabe os teus pecados ou as tuas virtudes, pode ser melhor do que falar com um amigo. A verdade é essa.

### **E é sempre tudo em anónimo?**

Sim, ninguém pergunta o meu nome. É assim que tem de ficar, no anonimato, é só uma voz amiga e não o João ou a Maria amiga. Acredito que as pessoas liguem por causas semelhantes às minhas, mas eu por acaso não estou a querer meter uma corda ao pescoço. A minha vida não está assim tão má, mas não está boa também. Para além das minhas “merdas” ainda tenho de lidar com uma data de problemas familiares que vão surgindo do nada, é complicado.

### **Sentes que te ajudou?**

Claro que sim, desabafar ajuda sempre, mesmo que no dia seguinte volte ao mesmo. É uma ajuda efémera, mas importante no momento. Se a pessoa tiver realmente uma arma apontada à cabeça e ligar para lá, duvido que se mate, mas no dia a seguir vai continuar a ter vontade de se matar. Os problemas são mais profundos e tem de haver um acompanhamento. Tem de haver uma melhoria significativa para apoiar pessoas com problemas psicológicos e não há investimento na medicina, a área de psicologia e psiquiatria é a que tem menos investimento, no mundo inteiro. Está tudo dito, a partir do momento em que isso acontece, o que é que podemos fazer? Os voluntários dão um reconforto momentâneo, mas não conseguem dar uma poção mágica que consiga perpetuar uma condição de melhoramento, isso é muito difícil.

### **Tinhas dito que a vida não te corre mal, mas também não te corre bem. Alguma vez consideraste ter acompanhamento psicológico?**

Nada, mas já considerei. Quando tinha 20 ou 21 anos e tive alguns comportamentos mais explosivos com os meus pais, eles levaram-me a uma clínica de psiquiatria. O médico disse “O que mais precisa é de acompanhamento psicológico, talvez de se drogar e de melhores companhias”, mas nunca me disse para continuar lá. A psiquiatria tem um efeito evidente, porque há medicação que ajuda a atenuar os problemas. Pessoalmente acho que, e sei que é grave de se dizer, a psicologia não está longe de algo como a cartomancia. Os problemas psicológicos resolvem-se pela própria pessoa ou graças a quem está à sua volta e se estima, ponto. Não é um psicólogo desconhecido a quem pago 200 euros por semana. Tenho amigos que dizem que sim, que a psicoterapia que fizeram foi muito importante para eles e eu acredito (também nunca fui)

mas desacredito muito este processo. Eu acredito realmente que são as relações interpessoais que tenho à minha volta que vão influenciar o meu estado de espírito, unicamente isso.

**Essa opinião tem a ver com a realidade em Portugal, de falta de financiamento na área da psicologia, ou no geral?**

No geral, quando falei de financiamento estava a falar do Ocidente. Pode haver diferenças entre os países, mas a psiquiatria e psicologia continua a ser a parente fraca da medicina. Estes problemas devem ser detetados mais cedo, comigo aconteceu na fase adulta, já estava na faculdade. Numa licenciatura é mais difícil acompanhar alguém que está a passar por esses problemas, não é a mesma pedagogia do que com alguém do secundário ou ensino básico. Agora, sabendo que, a maior causa de morte até aos 20 anos é o suicídio e a segunda maior até aos 34 anos também é o suicídio, é evidente que nos jovens deve existir um acompanhamento muito maior e os psicólogos e psiquiatras devem ter outro peso na medicina, que atualmente não possuem. Mas isto é global, não é só em Portugal, apesar de acreditar que aqui seja pior.

**Sentes que a pandemia veio afetar esses teus demónios?**

Sim, antes da pandemia tinha um ritmo de vida onde conhecia os meus limites e já estavam pautados por aí. Depois chega a pandemia, tens imenso medo de uma coisa, que afinal não é assim tão grave e estás três ou quatro meses a boicotar o teu estilo de vida. Depois de boicotar o teu estilo de vida durante esse tempo vêm o abrir o portão. Tinhas a porta entreaberta, as persianas fechadas, tudo fechado e do nada abre-se, então sim, de repente descompensas-te em várias frentes.

ANEXO 4 – REPORTAGEM “AS VOZES ANÓNIMAS QUE AJUDAM QUEM PRECISA, À DISTÂNCIA DE UM TELEFONEMA”

<https://preview.shorthand.com/TqLltQ26c7D3fMjd>